

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE – UFAC**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPEG**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA**  
**- PPGPEH**  
**CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA**

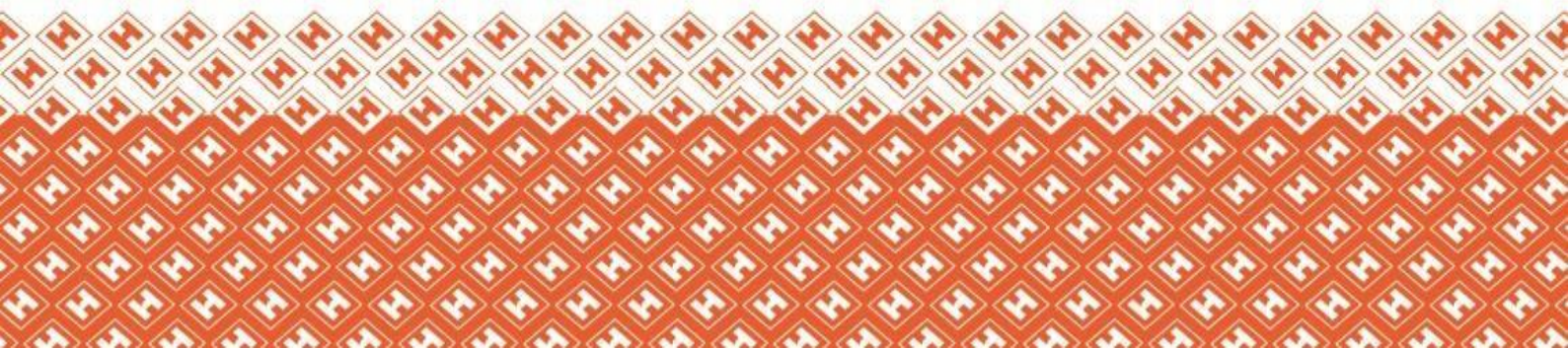


---

**WEMEFRA ROCHA DE SOUZA**

**ENSINO REMOTO DA DISCIPLINA DE HISTÓRIA: UM ESTUDO REALIZADO NA  
ESCOLA FUNDAÇÃO BRADESCO EM RIO BRANCO-ACRE**

**RIO BRANCO**  
**SETEMBRO/2022**



**WEMEFRAN ROCHA DE SOUZA**

**ENSINO REMOTO DA DISCIPLINA DE HISTÓRIA: UM ESTUDO REALIZADO NA  
ESCOLA FUNDAÇÃO BRADESCO EM RIO BRANCO-ACRE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História - PPGPEH da Universidade Federal do Acre, como requisito final à obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Linha de Pesquisa: Saberes históricos no espaço escolar.

Orientador (a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Franciele Maria Modesto Mendes

**RIO BRANCO**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

---

- S729e Souza, Wemefran Rocha de, 1982 -  
Ensino remoto da disciplina de história: um estudo realizado na escola Fundação Bradesco em Rio Branco-Acre / Wemefran Rocha de Souza; orientadora: Dra. Franciele Maria Modesto Mendes. – 2022.  
134 f.: il.; 30 cm.
- Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História - PPGPEH,  
Rio Branco, 2022.  
Inclui referências bibliográficas e apêndice.
1. Ensino de História. 2. Pandemia. 3. TDICs. I. Mendes, Franciele Maria Modesto (orientadora). II. Título.

CDD: 200

Bibliotecário: Uéliton Nascimento Torres CRB-11º/10074

**SETEMBRO/2022**  
**WEMEFRAN ROCHA DE SOUZA**

**ENSINO REMOTO DA DISCIPLINA DE HISTÓRIA: UM ESTUDO REALIZADO NA  
ESCOLA FUNDAÇÃO BRADESCO EM RIO BRANCO-ACRE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História - PPGPEH da Universidade Federal do Acre, como requisito final à obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Linha de Pesquisa: Saberes históricos no espaço escolar.

Orientador (a): Profa. Dra. Francielle Maria Modesto Mendes

**BANCA EXAMINADORA**

Profa. Dra. Francielle Maria Modesto Mendes  
UFAC (Orientadora)

Prof. Dra. Tereza Almeida Cruz  
Membro interno da banca

Prof. Dra. Vanessa Spinosa  
Membro externo da banca

## **AGRADECIMENTOS**

- ✓ Primeiramente, agradeço a Deus por ter me sustentado até aqui, onde busco forças nos momentos mais difíceis da minha vida.
- ✓ A minha família, pai e irmã, que incentivaram e me apoiaram, mesmo conhecendo a minha rotina exaustiva, deixando de lado minhas crises de ansiedade e picos de estresse, dando o suporte e motivando a continuar.
- ✓ Aos amigos que me ajudaram direta e indiretamente e orientadoras pedagógicas das escolas que trabalho que deram apoio e nos momentos mais tensos e não me deixavam esmorecer.
- ✓ Aos alunos da Fundação Bradesco, que aceitaram participar da pesquisa.
- ✓ À Professora *Marta Eni Souza Pereira*, Diretora da Escola de Educação Básica e Profissional Fundação Bradesco, por todo apoio.
- ✓ A professora e orientadora Francielle Modesto, pela paciência com meus atrasos, limitações e dificuldades decorrentes de inúmeros fatores, minha eterna gratidão.
- ✓ A todos os professores do programa que se dedicaram para garantir que nenhum de nós ficasse para trás, dando apoio e suporte para continuar nos momentos difíceis que enfrentamos durante a pandemia.
- ✓ Agradecimento especial a professora Tereza Cruz e ao professor Sérgio Roberto, pelo suporte no início do curso, diante da minha decisão momentânea de abandono do curso.
- ✓ Aos colegas de turma com os quais compartilhamos material, ideias, angústias e aflições.

**Gratidão a todos(as),**

## Lista de Figuras

<b>Figura 01- Pirâmide Gasser</b>	<b>31</b>
<b>Figura 02- Grade curricular do curso de história licenciatura</b>	<b>50</b>
<b>Figura 03- Sala de aula Webex</b>	<b>67</b>
<b>Figura 04- Relatório de frequência</b>	<b>68</b>
<b>Figura 05- Relatório de casos de Covid-19</b>	<b>70</b>
<b>Figura 06- Atendimento via WhatsApp</b>	<b>72</b>
<b>Figura 07- Atendimento via WhatsApp</b>	<b>72</b>
<b>Figura 08-Sala Webex</b>	<b>77</b>
<b>Figura 09-Sala Webex</b>	<b>78</b>
<b>Figura 10- Relatório de Sondagem</b>	<b>81</b>
<b>Figura 11- Sala webex</b>	<b>82</b>

## RESUMO

A pandemia da Covid-19 trouxe uma série de mudanças para o cotidiano da população mundial, o que, por sua vez, incluiu várias mudanças no ambiente escolar. Diante disso, essa dissertação tem os seguintes objetivos: estudar de que modo a tecnologia é usada no ensino remoto na disciplina de história no 9º ano da Escola de Educação Básica Fundação Bradesco durante a pandemia da Covid-19; relatar os desafios enfrentados pela professora, a coordenadora e os alunos voluntários da turma estudada com o novo modo de ensino de história, bem como, relatar as estratégias adotadas para superá-los; abordar o uso da tecnologia na educação acentuado pelas limitações causadas pela pandemia. Estudar esse tema se faz necessário para que possamos discutir a formação tecnológica dos docentes e seu preparo para esse novo momento que o mundo apresenta, envolto de recursos, tecnologias e novas formas de aprendizagens baseadas nas Tecnologias de Informação e Comunicação - TDICs. O *corpus* deste estudo é formado pelo diário de bordo de nove alunos da turma 9º ano A da escola Fundação Bradesco, em Rio Branco-Acre, o relato de experiência da presente pesquisadora/professora e uma entrevista com a coordenadora da instituição de ensino. Para a realização desta pesquisa foram feitos o levantamento bibliográfico, a produção de diário de bordo por alunos voluntários da referida escola, aliado ao relato de experiência docente. A pesquisa é dividida em três capítulos que buscam trazer uma trajetória do ensino de história no Brasil, a inserção das TDICs nas aulas de história e os relatos do cotidiano das aulas remotas. Teremos como parte da referência bibliográfica as autoras Ana Elise Ribeiro, Elza Nadai, Selva Guimarães Fonseca, entre outros/as.

**Palavras-chave:** Ensino de História, Pandemia, TDICs, Ensino Remoto.

## **ABSTRACT**

The Covid-19 pandemic brought a series of changes to the daily lives of all people around the world, which also included changes in the school environment. Therefore, this work aims to study how technology is used in remote teaching in the history discipline in the 9th grade of Fundação Bradesco Basic Education School during the Covid-19 pandemic; reporting the challenges faced by the teacher, the coordinator and the volunteer students of the class studied with the new way of teaching history, as well as reporting the strategies adopted to overcome them; address the use of technology in education accentuated by the limitations caused by the pandemic. Studying the topic is necessary so that we can discuss the training of teachers and their preparation for this new moment that the world presents, surrounded by resources, technologies and new forms of learning based on TDICs. The corpus of this study is formed by the logbook of nine students from the 9th grade A class at Fundação Bradesco school, in Rio Branco-Acre, my experience report and an interview with the coordinator of the educational institution. To carry out the work, a bibliographic survey, production of a logbook and report of the experience of volunteer students were carried out, together with the report of teaching experience. The research is divided into three chapters that seek to bring a quick trajectory of history teaching in Brazil, the inclusion of TDICs in history classes and reports of daily life in remote classes. The main authors to be used in the research will be Ana Elise Ribeiro, Elza Nadai, Selva Guimarães Fonseca and others.

**Keywords:** History Teaching, Pandemic, TDICs, Remote Learning.



## SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – TRAJETÓRIA DO ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA .....	17
1.1 Metodologias do ensino da história em diferentes temporalidades .....	26
CAPÍTULO 2 – ADVENTO DAS TECNOLOGIAS NO AMBIENTE ESCOLAR.....	38
2.1 A tecnologia na contemporaneidade .....	38
2.2 A necessidade do ensino remoto devido à pandemia .....	39
2.3 Diferença entre Ensino Remoto e Educação a Distância (EaD).....	41
2.4 Ensino remoto suas vantagens e desvantagens .....	43
2.5 Uso das TDICS no processo de ensino aprendizagem .....	48
2.6 Letramento digital no ensino de história.....	55
CAPÍTULO 3 – ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19....	62
3.1 Processo de ensino aprendizagem no espaço virtual .....	63
3.2 Pandemia para os alunos.....	74
3.3 Na hora da avaliação.....	78
3.4 Estratégias usadas.....	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	87
REFERÊNCIAS.....	92
APÊNDICE .....	97

## INTRODUÇÃO

Em 11 de março de 2020, a OMS (Organização Mundial de saúde) considerou a COVID-19 como uma pandemia. No Brasil, o primeiro caso confirmado foi em 26 de fevereiro do mesmo ano, no estado de São Paulo. Após a declaração de emergência em saúde pública, alegada pelo Ministério da Saúde, grande parte do país adotou medidas de restrição e isolamento, como forma de conter o avanço da pandemia.

Diante da necessidade de distanciamento, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) por meio do decreto de nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017, autorizou a substituição de aulas presenciais por aulas remotas com a utilização de meios de tecnologia e informação. Diante disso, foram adotadas as aulas remotas de forma emergencial para garantir a continuidade do ano letivo de 2020. Essa medida acabou por levantar várias questões que precisam ser discutidas, dentre elas a falta de acesso à internet, inclusão de alunos de baixa renda em salas de aulas remotas e o uso e domínio de ferramentas digitais por docentes. Ficou visível a inexistência de políticas públicas por parte do Estado visando à solução ou redução desses problemas.

O ensino remoto foi adotado em todo o país, mas nem todos os brasileiros puderam ter acesso a essa estratégia emergencial, devido à falta de acessibilidade a internet para acompanhar as aulas em tempo real. Segundo reportagem da Agência Brasil, de acordo com o "TIC Domicílios 2019", por meio de pesquisa realizada e formulada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC), em torno de 30% das famílias brasileiras não têm acesso à internet. A maioria dessas famílias é de baixa renda e depende de salário mínimo<sup>1</sup>.

É exatamente essa nova realidade da comunidade escolar que o trabalho busca investigar. As problemáticas enfrentadas por professores e alunos com o ensino remoto, falta de habilidades com as tecnologias e dificuldade de acesso, devido à internet. Que estratégias adotar mediante essa nova realidade e como manter meu aluno em sala seguindo a política da instituição: “Nenhum a menos”?

Além das dificuldades de acesso por parte dos alunos, os professores também enfrentam problemas para garantir a manutenção das aulas remotas. Grande parte

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/brasil-tem-134-milhoes-de-usuarios-de-internet-aponta-pesquisa>. Acesso: 10 de março de 2021.

não possui equipamentos e ambientes adequados dentro de suas casas para a realização das aulas. Apesar do aumento ao acesso a internet em 2020, que aponta que cerca de 134 milhões de brasileiros têm acesso à internet. Segundo a Agência Brasil, 74% dos brasileiros acessaram a internet pelo menos uma vez nos últimos três meses. Outros 26% continuam desconectados. Há 10 anos, 41% da população estava nesta condição. Deste então, o crescimento se deu em média de 3,3% ao ano<sup>2</sup>.

De acordo com a pesquisa de acesso domiciliar a internet e ensino remoto durante a pandemia, feito pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), cerca de 6 milhões de estudantes não têm acesso à internet, portanto, sem acesso as aulas remotas, de acordo com o texto escrito por Tácio Lorrán, no site Metropoles.com. Segundo o relatório do Banco Mundial, mais de 1,5 bilhões de alunos ficaram sem estudos presenciais em 160 países.

É fato que as tecnologias estão inseridas em nosso cotidiano em praticamente tudo que realizamos em nossas vidas, mas não podemos afirmar que todos têm acesso a recursos digitais que lhes permitam permanecer conectados e inseridos nas salas de aulas remotas.

De acordo com Tácio Lorrán, 96,6% dos alunos sem acesso à internet no Brasil são da rede pública, baseado na pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), que analisa o ensino remoto durante a pandemia de Covid-19, 6 milhões de estudantes não dispõem de acesso domiciliar à web para acompanhar as aulas. Desses, uma grande maioria, cerca de 5,8 milhões são provenientes de instituições públicas<sup>3</sup>.

A falta de acesso à internet é apenas um dos vários problemas enfrentados pelos estudantes brasileiros, em tempos de pandemia. A falta de equipamentos como um *smartphone*, *tablets* ou computadores é outro problema que o atual sistema enfrenta. Com o agravante que esta problemática não é exclusiva dos educandos, mas também um complicador para o trabalho dos professores em todo o país.

No mundo contemporâneo, espera-se que todos tenham domínio por menor que seja de tecnologias. E em relação à educação, processo de ensino aprendizagem

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/brasil-tem-134-milhoes-de-usuarios-de-internet-aponta-pesquisa>. Acesso em: 10 de março de 2021.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/educacao-br/ipea-966-dos-alunos-sem-acesso-a-internet-no-brasil-sao-da-rede-publica>. Acesso em: 03 de julho de 2021.

não é diferente. As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs)<sup>4</sup> contribuem para promoção a construção de conhecimentos e aprendizagem, nessa realidade submersa em recursos tecnológicos. (BNCC, 2017)

Segundo Susimeyre Pereira de Souza e Thiago Meira (2013), no artigo Tecnologia na educação: a influência dos avanços das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) na aprendizagem do aluno, na atualidade são tantas modificações e mudanças que se tornam inevitável o conhecimento e a inserção das tecnologias, no meio social e escolar do qual o aluno e a comunidade escolar participam, tornando-se assim essencial a utilização das TDICs no ensino. No entanto, a realidade não é tão simples, visto que as tecnologias avançam de forma rápida e sua introdução e utilização nas salas de aula acontece de forma lenta<sup>5</sup>.

A inserção de TDICs nas escolas era prevista na Base Nacional Comum Curricular, conforme destaca a competência 05 da BNCC:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BNCC, 2018)

Essa inserção ocorria de forma lenta, mas com a pandemia esse processo foi acelerado, fato que pegou muitos de surpresa e totalmente despreparados. Mesmo com a propagação do uso de recursos digitais no processo de ensino aprendizagem, muitos profissionais da área são verdadeiros analfabetos digitais, que não dominam o uso de computadores ou qualquer tipo de recurso tecnológico e muitos não receberam pouco ou nenhum treinamento para iniciar suas atividades remotas, como é apontado no artigo “Os professores e o uso de tecnologias digitais nas aulas remotas emergenciais, no contexto da pandemia da Covid-19 em Pernambuco” (2020), de Ana

---

<sup>4</sup> As TICs correspondem às tecnologias que mediam os processos informacionais e comunicativos das pessoas, como, por exemplo, o Jornal, Rádio ou TV. Já as TDICs dizem respeito aos equipamentos digitais, tais como, computadores, lousa digital, dentre outros. A Internet é uma das principais TDICs e possui uma vasta amplitude de usos. Neste trabalho, o termo utilizado será TDICs. O termo TIC será usado apenas quando citado por algum/a autor/a. Fonte: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/193-tecnologias-digitais-da-informacao-e-comunicacao-no-contexto-escolar-possibilidades>

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd184/tecnologia-na-educacao-a-influencia.htm>. Acesso 07 de julho de 2021.

Beatriz Carvalho e Edilene Lima. Em suas pesquisas, as autoras levantaram os seguintes dados:

Dentre os problemas apontados pelos professores na realização das aulas remotas, no contexto da pandemia, as mais relevantes (considerando que era possível escolher mais de uma opção) foram que 86,1% declararam ser a falta de domínio do professor com as tecnologias; 80,6% concordaram ser a formação para o desenvolvimento de atividades remotas; 80,2% afirmaram ser a estrutura em casa, no que se refere aos equipamentos, conexões, organização familiar; 65,1% responderam que falta material adequado para o desenvolvimento de atividades remotas; 48,4% afirmaram ser a sobrecarga de trabalho, sem a remuneração adequada; 22,6% apontaram que o ensino remoto não é eficiente; e 23% afirmaram que não há poder decisório na construção de alternativas para as aulas remotas. (CARVALHO; LIMA, 2020, p. 11)

A inserção de mídias e recursos associados à internet aproxima o ambiente escolar da modernidade, permitindo a conectividade em tempo real e integralmente. Dessa forma, há possibilidade de o indivíduo desenvolver habilidades e potencial que permitam sua adaptação a sociedade contemporânea. No setor educacional vem sendo realizadas várias discussões sobre o uso de tecnologias, tendo em vista a ampliação na interação, comunicação e desenvolvimento da aprendizagem, porém, a necessidade de readequação do ambiente e estrutura de ensino escolar é inquestionável.

As tecnologias, notadamente, a internet, são o fio condutor para o moderno, conectando o local e o global, disseminando novos saberes e desenvolvendo competências e habilidades necessárias para a vivência no mundo hodierno. Suas potencialidades no âmbito educacional vêm sendo bastante discutidas, tendo em vista suas inúmeras possibilidades de interação, bem como as mudanças nas concepções de ensino-aprendizagem, o que demanda a escola se reconfigurar. Nesse sentido, inserir as tecnologias no fazer docente é exigência primeira, tanto para a inclusão digital e social, como para o pleno exercício da cidadania dos alunos, oportunizando-lhes o acesso ao universo de informações que a rede oferece e ajudando-os a transformá-las em conhecimento. Com as tecnologias, a sala de aula pode se tornar um espaço para alunos e professores aprenderem juntos, pesquisando, experimentando, produzindo, apresentando, debatendo, sintetizando e problematizando (BACICH; MORAN, 2018).

Inserir recursos digitais nas aulas de história é uma forma de se desligar de uma aula exclusivamente narrativa e centrada na figura docente, como detentor do

conhecimento, pois permite que os alunos tenham acesso direto às informações e possam atuar na construção da sua própria aprendizagem. E como explorar o uso dessas mídias no ensino de história por meio das aulas remotas?

Essa questão é extremamente relevante, no sentido de analisar as dificuldades encontradas por esses profissionais durante a pandemia da COVID-19, onde deveriam associar a inserção das tecnologias, a falta de acessibilidade aos recursos e a falta de domínio por parte de docentes e gestores desses recursos. Identificar estratégias de ensino para o momento é essencial, porém, elas precisam ser eficazes, permitir a acessibilidade e garantir a aprendizagem dos sujeitos envolvidos no processo de ensino estabelecido durante a pandemia.

Assim, é essencial uma educação que ofereça condições de aprendizagem em contextos de incertezas, desenvolvimento de múltiplos letramentos, questionamento da informação, autonomia para resolução de problemas complexos, convivência com a diversidade, trabalho em grupo, participação ativa nas redes e compartilhamento de tarefas. (BACICH; MORAN, 2018, p.16).

Diante dessa nova realidade, coube ao docente se “reinventar” e se replanejar para atender a demanda, apesar de suas limitações, pois o currículo de modo geral, foi elaborado para ser aplicado de maneira presencial e não a distância. É nesse momento que as instituições de ensino, começam dentro de suas capacidades, buscar recursos digitais como aulas por web conferência, vídeo aulas, acompanhamentos por whatsapp etc.

De acordo com Patricia Alejandra Behar (2020), professora da Faculdade de Educação e dos programas de pós-graduação em Educação e em Informática na Educação, os professores estão aprendendo mais do que nunca a criar aulas online, testando, errando, ajustando e se desafiando a cada dia. O trabalho do professor no ensino remoto aumentou consideravelmente, pois não basta apenas produzir vídeo aula explicando o conteúdo, é necessário estar em contato virtual permanente com o aluno, seja por whatsapp, videochamadas para dar *feedback* quando necessário, realizar acompanhamento individual e permanente para garantir o processo de aprendizagem.

A questão é como conseguir dar esse *feedback* ao aluno com uma sobrecarga de trabalho, extremamente exaustiva na preparação de aulas, vídeos, roteiros e atividades que desrespeitam o horário de trabalho do professor? De modo geral, o profissional precisa atender aos educandos e familiares em horário que possuem

disponibilidade, como forma de manter o contato e a permanência do aluno no contexto de ensino aprendizagem.

Diante disso, este trabalho tem como objetivos estudar de que modo a tecnologia é usada no ensino remoto da disciplina de história no 9º ano da Escola de Educação Básica Fundação Bradesco, localizada na estrada do Bairro Calafate, na capital Rio Branco. Durante a pandemia da Covid-19; relatar os desafios enfrentados pela professora, a coordenadora e os alunos voluntários da turma estudada com o novo modo de ensino de história, bem como, relatar as estratégias adotadas para superá-los; abordar o uso da tecnologia na educação acentuado pelas limitações causadas pela pandemia.

Estudar o tema se faz necessário para que possamos discutir a formação dos docentes e seu preparo para esse novo momento que o mundo apresenta, envolto de recursos, tecnologias e novas formas de aprendizagens baseadas nas TDICs. O *corpus* deste estudo é formado pelo diário de bordo de nove alunos da turma 9º ano A da escola Fundação Bradesco, em Rio Branco-Acre, meu relato de experiência e uma entrevista a ser realizada com a coordenadora da instituição de ensino. Os alunos fizeram registros de suas vivências no cotidiano escolar durante a pandemia da Covid-19. Suas narrativas descrevem as suas diferentes realidades a partir de abril de 2020, quando começaram as aulas remotas, até junho de 2021. O trabalho conta com a colaboração de nove alunos voluntários que produziram seus diários de bordo referentes ao período.

O uso de diário de bordo foi escolhido por se tratar de uma metodologia usada para a realização de registros do cotidiano, sendo caracterizado pela união de registros feitos em diferentes momentos, configurando um importante material de pesquisa, que pode ser usado em várias áreas de conhecimento. Segundo Lucas Larcher, essa metodologia pode apresentar grande potencial pedagógico, que apresenta revelações subjetivas.

O diário de bordo, como recurso envolto nos processos de criação e de ensino-aprendizagem (...), pode apresentar grande potencial pedagógico, nos diferentes contextos educacionais: formal, não-formal e informal. Implicando a superação da ideia de transferência de conhecimento em processos de ensino aprendizagem, o diário de bordo configura-se como uma espécie de instrumento metodológico, que guarda expressões técnicas e expressivas e revelações de natureza subjetiva de seu autor, mas também reflete (sobre) práticas artísticas e pedagógicas. (LARCHER, 2019, p. 103)

O trabalho será fundamentado na experiência docente, considerando os desafios, dificuldades, incertezas tanto por parte da professora, quanto por parte dos alunos participantes. Trabalho também com meu próprio diário de bordo, relatando as minhas experiências e desafios no uso da tecnologia durante o ensino remoto.

O ensino remoto é diferente de tudo aquilo que já tinha vivenciado durante minha vida profissional que se iniciou em 2007, em uma comunidade ribeirinha as margens do rio Antimary, descendo três horas e meia de canoa, em um projeto que atendia comunidades de difícil acesso, trabalhando como professora polivalente. No ano seguinte fui trabalhar no mesmo programa, mas em Sena Madureira, ramal do Cassirian. Em 2009, após seleção para contrato provisório, comecei trabalhar na capital Rio Branco em bairros distantes como Belo Jardim, Vila Acre e Jorge Lavocat. Em 2011, fui selecionada para trabalhar na escola Fundação Bradesco, onde ainda estou, mesmo após aprovação em 2013 em um concurso público como professora da Secretaria Estadual de Educação. Atualmente trabalho com o ensino público e privado, experimentando as diferentes realidades que estes apresentam.

As escolas por onde passei eram escolas com poucos recursos, mas comprometidas em garantir um ensino de qualidade aos alunos da comunidade. Dessa forma, a pesquisa será baseada nas experiências de alunos, na minha experiência e na da coordenadora da escola para que possa descrever suas ações em busca de garantir a inclusão de todos os alunos na sala de aula virtual e saber quais são os maiores desafios desta profissional da educação.

A pesquisa é fundamentada em autores que retratam a trajetória do ensino de história com suas mudanças e métodos, e o uso de tecnologias como forma de otimizar e assegurar o processo de ensino aprendizagem. Para concluir, farei a análise das narrativas de experiências de nove alunos voluntários que contribuíram com a construção de seus diários de bordo. Os alunos descreveram seus cotidianos em aulas remotas, destacando suas vivências e dificuldades em relação ao uso de tecnologias e acessibilidade as salas de aulas virtuais.

A pesquisa está organizada em três capítulos. No primeiro capítulo faremos uma descrição do ensino da história no Brasil e o objetivo a ser alcançado com o uso da história e do conhecimento histórico em diferentes momentos. Para tanto, usarei obras de autores como Elza Nadai (1992), Selva Guimarães Fonseca (2007), Marcos Silva e Selva Guimarães Fonseca (2009).



Ainda no primeiro capítulo teremos uma breve apresentação de estratégias de ensino que podem e foram amplamente usadas nas aulas de história a partir da obra: Didática e prática de ensino de história (2009). No segundo capítulo, falaremos sobre as TDICs e sua influência no processo de ensino aprendizagem na educação contemporânea brasileira, principalmente, no ensino de história. Uma autora abordada será Ana Elisa Ribeiro (2016), além de artigos publicados e voltados à temática.

No terceiro capítulo, abordarei os relatos de experiência de nove alunos voluntários por meio do diário de bordo e a experiência vivida em meio às aulas remotas durante a pandemia da Covid-19. Como dito anteriormente, farei também o relato da minha própria experiência com o ensino remoto durante a pandemia da Covid-19, discorrendo sobre minhas dificuldades, em especial, a deficiência em relação aos recursos digitais, bem como desafios e rotina de professora no ensino remoto em tempos de pandemia.

## CAPÍTULO 1 – TRAJETÓRIA DO ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

A missão de construir o conhecimento, de forma sólida na sociedade contemporânea, se apresenta como um grande desafio para os docentes de modo geral, especialmente para aqueles que atuam com a disciplina de história. Por muito tempo, o conhecimento histórico esteve vinculado à prática de decorar datas e celebrar os nomes dos heróis nacionais.

Cabia ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) tornar a história do Brasil visível e preexistente, tendo em vista que nossa construção histórica remete a uma nação unificada, com importantes fatos e grandes heróis, negando a ação dos anônimos e a diversidade que constitui essa nação em construção e dando a ela uma formação gloriosa, porém, cheia de fatos que não correspondem na íntegra com a realidade.

Ao longo do tempo, a história foi marcada por narrativas repetitivas, desgastantes e desestimulantes que perpetuaram ao longo do tempo, fato que gerou uma conjuntura de crise. Segundo Elza Nadai:

o ensino de história vive atualmente uma conjuntura de crise que é seguramente uma “crise da história historicista”, resultante de descompassos existentes entre múltiplas e diferenciadas demandas sociais e a incapacidade da instituição escolar em atendê-las ou em responder afirmativamente, de maneira coerente, a elas. (NADAI, 1992, p. 144)

Segundo Nadai (1992), essa crise está relacionada à produção científica que amplia a possibilidade de se fazer e escrever a história, obrigando ao questionamento crítico de teóricos metodológicos, forçados a apresentar experiências plurais, superando os métodos tradicionais.

Com as mudanças no processo de ensino aprendizagem, “aulas maçantes” e sem significado aos discentes começam a não fazer sentido e a despertar aversão por parte dos alunos às aulas de história cansativas e entediadas. Para Murilo Mendes:

Nossos adolescentes também detestam a História. Votam-lhe ódio estranhado e dela se vingam sempre que podem, ou decorando o mínimo de conhecimentos que o 'ponto' exige ou se valendo levemente da 'cola' para passar nos exames. Demos ampla absolvição à juventude. A História como lhes é ensinada é, realmente, odiosa [...] (MENDES, 1935, p. 41)

De acordo com as Diretrizes Curriculares, o ensino de História na Educação Básica, tem por finalidade suscitar reflexões ligadas a questões políticas, econômicas, culturais, sociais, e das relações entre o ensino da disciplina e a produção do

conhecimento histórico. Dessa forma, o papel da disciplina está voltado a desenvolver a criticidade no aluno, bem como a interpretação e a compreensão da sociedade na qual está inserido.

A história nos traz o passado ao nosso presente, daí a importância de um estudo historiográfico bem-feito, onde o ser humano possa ser visto como um agente ativo e transformador, capaz de causar mudanças na sociedade. Outro ponto de extrema relevância do conhecimento histórico está ligado ao reconhecimento do papel social de cada cidadão, na sociedade no qual está inserido e na necessidade de conhecer o passado para poder compreender o presente, identificando assim as mudanças e as permanências.

O ensino de história passou por uma série de transformações ao longo do tempo. Essas mudanças englobam o currículo, formação de professores, metodologias etc. Foi um longo caminho, cheio de incertezas e contradições relacionadas ao nosso passado. Foram várias as mudanças realizadas no currículo, especialmente no ensino da história, pois as alterações realizadas estão sempre ligadas aos grupos políticos que estão no poder. Automaticamente, as políticas públicas voltadas à educação acabam atendendo as ideologias e interesses dos grupos dominantes, que realizam mudanças frequentes no sistema nacional de ensino.

Dentre essas mudanças, está o fato de tentar se distanciar do currículo europeu e priorizar as questões da história do Brasil, valorizando nossa cultura e formação social. Indubitavelmente, as questões políticas se fazem presentes e interferem na educação e na elaboração do currículo, que norteiam o trabalho do professor e devem ser cumpridos quase que em sua totalidade.

A disciplina de história passou e ainda passa por uma série de transformações, influências europeias em sua constituição e implantação no Brasil. O problema é que parece que o real objetivo da disciplina ainda não está muito bem definido. Afinal, o que realmente é importante o aluno saber? Será que a história deve realmente contribuir com a formação de um cidadão crítico e conhecedor da história do seu povo, sua nação ou os conteúdos trabalhados devem ser apenas alguns recortes de nossa história?

É comum na iniciação dos estudos históricos, os educandos identificarem qual a importância de estudar a disciplina e relacionarem o passado com o presente,

buscando identificar o legado deixado por outros povos e que fazem parte do nosso cotidiano, como é o caso da democracia grega, república romana, crença em vida após a morte dos egípcios etc.

Outro fator é o sentimento de pertencimento a nossa nação, buscando atribuir traços culturais dos vários povos que constituem nossa cultura. Esse sentimento passa a ser questionado a partir do momento em que o negro e os povos indígenas apenas ocupam uma pequena página no livro didático, dando prioridade aos europeus, quase que em sua totalidade. É visível a permanência do racismo, exclusão e desigualdade social dos indígenas e negros, no Brasil e no mundo. Fato que deixa evidente, que nosso currículo e a própria escrita da história atende aos anseios de grupos dominantes.

Nossa história é repleta de heróis e grandes personagens, negando os pequenos, anônimos e esquecidos pela nossa historiografia e essa realidade desmotiva o educando que passa a não se ver como agente histórico e capaz de transformar o meio no qual está inserido. E, para piorar, a falta desse conhecimento acaba contribuindo, inclusive para a formação de uma sociedade alienada e ignorante que desconhece sua história ou pelo menos o que contam dela.

O ensino de história possui um caráter ético que foi negado por muito tempo, pois se buscou legitimar uma história de heróis a ser decorada em um passado bem distante, saudoso e desconexo com o presente. Mas é o contrário disso que deve ser priorizado, ou seja, é analisando o passado e por meio dele ser capaz de se indignar com o preconceito, desigualdade etc.

Essa realidade é fruto da concepção histórica de uma sociedade baseada na união dos grupos étnicos que a constituem de maneira colaborativa. Como sugere Elza Nadai:

O fio condutor do processo histórico centralizou-se, assim, no colonizador português e, depois no imigrante europeu e nas contribuições paritárias de africanos e indígenas. Daí a ênfase nos aportes civilizatórios – os legados pela tradição liberal europeia. Desta forma, procurava-se negar a condição de país colonizado bem como as diferenças nas condições de trabalho e de posição face a colonização das diversas etnias. A dominação social (interna) do branco colonizador sobre africanos e indígenas bem como a sujeição (externa do país colônia à metrópole não foram explicitadas. (NADAI, 1992, p. 149)

Nesse contexto, voltamos a presença política na educação, com suas mudanças e prioridades, mas até que ponto nossa política anseia um cidadão ético,

crítico e atuante? Não é à toa que ao longo da implantação da disciplina e currículo de história houve tantas alterações.

No Brasil, foi no Colégio D. Pedro II, em 1838, que houve a inserção da História como componente curricular, se tornando referência para o estudo da História em nosso país. O ensino dessa disciplina ganha espaço no currículo a partir da sexta série, voltado ao modelo francês e com uso dos próprios manuais franceses, como afirma Elza Nadai:

Coerentemente ao modelo proposto, desde o início, a base do ensino centrou-se nas traduções de compêndios franceses – para o ensino de História Universal, o compêndio de Derozoir; para a História Antiga, o de Caiz; e para a história romana, o de Durozeir e Dumont. Reformas posteriores cuidaram de adequar o programa de estudos do colégio às últimas modificações realizadas nos liceus Nacionais da França. Na falta de traduções, apelava-se diretamente para os próprios manuais franceses. (NADAI, 1992, p. 146)

O Brasil usou a educação proporcionada pelos jesuítas como instrumento de poder e diferenciação entre os grupos étnicos aqui existentes, sendo, portanto, voltada a elite branca europeia que aqui vivia. Nesse contexto, a companhia de Jesus tinha na figura dos jesuítas a missão catequizar os nativos e garantir a educação aos filhos dos colonos. Dessa forma, fundaram colégios na colônia, além das missões. Mediante esse contexto, fica visível que o ensino era uma forma de acentuar e consolidar as disparidades sociais.

Essa influência europeia no ensino brasileiro é perceptível desde o período colonial, com a presença dos jesuítas no Brasil e sua atuação no processo educativo e constituindo um educador cristão, que introduz o conceito de humanidades. Segundo Circe Bitencourt, os jesuítas usavam aqui no Brasil textos clássicos como na Europa:

Nos colégios dos jesuítas instalados na colônia americana dos portugueses houve, igualmente, a difusão de uma história por intermédio de antigos textos “clássicos” e de maneira semelhante ao que ocorria em escolas europeias. João Hansen (2007) destaca que a utilização de autores da Antiguidade pelos jesuítas nas regiões colonizadas da América serviu, mais fortemente do que na Europa, como meio de seleção social das elites do que efetivamente como fundamento para o estudo de uma cultura letrada. Nesse sentido, as práticas escolares tinham como objetivo formar oradores para pregarem sermões para “colonos iletrados” e os excertos dos autores antigos eram cuidadosamente selecionados para atender a essa finalidade. (BITENCOURT, 2018, p.129)

Até 1837, o ensino de História ainda não fazia parte do currículo. Ao ser inserido no ano seguinte, adotou o modelo francês. Ano que foi criado o Instituto Histórico e

Geográfico Brasileiro (IHGB), que trazia uma visão mais nacionalista. A História do Brasil só foi inserida a partir de 1855, no ensino secundário por meio de programas em escolas elementares. Durante o período imperial, o ensino de história seguia uma cronologia linear progressiva, baseada em um ideal moralista, onde a metodologia aplicada era baseada na memorização e repetição fiel de textos escritos, restrita a transmissão de conteúdos oficialmente definidos.

A partir de 1870, os textos voltados às questões religiosas e ideias bíblicas são retirados do currículo, devido à redução da influência exercida pela igreja católica no Estado Brasileiro. Durante a República, o ensino da história é realizado com o nome de educação cívica e moral da Pátria, onde o objeto de estudo para os educandos era voltado ao conhecimento de célebres brasileiros e suas trajetórias de vida, além da República recentemente proclamada.

O ensino de história manteve o padrão alienador até 1934, ano que foi criado o primeiro curso superior de História, na USP, com uma visão mais tradicionalista, reforçando a sucessão de fatos como a linha mestra, onde alunos decoravam e listavam os fatos cronologicamente. Mas foi graças à influência do movimento Escola Nova, que pressupôs o desenvolvimento de uma criticidade mediante o processo histórico, deixando de lado o hábito de decorar fatos e heróis, proporcionando uma ruptura.

Nos ginásios oficiais de São Paulo, a inserção da história como disciplina enfrentou dificuldades e resistência em sua implantação. O ensino da história era voltado à história universal. Ao ser inserido no ginásio, a história do Brasil era voltada aos séculos XV e XVI e passando para o período republicano.

Segundo Elza Nadai (1992), a história ocupou um papel que pode ser sintetizado nas representações que procuravam expressar as ideias de nação e cidadão embasadas na identidade comum de seus variados grupos étnicos e classes sociais constitutivos da identidade brasileira. Dessa forma, as diferenças são extintas e há uma homogeneização da cultura e da nação brasileira forjada.

Nesse sentido, a escola aliada à disciplina de história ganha o papel fundamental de legitimar a ideia de nação e pátria formada a partir da união dos grupos étnicos que compõem nossa sociedade, negando aos grupos subjugados o protagonismo na construção do Brasil, papel este exercido pelo branco europeu, silenciando os anônimos, fato que vem a corroborar com o pensamento de Bitencourt:

O ensino de História da Pátria ou História regional nas escolas primárias, após a instauração do regime republicano, integrou os novos programas curriculares com o objetivo explícito de sedimentar uma identidade nacional capaz de justificar o predomínio de uma política oligárquica sobre uma população composta por ex-escravos, indígenas e mestiços despossuídos de bens e de propriedades. (BITENCOURT, 2018, p.137)

Em 1950, houve a inserção dos cursos de história nas Universidades, fato gerador de preocupação porque os professores de história defenderam uma revisão de conteúdos, especialmente os da História do Brasil com o desenvolvimento de novas pesquisas. Nesse período houve também a tentativa de incorporar novos métodos capazes de superar o que estava posto para desenvolver uma formação intelectual mais significativa do educando.

A disciplina de Estudos Sociais que reunia as áreas de conhecimento de História e Geografia juntas e deixaram de ser trabalhadas separadamente oficialmente em 1971. Em 1976, passa a ser exigência do Ministério da Educação a formação em Estudos Sociais, excluindo assim, os docentes graduados em História.

Somente em 1997, as disciplinas de História e Geografia voltam a ser ministradas separadas, pois houve a exclusão da disciplina de Estudos Sociais e a partir daí as disciplinas precisam ser reestruturadas e finalmente o objetivo do ensino da História passa a ser voltado à construção do indivíduo que atuará na sociedade.

É inquestionável que o ensino da história assume funções diferentes, de acordo com a conjuntura e ideologia política do momento. Um exemplo disso é o papel que a disciplina ocupa durante a ditadura militar, sendo extinta e substituída pelos Estudos Sociais, afinal o sistema educacional deveria estar a serviço da formação de cidadãos obedientes que colocavam sua nação em primeiro plano, como afirma Clarice Nunes:

A ditadura militar instaurada no país a partir de 1964, sob a justificativa da necessidade de modernização econômica da sociedade, operou uma intervenção de grande envergadura no sistema educacional brasileiro, atingindo todos os seus níveis de ensino (primário, médio e superior), todos os ramos (acadêmico e profissional) e o seu funcionamento, através de medidas de reestruturação administrativa, planejamento e treinamento de pessoal docente e técnico. (NUNES, 2004, p. 351)

Nesse contexto, a função de contribuir para a formação de um cidadão crítico, capaz de contestar e questionar o que está posto é deixada de lado pela ciência histórica, cabendo a ela somente contribuir com o desenvolvimento do nacionalismo

e civismo.

Outro golpe sofrido pelos professores de História neste período foi a partir do decreto-lei 869, de 12 de dezembro de 1969, imposto pelos ministros da Marinha, do Exército e da Aeronáutica que governavam o país no momento, amparados pelo AI-5 de 1968. Fonseca (2003) comenta que este decreto-lei tornou obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica como disciplina educativa em todos os sistemas e graus de ensino no país. Em nível de graduação e pós-graduação a disciplina passou a ser ministrada como Estudos dos Problemas Brasileiros (EPB). (VARELA, 2014, p.15).

Segundo Clarice Nunes, em seu texto sobre políticas educacionais pós-64, no livro 40 anos do Golpe, a despolitização do sistema educacional que se volta ao profissional, a produção de mão de obra que priorizasse o desenvolvimento econômico do país, separado do desenvolvimento intelectual, com um trabalhador adaptado ao sistema, foi o contexto da criação de Ginásios Polivalentes (GPEs).

Os técnicos brasileiros foram convocados para trabalhar ao lado de técnicos norte-americanos, a partir de equipes mistas. Os técnicos brasileiros eram submissos e a criação de GPEs parecia ser a oportunidade de modificar o ensino secundário, mais voltado à técnica e não ao pensamento crítico.

Gidásio Amado criou Ginásios Orientados para o Trabalho (GOTs) foi consolidada a proposta que havia sido lançada entre 1961 e 1963, amparados pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB), nos artigos 34 e 44, onde o ensino médio deveria abranger cursos secundários e técnicos, segundo afirma Nunes (2004). Nesse período, o ensino histórico estava voltado à construção do cidadão submisso ao Estado, onde o conhecimento ficava concentrado nas mãos de professor, dono do conhecimento, que elaborava seu próprio currículo.

Com a redemocratização do Brasil cabia a ANPUH (Associação Nacional dos Professores Universitários de História) e a SBEC (Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos) bem como a (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), associações científicas tornaram-se espaços privilegiados para o repensar do ensino de História a partir do momento de reorganização curricular.

Foi somente após 1990 que o governo federal voltou a realizar interferências no currículo com a Lei das Diretrizes e Base (LDB), com a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Básica (PCNs) e de avaliações externas como forma de garantir o cumprimento de PCNs e LDB.

Selva Guimarães Fonseca (2003) argumenta que a partir da década de 1990, no contexto neoliberal-conservador, de globalização econômica, as disputas e lutas



em torno de uma nova política educacional foram alterando a configuração do ensino de História. As disciplinas EMC, OSPB e EPB 10 foram extintas neste período, como também, progressivamente os cursos de licenciatura curta. A partir de 1994 foi instituído o processo de avaliação dos livros didáticos. E em 1996 teve início à política educacional do governo de Fernando Henrique Cardoso.

Em 1996 foi aprovada a Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional (LDB) em 20 de dezembro de 1996, o documento trouxe grandes mudanças ao ensino de história após discussões e debates acerca do papel da disciplina. A partir do documento, o ensino de história adotou uma nova perspectiva voltada a formação de um cidadão responsável e consciente do seu papel na sociedade, de modo que alunos e professores adotassem uma postura mais ativa, abandonando os papéis de transmissor e receptor.

O diferencial dessas reformulações concentrou-se na perspectiva de recolocar professores e alunos como sujeitos da história, e da produção do conhecimento histórico, enfrentando a forma tradicional de ensino trabalhada na maioria das escolas brasileiras, a qual era centrada na figura do professor como transmissor, e na do aluno como receptor passivo do conhecimento histórico. (CASTILH, 2020, s/n)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) como documento foi escrito e formulado no ano de 1997, sua produção e escrita não foi algo rápido, mas foi resultado de debates para que pudessem melhorar de alguma forma o sistema brasileiro de ensino. Vale ressaltar que enquanto legislação, os PCNs servem como base para a construção dos currículos em todo o país, onde cada um seleciona os conteúdos que devem ser ensinados na escola a partir da orientação no documento nacional.

De acordo com Macedo Neto (2009, p.10), a proposta central dos PCN no campo da História é “contribuir para a superação da concepção de que o ensino de História deve inculcar valores no sentido da aceitação das desigualdades”. (MACEDO NETO apud MONTEIRO, 2021, p.33). O ensino de história passa por mudanças intensas e passa também a ser trabalhada por eixos temáticos, onde o ensino de história deveria contribuir com a formação da identidade do indivíduo de maneira democrática e inovadora.

Nessa perspectiva, o docente é o agente responsável por criar as situações de aprendizagem no ensino de história, apoiando os alunos na busca e construção de saberes. E os PCN abrem espaço para a intervenção criativa do professor, pois os PCN são pautados no diálogo, e não se pode esquecer

o fato de que os PCN ficaram muito tempo engavetados e escondidos exatamente pelo seu caráter democrático e inovador para o ensino de história. (MONTEIRO, 2021, p.33).

Em 2015 começou a ser discutida a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento normativo que determina os conhecimentos e as habilidades essenciais que todos os alunos em nível nacional têm o direito de aprender. Em 2022, vigora a terceira versão do documento do ano 2017. No documento, o ensino de História deve atuar na construção do sujeito. A Base procura desempenhar um papel de apontar aquilo que todos os alunos devem desenvolver, visando garantir a igualdade educacional e permitir que as singularidades de cada um sejam consideradas.

Nesse sentido, espera-se que a BNCC ajude a superar a fragmentação das políticas educacionais, enseje o fortalecimento do regime de colaboração entre as três esferas de governo e seja balizadora da qualidade da educação. Assim, para além da garantia de acesso e permanência na escola, é necessário que sistemas, redes e escolas garantam um patamar comum de aprendizagens a todos os estudantes, tarefa para a qual a BNCC é instrumento fundamental. (BNCC, 2017, s/n)

A BNCC estabelece 10 competências gerais que norteiam o documento, desdobrando-se em tudo o que é definido para cada etapa do ensino. Essas competências gerais visam o desenvolvimento integral do aluno, tanto em termos cognitivos quanto sócioemocionais. As competências que norteiam o documento são:

1. **Conhecimento** que ajuda o aluno compreender e fazer intervenções na realidade;
2. **Pensamento científico**, crítico e criativo que serve para problematizar e criar soluções;
3. **Repertório cultural** que promove a participação em criações artístico-culturais;
4. **Comunicação** que busca auxiliar o aluno a se expressar e a compartilhar informações;
5. **Cultura digital** para que haja a utilização de tecnologias digitais de informação;
6. **Autogestão** que desenvolve a capacidade de fazer escolhas;
7. **Argumentação**, de maneira que a opinião emitida seja embasada em fatos;
8. **Autoconhecimento e autocuidado** que promovem um bom cuidado da própria saúde física e mental;
9. **Empatia e cooperação** para que o respeito com o outro seja praticado;
10. **Autonomia**, de forma que as decisões tomadas tenham princípios éticos e sustentáveis (BNCC, 2017, s/n, grifo nosso).

O ensino de história tem como principal objetivo garantir a formação do aluno como um indivíduo crítico, ético, democrático e solidário, por meio de estudo da

história e dos projetos interdisciplinares que possam surgir a partir dessa proposta.

### **1.1 Metodologias do ensino da história em diferentes temporalidades**

Neste tópico abordaremos ainda as diferentes estratégias de ensino em diferentes temporalidades, devido ao fato da pesquisa estar relacionada a TDICs. Isso se faz necessário para entendermos as várias formas de se trabalhar com o conhecimento histórico em sala de aula.

Um grande desafio ao educador do século XXI é garantir em sua prática docente aulas interativas, significativas, que garantam a aprendizagem dos alunos, principalmente se este profissional atuar no ensino da História. Segundo Selva Guimarães Fonseca (2009), a metodologia utilizada no ensino de História era tradicional, que tinha como princípio levar os alunos a saberem datas e fatos. Ainda segundo a autora, o positivismo histórico dominou até o século XIX, sendo discutido e transformado ao longo do século XX. E isso também interferiu nas formas de ensinar a História.

O educador acaba por desempenhar um importante papel no desenvolvimento do ensino de história, pois é a sua prática diária que será responsável, em parte, por contribuir com a formação de um cidadão consciente e crítico ou consolidar um alienado, incapaz de refletir e mero repetidor de discursos. Para o professor contemporâneo, unir o passado e o presente pode ser muito positivo, mas pode perpetuar vários mitos e estereótipos.

Essa história tradicional tem como fontes de estudos documentos oficiais e não oficiais escritos, a valorização de sítios arqueológicos e fontes materiais. Estuda os grandes acontecimentos e valoriza as grandes personagens políticas, religiosos do passado, apresentado de forma linear, como aponta Selva Guimarães Fonseca:

Os sujeitos da história tradicional são grandes personalidades políticas, religiosas e militares. São reis, líderes religiosos, generais, grandes empresários. São atores individuais, heróis que geralmente aparecem como construtores da história. Assim a história tradicional, estuda os acontecimentos diplomáticos, políticos e religiosos do passado. Privilegia o estudo dos fatos passados que são apresentados numa sequência de tempo linear e progressiva. Trata-se de uma história política e factual que será marcante no ensino de materiais didáticos. (FONSECA, 2009, p.45)

Na hora de avaliar, as provas orais e escritas eram inspiradas nos livros de catequese com perguntas objetivas e respostas diretas. A análise e reflexão sobre os

fatos não fazia parte das metodologias praticadas.

Houve mudanças a partir da década de 1930 com a criação da escola do Annales e revista erudita Annales, que traziam uma valorização a diferentes assuntos e fontes até então descartados, pois passou a abranger os vestígios humanos e seus fazeres, trazendo assim uma nova história.

Na passagem para a década de 1930, os debates que marcaram a criação das escolas dos Annales-historiadores que criaram ou, depois, inspiraram-se na revista erudita Annales que valorizava a problematização de diferentes temas, a universalização do conceito de documento histórico e interdisciplinaridade- no espaço de estudos históricos da erudição acadêmica francesa (logo apropriada mundialmente, inclusive por muitos historiadores marxistas) foram de grande importância para a consolidação de um conceito universalizante das fontes de pesquisa nessa área. (FONSECA, 2009, p.51) Com isso, o ensino da história adquire a necessidade de uma construção histórica interdisciplinar, capaz de abranger saberes e conhecimentos múltiplos, saindo dessa supervalorização do tradicional e escrito, dando novo significado a essa nova história a outros personagens até então silenciados.

Até o início do século XX, esse era o método do ensino da História, que acabou por gerar vários estereótipos sobre a disciplina. É muito comum ainda no século XXI, a crença de que História é somente decorar fatos, datas e exaltação de heróis, uma sucessão de fatos organizados cronologicamente, onde somente uma versão dos fatos e de apenas um lado se apresenta.

É fato que essa realidade vem se desconstruindo e novas abordagens vêm sendo apresentadas aos nossos educandos. Os docentes contemporâneos precisam apresentar diferentes abordagens aos alunos e variadas fontes para ampliar o conhecimento dos discentes.

O professor deve favorecer o acesso a documentos oficiais, reportagens de jornais e revistas e a outras fontes. O contato com essa diversidade leva o estudante a ter uma visão ampla e integrada da história. Além de textos, é recomendável que a turma consulte sites confiáveis, assista a filmes e documentários, visite museus e entreviste os atores que vivenciaram os acontecimentos estudados. Tudo com planejamento e registro para que seja possível fazer uma avaliação minuciosa do processo. (MARTINS, 2008, online)

No século XXI, novas necessidades e possibilidades de conhecimento, sem abandono total daquilo que foi conquistado e a inclusão de novas conquistas e estratégias mais variáveis e ativas se fazem necessárias dentro do ambiente escolar, onde o aluno e o professor passam a desenvolver novas posturas.

Agregar diferentes linguagens e estratégias se faz necessário para a consolidação do processo de ensino aprendizagem e atendimento das necessidades

de cada aluno. Nem todos aprendem da mesma forma e na mesma proporção, sendo indispensável a diversificação de metodologias e estratégias de ensino. Essa realidade é decorrente de uma crítica do excessivo uso do livro didático, bem como os avanços tecnológicos que são decorrentes da Revolução Industrial, conforme afirma Selva Guimarães Fonseca:

Esse debate faz parte do processo de crítica ao uso exclusivo de livros didáticos tradicionais, da difusão dos livros paradidáticos, do avanço tecnológico da indústria cultural brasileira e, sobretudo, do movimento historiográfico que se caracterizou pela ampliação documental e temática das pesquisas. (FONSECA, 2009, p.56)

Segundo a obra “Ensinar História no século XXI: Em busca do tempo entendido”, de Marcos Silva e Selva Guimarães Fonseca, as maneiras de ensinar História que já estiveram ou ainda estão presentes na sala de aula são:

Quadro 1 – Metodologias de ensino de história

<b>Tradicional</b>	Inspirado nos métodos franceses do século XIX. Adota a memorização dos fatos por ordem cronológica, referindo-se à construção dos Estados-nação e à importância dos valores morais e cívicos. Metodologia principais baseadas em Ministrar palestras de estratégia, apoiando livros didáticos e estimulando a lembrança de datas, fatos e nomes.
--------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p><b>Anarquista</b></p>	<p>Surgiu após a Revolução Francesa na Europa e a Comuna de Paris e o estabelecimento da República brasileira. Foi introduzido em algumas escolas do Brasil na década de 1920.</p> <p>Busca compreender o movimento histórico da luta social, desconstruir a política e romantizar a visão.</p> <p>Metodologias mais usadas são visitas a museus para realização de pesquisas e estímulo a reflexão crítica.</p>
<p><b>Moderna</b></p>	<p>Com base na teoria cognitiva de Jean Piaget e Lev Vygotsky e na ideia de que diferentes abordagens devem ser buscadas - sociais, econômicas, políticas e culturais.</p> <p>Os alunos têm um ponto de vista crítico e percebem que não existe uma história verdadeira e única.</p> <p>Tem por metodologia o uso de eixos temáticos, negociação com diferentes fontes e perspectivas para estabelecer a relação entre o passado e o presente.</p>

Quadro produzido pela autora da pesquisa a partir da leitura dos textos de Selva Guimarães Fonseca (2007) e Revista Nova Escola (2008).

Outra realidade ainda permeia em nosso sistema educacional, conforme aponta Maria Auxiliadora Schmidt (1996). Na verdade, pode-se afirmar que o quadro negro ainda persiste na educação brasileira, inclusive, e muitas vezes, como único recurso, na formação do professor e no cotidiano da sala de aula. Nesse contexto, como se distanciar das aulas tradicionais e voltadas a decorar nomes, datas, heróis e fatos? É fato que condições e estrutura favorável para realização da diversificação dos métodos são essenciais para o bom desenvolvimento de aula e para consolidação da

aprendizagem.

Segundo Graciela Márcia Fochi (2015), a metodologia do ensino histórico está em pauta, dessa forma, além de manter os aspectos operacionais, o ensino de História deve manter seu caráter científico em relação aos conteúdos que serão ensinados.

Uma vez que a metodologia do ensino da história se encontra na pauta, os estudiosos e pesquisadores não poderão somente atender a aspectos operacionais e estratégias que garantam a transposição competente e que mantenha o caráter científico dos conteúdos/conhecimentos históricos a serem ensinados. Deve estar atenta à dimensão do exercício crítico e reflexivo dos conteúdos, ao contexto histórico social que é transposto, dialogado e verificado e, em especial, aos impactos e às possibilidades de transformação da realidade que estes possuem. (FOCHI, 2015, p.03)

A autora afirma ainda que a transposição didática não pode se resumir exclusivamente a um conjunto de estratégias para melhor transpor os conteúdos externos de maneira simples para a compreensão e assimilação dos conteúdos.

Diante as novas realidades nas quais alunos e professores estão inseridos, dominar os conteúdos e ter uma boa oratória são insuficientes para garantir aprendizagem. A sala de aula não tem mais espaço para o profissional dono do conhecimento, que apenas fala, mas não ouve. O educador contemporâneo desenvolve a função de mediador, contribuindo assim para o desenvolvimento de um indivíduo autônomo e que atua na construção do seu conhecimento. Segundo Selva Guimarães Fonseca:

Reflexão sobre mudanças metodológicas e as dimensões técnicas. Hoje é bastante óbvio que a sala de aula não é mais o palco onde se apresentam monólogos para um público passivo. O professor de história sabe que não basta falar para que os alunos aprendam. O trabalho em sala de aula exige um professor em permanente situação de investigação, despertando a curiosidade, a criatividade e o interesse pelo ensino que tem como pressuposto a descoberta. (FONSECA, 2009, p.121)

O educando contemporâneo deixa de ser mero ouvinte, papel exercido nos moldes tradicionais, passando a ser protagonista e um ser ativo no processo de ensino aprendizagem. Nesse cenário, o aluno não só pode participar levando sua contribuição e experiências, como pode questionar, buscar, pesquisar e deve interagir.

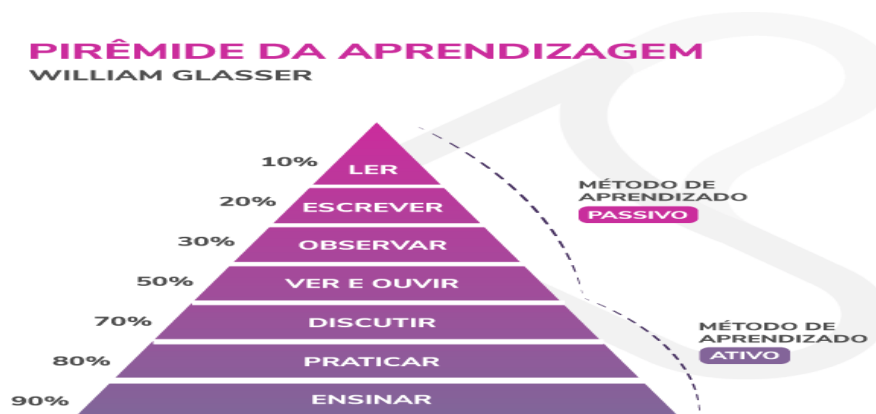
Essa mudança de postura não abrange somente o aluno, mas também o educador que não pode mais estar preso aquele planejamento antigo com as páginas amarelas e reproduzido por anos, sem nenhuma mudança, adequação, reestruturação que beneficie e permita a aprendizagem dos alunos. O profissional do século XXI deve ser investigador, como afirma Fonseca: “O professor, por sua vez,

também não apenas ensina, transmitindo conhecimentos-ele investiga, aprende, questiona, estimula, organiza, orienta e sistematiza”. (FONSECA, 2009, p.122)

Nesse contexto, que estratégias o professor de história pode buscar para que sua aula seja efetivamente prazerosa, ambiente de interação e construção do conhecimento? Como se distanciar daquelas salas inóspitas e fundamentadas no monólogo docente?

O psiquiatra americano William Glasser aponta em seus estudos que ao trabalhar somente com memorização, o aluno esquece aquilo que ouviu durante a aula. Dessa forma, sugeriu que a aprendizagem dos alunos é consequência dos métodos desenvolvidos na sala de aula.<sup>6</sup>

**Figura 1: Pirâmide de Glasser**



Fonte: <https://keeps.com.br/metodologias-ativas-de-aprendizagem-para-educacao-corporativa/>. Acesso em: 14/11/2021.

A partir dessa pirâmide, nota-se que os métodos tradicionais de ensino já não atendem mais a nossa realidade escolar, se tornando necessária a adoção de novas estratégias que garantam a aprendizagem, onde o aluno de maneira ativa possa ensinar e aprender<sup>7</sup>.

---

Disponível em: <https://keeps.com.br/metodologias-ativas-de-aprendizagem-para-educacao-corporativa/>. Acesso: 14/11/21.



Um segundo movimento importante para aprender acontece pelas múltiplas possibilidades de encontros com pessoas próximas e distantes/conectadas, que se agrupam de forma mais aberta ou organizada, pontual ou permanente, formal ou informal, espontânea ou estruturada, com ou sem supervisão, em contextos confiáveis, de apoio e também nos desafiadores. Segundo a neurociência, nosso cérebro aprende conectando-se em rede. Todas as iniciativas para abrir os espaços das escolas para o mundo, ampliando as diferentes redes sociais e tecnológicas, pessoais, grupais e institucionais, contribuem para oferecer ricas oportunidades de aprendizagem. (BACICH; MORAN, 2017, p.46)

Diversificar, buscar, pesquisar, inovar, descentralizar são algumas das habilidades que se fazem necessária na atual configuração do ensino no Brasil e no mundo, pois o aluno está mais conectado às inovações e o sistema educacional não pode ficar aquém daquilo que habitualmente agrega e traz valor ao aprendente. Valorizar suas experiências, vivências e conhecimento prévio se fazem necessário em nosso atual contexto.

Aprendemos também de muitas maneiras, com diversas técnicas e procedimentos, mais ou menos eficazes para conseguir os objetivos desejados. A aprendizagem ativa aumenta a nossa flexibilidade cognitiva, que é a capacidade de alternar e realizar diferentes tarefas, operações mentais ou objetivos e de adaptar-nos a situações inesperadas, superando modelos mentais rígidos e automatismos pouco eficientes. (BACICH; MORAN, 2017, p.39)

Como forma de superar o tradicionalismo, as aulas monótonas e entediadas, o desinteresse pelo conhecimento histórico e a passividade dos alunos, busca-se a realização da inserção metodologias ativas no cotidiano escolar, o que é mudança nos métodos de ensino. As metodologias ativas no ensino de história vão permitir o protagonismo do aluno, que atuará na sala de aula de maneira autônoma e independente.

As metodologias ativas de aprendizagem têm como diferencial a defesa de um ensino capaz de romper com concepções tradicionais, fundamentado em uma proposta metodológica onde os estudantes assumem uma postura ativa frente ao processo de ensino-aprendizagem. Metodologias como a de transmissão do conteúdo ou de aulas expositivas, sozinhas, não comportariam mais toda a demanda surgida na atual dinâmica escolar. (LOCASTRE; SILVA, 2022, p.86)

Essa mudança modifica as estratégias aplicadas no ensino de história, de modo que podem contribuir para o bom andamento das aulas e facilitar a aprendizagem dos alunos de forma significativa e prazerosa. Vale ressaltar que o uso de metodologias ativas não representa um abandono total ou negação de métodos tradicionais de

ensino.

Metodologias ativas são estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes na construção do processo de aprendizagem, de forma flexível, interligada e híbrida. As metodologias ativas, num mundo conectado e digital, expressam-se por meio de modelos de ensino híbridos, com muitas possíveis combinações. A junção de metodologias ativas com modelos flexíveis e híbridos traz contribuições importantes para o desenho de soluções atuais para os aprendizes de hoje. (BACICH; MORAN 2017, p.41)

Inserir nas aulas o protagonismo estudantil por meio de participação ativa pode ser considerada uma forma de garantir a aprendizagem dos envolvidos, para tanto é necessário conhecer o perfil dos estudantes, para que dessa forma sejam aplicadas estratégias que consigam integrar os conteúdos e tecnologias, afinal estamos na era digital facilitando assim a construção de novos saberes, como pontua Alexandre de Souza Júnior:

Não é novidade que a melhor forma de conduzir o ensino-aprendizagem é por meio da participação ativa dos envolvidos. É preciso – para promover uma formação crítica e significativa – a compreensão do perfil geracional dos estudantes. Assim, adequando linguagem, metodologias e formas de ensino para que os educandos atuem como protagonistas nesse processo. É fundamental promover um ensino capaz de integrar conteúdos e as novas tecnologias de forma dinâmica, ampliando redes de cooperação e conhecimento, possibilitando a construção de saberes. (SOUZA JÚNIOR, 2022, p.41)

Em relação ao ensino de história, almeja-se uma formação crítica, consciente e responsável que prepare cidadãos que atuarão na sociedade, não como simples consumidores de tecnologias, mas como cidadãos que valorizem a experimentação e os conhecimentos científicos, afinal metodologias ativas nem sempre estão atreladas aos recursos tecnológicos. Segundo Souza Júnior, é necessário refletir e repensar o processo de ensino aprendizagem:

Refletir e repensar o processo de ensino-aprendizagem se faz uma constante para todos que zelam por uma educação transformadora e buscam a superação da abordagem tradicional verticalizada e centrada na figura docente. Para tanto, é essencial que os estudantes sejam protagonistas não apenas do consumo de tecnologia, mas problematizadores de tal necessidade, não apenas usuários de produtos da ciência, mas comprometidos com o método científico. Se o que se almeja é a formação de pessoas engajadas e preparadas para o pleno exercício da cidadania é fundamental um ensino-aprendizagem crítico, consciente e questionador. (SOUZA JÚNIOR, 2022, p.70)

Diante disso, novas estratégias têm sido incorporadas no ambiente e cotidiano escolar, na busca de uma aprendizagem significativa e sólida. Algumas estratégias baseadas em metodologias ativas colaboram para a formação do aluno ativo, algumas já eram praticadas em outros tempos e foram apenas adaptadas a uma nova realidade na práxis do educador contemporâneo.

Por exemplo, trabalhar com projetos tem sido uma metodologia bastante utilizada, por permitir a adoção de uma nova perspectiva de trabalho, onde o aluno é protagonista, pesquisador e sai da posição de mero ouvinte e passa a adotar uma postura mais ativa no processo de desenvolvimento da própria aprendizagem, podendo inclusive sair da teoria e partir para a experimentação que lhe proporcionará uma aprendizagem mais sólida. Selva Guimarães Fonseca (2009) afirma que o aluno assume outro papel no processo de ensino aprendizagem, deixando de ser submisso, passando a exercer um papel ativo. Ele constrói conhecimentos, desenvolve atividades, discute, participa, busca informações.

O trabalho com projetos adota uma nova perspectiva de ensino aos agentes envolvidos, pois acaba democratizando o conhecimento, desenvolvendo a pesquisa, que muitas vezes é atribuída somente ao ensino superior. Quando bem planejado e com seus objetivos muito bem definidos, não permite uma aprendizagem ativa, como contribuir com a formação de um cidadão atuante, pesquisador e capaz de conciliar e relacionar sua história vivenciada com a história conhecimento.

Essa abordagem adota o princípio da aprendizagem colaborativa, baseada no trabalho coletivo. Buscam-se problemas extraídos da realidade a partir da observação realizada pelos alunos dentro de uma comunidade. Ou seja, os alunos identificam os problemas e buscam soluções para resolvê-los. (BACICH; MORAN, 2017, p.41)

A sala de aula invertida é outra opção que permite a interação do aluno com os conteúdos e atuam diretamente na construção de sua aprendizagem. Essa atividade vai de encontro a pirâmide de Glasser, que aponta que aprendemos mais quando ensinamos o outro e discutimos os conteúdos. Nessa estratégia há uma interação maior do aluno com o conteúdo, de modo que ele deverá investigar, e se preparar, pois a aula estará voltada para ele, não ao professor. Esse tipo de metodologia pode e é usada em qualquer seguimento, inclusive na universidade.

A sala de aula invertida tem sido uma solução implantada em universidades de renome, como a Harvard University e o Massachusetts Institute of Technology (MIT), nas quais algumas disciplinas já utilizam a abordagem. Essas universidades têm inovado em seus métodos de ensino, procurando adequá-los para que possam explorar os avanços das tecnologias educacionais, minimizar a evasão e o nível de reprovação. (BACICH; MORAN, 2017, p.84)

O uso do teatro como ferramenta/estratégia de ensino também é positivo, incorpora a ciência histórica a outras áreas de conhecimento, permitindo assim a interdisciplinaridade. O uso do teatro auxilia também no desenvolvimento de atividades coletivas, habilitando o educando a prática da atividade em conjunto, parceria com outros indivíduos. Deve ser uma instituição atuante, como afirma Selva Guimarães Fonseca.

O teatro escolar deve ser uma instituição atuante e não apenas um recurso de manifestação esporádica no fim do ano. A organização do teatro deve ser articulada à extensão extraclasse das disciplinas de literatura e história. É pois, uma instituição mista de estudantes e de cooperadores amadores. O objetivo final é a cooperação. (FONSECA, 2009, p.170)

A inserção de mídias voltadas ao ensino de história pode ser muito benéfica na consolidação da aprendizagem, embora não sejam determinantes, podem contribuir para que os alunos/as tenham aulas mais significativas.

O uso de jogos também tem sido um modo eficaz de alcançar a aprendizagem. Usar jogos pode não só contribuir com a aprendizagem, como pode também auxiliar a desenvolver outras habilidades como trabalhar em equipe, ter disciplina, obedecer às regras, desenvolver o raciocínio, lidar com desafios, auxilia na criatividade etc. Jogos relacionados ao ensino de história se apresentam muito eficazes, por não ficarem presos apenas a narrativas entediadas.

Para gerações acostumadas a jogar, a linguagem de desafios, recompensas, de competição e cooperação é atraente e fácil de perceber. Jogos individuais ou para muitos jogadores, de competição, colaboração ou de estratégia, com etapas e habilidades bem definidas, tornam-se cada vez mais presentes nas diversas áreas de conhecimento e níveis de ensino. (BACICH; MORAN, 2017, p.68)

A inserção de músicas, filmes e documentários apresentam uma grande possibilidade de explorar os assuntos trabalhados em sala pela utilização de áudios e imagens que venham efetivar a e consolidar o que pode não ter sido bem apreendido em uma aula expositiva.

A produção de podcasts, onde predomina o áudio, é uma ferramenta muito

popular entre os jovens, como afirma Locastre e Silva (2022), a escolha por trabalhar com esta mídia deu-se por sua popularidade entre os jovens e por ser um meio de comunicação em ascensão. As autoras afirmam ainda que o uso de podcasts atrai a atenção dos discentes por fazer parte de seu cotidiano e garante a eles o protagonismo.

Trabalhar a partir do conhecimento do/a aluno/a, usando como recursos coisas de sua realidade podem ser significativos. O uso de memes, segundo Jefferson Fernandes Aquino (2019), pode revelar também formas de expressar a fala de um determinado grupo social ou de um determinado momento da história atual.

As histórias em quadrinho (HQ) também aparecem como ferramenta que podem ajudar no ensino de história com seus conteúdos bem-humorados e até dramáticos. Para Mateus Delalibera, as HQs podem ser: Assim sendo, as histórias em quadrinhos se postulam como uma nova fonte da pesquisa historiográfica, segundo a Escola dos Annales e da contribuição da História Cultural para percepção de outros elementos que não apenas os econômicos e oficiais. (DELALIBERA, 2019, p,323)

Atualmente, os educandos recorrem com uma certa frequência a canais no YouTube em busca de um conhecimento que não foi consolidado em sala de aula por métodos pouco atrativos e maçantes. Os vídeos geralmente têm uma curta duração, o que permite maior concentração.

O filme de curta duração, por ocupar apenas parte de uma aula de 50 minutos, facilita as atividades; numa mesma aula é possível assistir ao filme, discuti-lo e rever totalmente a fita ou parte dela, dependendo do encaminhamento aos debates. (FONSECA, 2009, p.181)

É no fazer diário que o professor contribui para a formação do aluno, como aprendiz e como cidadão. A aula de história não deve ser pensada como uma mera reprodução chata e sistemática do passado com a finalidade de exaltar heróis e perpetuar o sentimento nacionalista e os atos cívicos. Deve ser pensada como o momento de conhecer o passado e nele encontrar respostas para a configuração da sociedade na qual o aluno está inserido. Nesse processo, o professor pode contribuir muito, como destaca Schmith:

A aula de História é o momento em que, ciente do conhecimento que possui, o professor pode propiciar a seu aluno a apropriação do conhecimento histórico existente, através de um esforço e de uma atividade na qual ele retome a atividade que edificou esse conhecimento. (SCHMITH, 1996, p.118)

Para isso, o aluno sai da função que ao longo do tempo lhe coube, de expectador e ouvinte passivo e adota o papel de protagonista onde o professor passa a ser o mediador, dando auxílio e suporte nessas novas ferramentas voltadas a aprendizagem dos educandos.

Diversificar nossas estratégias é necessário para que as várias e diferentes formas de aprendizagem possam ser contempladas e o processo de ensino aprendizagem possa ser mais democrático, atendendo a todos. Vale ressaltar que usar TIDICS ou metodologias ativas não é apenas inserir por inserir, mas dever trazer significado para o/a estudante.

Assim, para que as metodologias ativas sejam aplicadas de maneira significativa, é preciso que o professor tenha conhecimento sobre suas características. A gradual inserção de componentes curriculares que abordam as relações entre o ensino e a tecnologia nos Projetos Pedagógicos de Cursos de licenciaturas nas universidades brasileiras, apontam a percepção de que se faz urgente a reflexão sobre a Cultura Digital e as metodologias condizentes ao uso das mídias digitais na formação inicial. (LOCASTRE; SILVA. 2022, p.95)

No segundo capítulo, trataremos sobre as tecnologias digitais e seus impactos na educação contemporânea, sua contribuição na formação de alunos mais autônomos e capazes de compreender sua importância no processo de aprendizagem.

## CAPÍTULO 2 – ADVENTO DAS TECNOLOGIAS NO AMBIENTE ESCOLAR

Neste capítulo abordaremos a importância das tecnologias na sociedade contemporânea, tendo em vista a necessidade e o uso que fazemos dela cotidianamente, é óbvio que o sistema educacional não poderia ficar de fora. Sendo assim, trataremos da importância e benefícios de uso de ferramentas digitais voltadas a educação do estudante do século XXI.

### 2.1 A tecnologia na contemporaneidade

Grande parte do mundo passou por inúmeras transformações devido ao uso da tecnologia e o sistema de ensino não poderia ficar alheio a tantas transformações tecnológicas. O aluno contemporâneo é habituado ao uso de tecnologias nas suas relações cotidianas, seja na comunicação, na manutenção de seu ciclo de amizades ou nas interações sociais de um modo geral. Com isso, Ana Elisa Ribeiro elucida que:

Dos sites às redes sociais ubíquas, passando por gerações de chats e plataformas de ensino a distância, estamos mergulhados, mesmo quando não desejamos, em uma relação às vezes explícita, outras, implícita, com as tecnologias digitais de comunicação. Isso inclui a escola, mesmo que, duas décadas depois, ela continue sendo pressionada a fazer algo que ocorre muito mais fluidamente fora de seus muros – que, a propósito, continuam lá (RIBEIRO, 2016, p. 94).

Diante desse cenário, manter a escola fora dessa realidade acaba comprometendo o bom andamento das aulas, especialmente, no ensino de história, que para muitos é uma disciplina chata, repetitiva e decorativa. É de suma importância notarmos que apesar de a educação ser assegurada pela Constituição Federal de 1988, muitos ainda não têm acesso, por conta dos fatores de desigualdade social, que colaboram para que as políticas públicas não sejam executadas de forma eficiente para atender, principalmente, os que dela necessitam.

Ribeiro (2016) explana que a popularização das tecnologias digitais no Brasil aconteceu na década de 1990, período em que foi possível de se observar um novo movimento de pesquisa e ensino, pois com a chegada de computadores e *softwares*, foram substituídas certas modalidades e práticas, não deixando de fora, o básico que são a leitura e a escrita. Por outro lado, Blanco e Silva explicam que:

A relação do homem com a natureza foi sempre mediada pela tecnologia, embora esta mediação seja mais marcante na sociedade contemporânea, pois o impulso tecnológico do século XX marca as instituições sociais e

interfere em todos os setores da atividade humana (1993, p. 38).

O mundo contemporâneo está em constante mudança e isso é resultado para o desenvolvimento tecnológico rápido, que aproxima o presente do futuro. Essas inovações tecnológicas acompanham impulsionando a transformação tanto social, quanto cultural, afetando a forma como as pessoas aprendem, pensam e interagem ao seu redor. Segundo Calado:

A contemporaneidade exige por parte do professor inovações no que concerne ao uso dos recursos didáticos e tecnológicos em sala de aula, e no tocante as diferentes transformações sociais, tecnológicas e científicas que a sociedade atual vem passando, entende-se nesse contexto histórico contemporâneo, a necessidade de inserir no ensino de história e geografia, novas tecnologias como ferramentas para superar os desafios postos, tanto no que concerne ao ensino, quanto a aprendizagem dos alunos (2012, p. 16).

Dessa forma, podemos perceber que por meio da internet e de outros recursos tecnológicos, podemos tornar o processo de ensino mais envolvente, pois essas ferramentas facilitam o desenvolvimento de habilidades intelectuais dos alunos proporcionando um processo de aprendizagem mais significativo, além de harmonizar a interação entre docentes e discentes.

## **2.2 A necessidade do ensino remoto devido à pandemia**

No ano de 2020, houve uma grande crise sanitária mundial, causada pela Covid-19, que acabou impondo um isolamento social, como estratégia e medida de segurança. Essa situação evidenciou as contradições e os problemas oriundos da crise estrutural do modo de produção capitalista, desvelando, ainda mais, a precariedade da educação escolar brasileira, sobretudo, dos anos iniciais da educação básica.

Pandemia é a disseminação mundial de uma nova doença e o termo passa a ser usado quando uma epidemia, surto que afeta uma região, se espalha por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa.<sup>8</sup> Diante dessa situação, as escolas tiveram que mudar o seu modo de ensino, deixando o presencial e adotando um novo modelo de ensino – ensino remoto – com uso de ferramentas digitais. Azevedo esclarece que:

[...] A maioria dos professores, até o momento da pandemia, não tinha o hábito de utilizar tecnologia em suas aulas e quando utilizava era de forma pontual. Esses professores tiveram de mudar sua forma de dar aula em um curto espaço de tempo. Os professores em sua maioria tiveram de se adaptar



a ministrar aula para um computador [...] Além de ter de aprender a ministrar sua aula de forma online, muitos professores tiveram de aprender rapidamente a utilizar diferentes aplicativos e ambientes virtuais de aprendizagem, aprender a gravar vídeo aulas, tudo isso pensando em como possibilitar o processo de ensino-aprendizagem mais significativo para seus alunos, seja por meio de atividades síncronas ou assíncronas (AZEVEDO, 2020, p. 227).

A tecnologia fornece educação, especialmente, no que diz respeito ao uso da internet e de aplicativos educacionais disponíveis. Através do plano para implementação das atividades pedagógicas e aulas não presenciais, durante o período de suspensão das aulas, em virtude da pandemia do novo coronavírus, a Prefeitura de Rio Branco – Acre disponibilizou medidas sociais e pedagógicas para auxiliar os professores na preparação metodológica de suas aulas:

As orientações e atividades não presenciais deverão ocorrer através de ações articuladas entre coordenação pedagógica, professor do AEE, professor mediador, professor bilíngue, professor de Libras, cuidador pessoal com a própria família dos alunos com deficiência, quando possível, por meio de tecnologias de comunicação, tais como, WhatsApp, cópias, vídeos ou outros meios, conforme a realidade de cada unidade educativa (PLANO, 2020, p. 17).

Entretanto, diversos desafios ficaram evidentes com essa situação, como por exemplo, a falta de recursos essenciais por parte dos alunos, sendo importante salientar que:

Nesse contexto, convém sinalizar que, em tempos de pandemia, há a necessidade de um olhar mais vigilante ao processo formativo da criança, pois, ao se considerar a legalidade do ensino remoto para todas as etapas da educação, cabe ao professor a continuidade da organização de um trabalho pedagógico que contemple atividades qualitativas e de caráter desenvolvente, que possibilitem o máximo acesso à cultura elaborada. A criança em isolamento social tem direito a receber da instituição educativa situações desafiadoras de aprendizagem, que sejam capazes de incitá-la a se movimentar, raciocinar, brincar, controlar suas vontades, entre outras ações (VINCENTINI et al., 2021, p. 209-210).

Já na visão de Bunzen:

[...] em muitas famílias, apenas um computador (de mesa ou portátil) ou um celular precisam ser compartilhados por vários usuários ao mesmo tempo. Então, a escolha pelas ferramentas e pelo uso de determinadas plataformas e mídias digitais ou analógicas tornou-se central para os profissionais da educação. Além disso, as atividades propostas, o planejamento pedagógico e o processo de avaliação precisam ser alterados, no intuito de atender ao contexto histórico da pandemia (2020, p. 24).

<sup>8</sup> Conceito de pandemia segundo a Fiocruz disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia> Data de acesso: 26/07/2022

Porém, com o início da pandemia, surgiu uma nova perspectiva de ensino, o remoto, com a utilização de diversos recursos tecnológicos para transformar a forma de ensinar no distanciamento social. Mas como salienta Ana Elisa Ribeiro (2016) se o professor não faz uso dos recursos tecnológicos em seu cotidiano, dificilmente conseguirá desenvolver estratégias para usá-los em sala de aula e foi o que aconteceu com muitos professores no período pandêmico:

Se o professor não usa um computador e seus programas, se não usa redes sociais, se não conhece os mecanismos e as funcionalidades de determinados apps para celular, ele certamente não poderá visualizar usos pedagógicos dessas possibilidades (RIBEIRO, 2016, p. 101).

Apesar das dificuldades, é preciso pensar em soluções de ensino, a transformação do presencial para o virtual, sem direito a (quase) nenhuma formação específica, fez com que a educação sofresse as consequências ocasionadas pela pandemia do coronavírus. No entanto, a disponibilidade de recursos tecnológicos e ferramentas digitais têm possibilitado diversas iniciativas para ajudar os professores e alunos, que estavam socialmente distanciados por questões sanitárias.

### **2.3 Diferença entre Ensino Remoto e Educação a Distância (EaD)**

O ensino remoto refere-se à atividade de ensino mediada pela tecnologia, mas pautada pelos princípios da educação presencial. Os discentes têm aulas virtuais, ao mesmo tempo em que estariam presentes na instituição de ensino, respeitando as normas da instituição e o percentual de tempo especificado no plano de instrução do curso.

A consolidação da medida emergencial ocorreu com aplicação pontual de cursos e atividades a distância, sendo aplicado por meio de plataformas digitais no Ensino Remoto.

Ensino Remoto Emergencial (ERE) é uma modalidade de ensino que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e alunos e foi adotada de forma temporária nos diferentes níveis de ensino por instituições educacionais do mundo inteiro para que as atividades escolares não sejam interrompidas [...] No ERE, a aula ocorre num tempo síncrono (seguindo os princípios do ensino presencial), com videoaula, aula expositiva por sistema de webconferência, e as atividades seguem durante a semana no espaço de um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) de forma assíncrona (BEHAR, 2020).

Já o modelo EaD (Educação a Distância) vem sendo utilizado há muitos anos

devido ao avanço tecnológico existente. No EaD, o ensino é compartilhado com outros especialistas, tem sua base em envolver um uso mais intensivo, prolongado e mais eficiente em cursos online, abrangendo todas as disciplinas. Utiliza plataformas digitais, mas possui um modelo próprio de ensino, é uma modalidade de ensino que combina teoria e método, possui uma estrutura político-pedagógica que vai além dos momentos síncronos e assíncronos do ensino remoto.

A Educação a Distância é uma modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes, tutores e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos. Ela possui um modo de funcionamento com uma concepção didático-pedagógica própria. Esta abrange conteúdos, atividades e todo um design adequado às características das áreas dos conhecimentos gerais e específicos, contemplando o processo avaliativo discente (BEHAR, 2020).

No entanto, existem alguns fatores importantes que diferenciam o modelo de EaD do ensino remoto, pois o ensino remoto vem sendo usado desde o início da pandemia. O Ensino Remoto foi pensado para ser utilizado por um curto período. A educação a distância é uma modalidade e tem estrutura e métodos específicos, como afirma Coscarelli:

Chamamos ensino remoto e não educação a distância (EaD), porque é uma ação emergencial, são cursos presenciais, que, devido aos impedimentos impostos pela fácil disseminação do coronavírus, impedem os estabelecimentos de ensino de manterem suas atividades presenciais. O ensino remoto precisou ser feito sem planejamento prévio, sem um ambiente virtual de aprendizagem escolhido com cautela, sem que os professores tivessem tempo de se preparar, de produzir e selecionar materiais e estratégias de ensino adequadas para atividades online (COSCARRELLI, 2020, p. 15).

A educação online – é um modelo de ensino onde os alunos acessam conteúdos pela internet como vídeos, transmissões ao vivo, chats, avaliações, exercícios etc. Os alunos não precisam estar no mesmo ambiente físico que seus professores e podem acessar os conteúdos educacionais remotamente pela internet – é notável que esse último termo é a junção das outras duas modalidades de ensino mencionadas. É a possibilidade de criação de um espaço virtual, que rompe restrições e abrange o maior número de pessoas, pois permite que os alunos continuem aprendendo em casa ou em qualquer lugar, desde que tenham esse dispositivo conectado.

Hodges et al. (2020) elucidam que o ensino remoto nada mais é do que uma

alternativa temporária para que ocorram as atividades de ensino, enquanto durar o distanciamento social, de modo a envolver ensino de forma remota na casa dos educandos, mas se retornará ao ensino presencial assim que o período pandêmico passar (o que já aconteceu em 2022).

#### **2.4 Ensino remoto suas vantagens e desvantagens**

No entanto, apesar da maior flexibilidade que o ensino remoto oferece aos alunos, há muitas dificuldades e inconvenientes em relação à educação presencial, entre elas, pode-se citar as interações aluno-professor, que podem acabar contribuindo para o relacionamento educacional, pois ainda que o aluno domine ferramentas e tenha todo um aporte tecnológico, a figura do professor mediador ainda se faz necessária. Dentre os diversos desafios encontrados no ensino remoto, destaca-se a dificuldade em manter os alunos atentos e concentrados, bem como a dificuldade dos docentes em realizar leituras corporais e manter um ambiente mais interativo, tornando a educação online desafiadora.

Um ponto a se destacar como vantagem deste período é que os alunos podem aprender com mais autonomia planejando seus estudos, complementando o que não entendem, com pesquisas externas feitas em casa mesmo, afinal o uso de tecnologias pode contribuir para uma formação autônoma e colaborativa como foi publicado nos arquivos analíticos de políticas educativas.

As tecnologias que permitem aprendizagens colaborativas possibilitam aos utilizadores trabalharem em conjunto, muitas das vezes de forma autônoma, no desenvolvimento de conteúdos colaborativos. O uso pedagógico e eficaz de determinadas ferramentas pode ser um fator decisivo para a promoção de ambientes inovadores, colaborativos e autônomos de aprendizagem. (FAUSTINO, SIMÕES, 2019, p.08)

A sociedade é obrigada a reconhecer e valorizar o empenho dos professores, que ainda que tivessem limitações com o uso e o domínio de tecnologias digitais, não mediram esforços para proporcionar uma aprendizagem rápida e com o mínimo de qualidade aos seus alunos. Afinal, o fato de estarem em casa e com flexibilidade de horário, por conta do isolamento social não tornou a rotina do educador mais leve e cômoda.

Por outro lado, a desvantagem é a convivência no local de estudo, pois toda a família estava em casa e dividindo o mesmo espaço. Muitos alunos abandonaram a escola por não terem acesso à internet em suas casas e outros abandonaram pela

dificuldade de adaptação ao modelo de ensino, e negatividade psicossocial, que é devido ao distanciamento dos colegas.

De acordo com a Agência Câmara de Notícias, baseada em dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), a evasão escolar no Brasil atingiu 5 milhões de alunos em decorrência da pandemia de Covid-19, esses números aumentaram em 5% entre os alunos do ensino fundamental e 10% no ensino médio. Para aqueles que permanecem matriculados, a dificuldade foi de acesso, com 4 milhões de estudantes sem conectividade.<sup>9</sup>

Após avaliar os prós e contras do ensino remoto para os professores de história, fica evidente o quão difícil e complexo é, encontrar maneiras acessíveis de ensinar. Este é um momento para refletir sobre diretrizes para novos conselhos sobre o ensino e seus desafios. Quando relacionado à era digital, muitos professores sentem-se incapazes de realizar atividades educativas suficientemente eficazes e eficientes pela internet. O ensino remoto inicialmente parecia ser algo desgastante e repetitivo pela limitação de ferramentas no ambiente virtual de aprendizagem, tornando assim as aulas de história mais rígidas e monótonas.

Para que o ensino remoto ocorra é imprescindível que a educação realizada por vias digitais seja, de fato, de qualidade, sendo necessária a busca por modelos de ensino-aprendizagem que instiguem um ambiente colaborativo para todos os envolvidos. Isso reflete, portanto, na necessidade de modificação de comportamento e/ou atitudes das instituições de ensino, tanto para os professores, quanto para os alunos (MOREIRA; HENRIQUE; BARROS, 2020).

Diante do exposto e do atual período de instabilidade social, sinalizam a necessidade de se “considerar as possibilidades objetivas e subjetivas de alunos, professores, instituições e famílias [...]”. Organizar o trabalho pedagógico, no atual momento, pleiteia que seja garantido a todas as crianças o direito de acesso às elaborações pedagógicas organizadas pelo professor, bem como, aos materiais didáticos e às tecnologias digitais. Todas as atividades planejadas pelos professores precisam ser “[...] cuidadosamente pensadas considerando-se a especificidade da faixa etária educacional de modo a minimizar a necessidade de auxílio familiar” (FRANCO et al., 2020, p. 03).

Fonte: Agência Câmara de Notícias. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/814382-educadores-alertam-para-aumento-de-evasao-escolar-durante-a-pandemia/>. Data de acesso: 18/07/22

ferramentas no ambiente virtual de aprendizagem, tornando assim as aulas de história mais rígidas e monótonas.

Para que o ensino remoto ocorra é imprescindível que a educação realizada por vias digitais seja, de fato, de qualidade, sendo necessária a busca por modelos de ensino-aprendizagem que instiguem um ambiente colaborativo para todos os envolvidos. Isso reflete, portanto, na necessidade de modificação de comportamento e/ou atitudes das instituições de ensino, tanto para os professores, quanto para os alunos (MOREIRA; HENRIQUE; BARROS, 2020).

Diante do exposto e do atual período de instabilidade social, sinalizam a necessidade de se “considerar as possibilidades objetivas e subjetivas de alunos, professores, instituições e famílias [...]”. Organizar o trabalho pedagógico, no atual momento, pleiteia que seja garantido a todas as crianças o direito de acesso às elaborações pedagógicas organizadas pelo professor, bem como, aos materiais didáticos e às tecnologias digitais. Todas as atividades planejadas pelos professores precisam ser “[...] cuidadosamente pensadas considerando-se a especificidade da faixa etária educacional de modo a minimizar a necessidade de auxílio familiar” (FRANCO et al., 2020, p. 03).

Com base nessa concepção de processo de ensino e aprendizagem, e diante das inúmeras adversidades enfrentadas na atual circunstância de colapso universal, reitera-se a necessidade de se repensar os encaminhamentos pedagógicos para a educação das crianças, inseridas na educação básica, a fim de assegurar o acesso de todos os materiais produzidos pelos professores no ensino remoto, de maneira que se conceda a cada aluno, o acesso aos conteúdos escolares elaborados historicamente (VICENTINI et al., 2021).

Por meio de uma prática colaborativa e interativa é possível fazer com que o aluno e o professor fiquem conectados e interajam entre si, proporcionando assim, momentos saudáveis de convivência virtual, pois além do conteúdo, o diálogo, a interatividade e a criatividade também são fatores que afetam a incerteza e a insegurança mundial criados devido ao isolamento social. Entretanto, as escolas devem buscar inserir recursos midiáticos com mais frequência, visando incentivar, motivar e preparar os professores para utilizá-los, de modo que os professores e os alunos notem a necessidade dos recursos, permitindo que não só as instituições de ensino, mas também os docentes continuem pesquisando e se atualizando sobre

novas mídias em sala de aula.

Com a pandemia ficaram nítidas as desigualdades de acesso às condições básicas e acervos cultural e educacional, impactando as possibilidades de desenvolvimento humano e engendrando desafiadoras demandas para a educação básica. Desta forma, as ferramentas para os docentes usarem em sala de aula proporcionam aos alunos permanência nos espaços de aprendizagem, permitindo que o educando possa ter mais informações e recursos, tornando o processo educacional possível em tempos de distanciamento social.

O uso de ferramentas tecnológicas na educação deve ser visto na perspectiva de um novo método de ensino, que possibilite aos alunos interagirem digitalmente com os conteúdos, ou seja, eles passam a interagir com diversas ferramentas para que possam transformar os conhecimentos educacionais adquiridos no seu desenvolvimento acadêmico.

Segundo os autores Ribeiro e Novais (2014), muitos docentes, de todos os níveis de ensino e disciplinas, acabam experimentando aplicativos, plataformas, dispositivos em sala de aula, em busca de melhoria do ensino educacional na transmissão de seu conteúdo e/ou melhoria das condições e resultados de aprendizagem gerados aos alunos.

Para que professores e alunos possam comunicar-se através de informações trocadas de forma produtiva é fundamental uma boa interação, para o andamento desse processo. O uso de recursos digitais favorece não só a comunicação, como também a diversidade metodológica. Atualmente o uso de microcomputadores é uma realidade no espaço escolar, diante disso, Hypólito explana sobre a existência do uso da tecnologia com a implementação de microcomputadores.

Processos semelhantes têm ocorrido quando da introdução de “novas tecnologias” no ensino, como por exemplo a introdução de microcomputadores no ensino. Ao mesmo tempo que não se pode negligenciar os efeitos e impactos desqualificadores destes sobre o trabalho, essas formas de tecnologia, além de atingirem um número limitado de profissionais, trazem incorporado em si um saber avançado e a possibilidade de facilitar certas tarefas rotineiras, o que pode significar um enriquecimento na formação do/a professor/a. (2020, p. 116)

Essa oferta ainda é bastante distante em diversos contextos, principalmente naqueles onde professores e alunos não são detentores do acesso à internet e de

celulares, o que gera impactos no trabalho destes docentes e, conseqüentemente, na aprendizagem das crianças, devido à miserabilidade as quais estão expostas. Com base nos dados fornecidos por Idoeta da BBC News Brasil de São Paulo, explana-se que:

O acesso aos computadores com acesso à internet vem aumentando aos poucos desde o início da pandemia: na primeira das sete pesquisas conduzidas pela Fundação Lemann e Itaú Social, realizada em maio de 2020, eram 42% dos alunos, índice que chegou a 49% no levantamento mais recente, com base em entrevistas feitas entre agosto e setembro. Mas 51% das famílias entrevistadas disseram que ainda enfrentam esse problema (2021).

O uso de ferramentas digitais traz grandes benefícios, mas também é fato gerador de exclusão e desigualdade social, ponto também discutido por Pamplona:

‘A questão do aparelho ser caro e do serviço ser caro é um problema, mas é um problema ainda maior para os estudantes da rede pública’, diz a pesquisadora do IBGE Alessandra Brito, frisando que enquanto 99,5% dos brasileiros acessam a internet pelo celular, apenas 45,1% o fazem por computadores. Segundo a pesquisa, embora 78,3% da população e 82,7% dos domicílios brasileiros tivessem acesso à internet no fim de 2019 a cobertura variava muito entre regiões, faixas de renda e tipo de escola frequentada (PAMPLONA, 2021).

De acordo com Ribeiro e Clímaco, a comunicação deve ocorrer de modo síncrono ou assíncrono, via internet (celular, computador, *tablet*), sempre que possível. Os autores ainda apontam “possibilidades de interação e participação das famílias como elemento crucial para o mínimo possível de desenvolvimento de um ensino remoto para esse segmento” (2020, p. 100).

O uso do computador e da internet na educação é uma abordagem inovadora, pois a atuação do professor não pode se limitar a fornecer informações aos alunos. Como meio de disseminação do conhecimento, a tecnologia deve ser utilizada de forma mais efetiva pelos próprios professores, que são responsáveis pela função mediadora da tecnologia, interação entre alunos e professores, possibilitando que os discentes formem seu próprio conhecimento em ambientes desafiadores onde a tecnologia constitui a promoção do professor, do progresso sendo uma ferramenta indispensável para a sistematização, criatividade e autonomia do conhecimento aos alunos.



O ponto fundamental da incorporação do professor ao mundo da tecnologia é democratizar o ensino por meio da interação com atividades individuais ou em grupo via teleconferência pela internet, aulas via vídeo, entre outros parâmetros. Como em qualquer outra tecnologia, o uso do computador exige uma reflexão crítica sobre seu valor como ferramenta de ensino, levando os professores a confrontar suas ideias e verdades, iniciando assim um processo de mudança nos métodos de ensino.

Isso porque os alunos são atraídos pelo uso de computadores, que, se usados sob a orientação de professores preparados para isso, pode aumentar a produção e aquisição de conhecimento explorado pelo uso da internet. Diante disso, devemos refletir a forma como as escolas apresentam o computador aos alunos.

Os computadores usam a informação como matéria-prima, que armazena, recupera e exibe aos usuários que a solicitam. No entanto, informação não é sinônimo de conhecimento, trata-se de reinterpretar a informação a partir da personalidade do sujeito, de modo que o professor é a base como ferramenta intermediária, ponte facilitadora da interpretação da informação para que o aluno possa adquirir conhecimento.

A tecnologia oferece aos alunos uma variedade de ferramentas novas e eficazes, desde a internet que é o meio para buscarmos informações e descobrir o que é verdadeiramente relevante ao ensino, até as ferramentas analíticas, para entender a informação criativa trazendo resultados através das várias mídias ou ferramentas sociais.

O problema pode estar na forma como a tecnologia é utilizada, os alunos já estão acostumados com a forma tradicional de ensinar – com professores explicando presencialmente. Atitudes que antes eram desenvolvidas em sala de aula antes do isolamento social, como por exemplo, o hábito de esconder o celular durante as aulas, hoje já não é mais necessário. Essa ferramenta passou inclusive a ser indispensável no processo de aprendizagem durante o ensino remoto.

## **2.5 Uso das TDICS no processo de ensino aprendizagem**

A adaptação e a inserção dessas TDICS exigem preparo da equipe para suas implantações, além de uma boa formação do corpo docente. Mas será que nossos professores estão prontos para isso? Será que eles dominam essas ferramentas? A

exigência por um profissional com boa formação, aberto ao uso de novas ferramentas tecnológicas, metodologias ativas é uma realidade do sistema de ensino no presente momento, pois almeja colocar o aluno como protagonista e não como mero receptor de informações. Mas será que as graduações estão produzindo esses profissionais digitais? Ou será que estão produzindo profissionais analógicos para um mundo digital?

Uma educação pautada no uso de recursos não pode ser fundamentada exclusivamente em inserir a tecnologia na sala, deve ser algo que tenha sentido e seja significativo para o aluno, mas a formação é fundamental, como afirma Jaqueline Souza:

A formação dos professores em tecnologia é realmente um dos maiores desafios quando se fala de tecnologia na educação. Não basta apenas instalar uma lousa interativa, por exemplo, e pedir que se saia usando. Dessa forma, ela não será utilizada em sua plenitude e apenas o que é conhecido por eles será colocado em prática. É preciso mostrar a diversidade de atividades que podem ser desenvolvidas por meio de um dispositivo móvel para que isso facilite e, até melhore, os processos de comunicação e de aprendizagem dos alunos. (SOUZA, 2021, p.80)

A formação docente é imprescindível para que o profissional consiga desenvolver com maior eficácia sua mediação dentro da sala de aula, seja remota ou presencial, mas ainda há um caminho longo a ser percorrido, pois nem sempre obtemos essa qualificação em nossa formação acadêmica, fato que deixa o profissional desnorteado, como afirma Marcella Costa:

É compreensível, portanto, o depoimento de muitos de nossos colegas educadores de que “estamos perdidos” em meio a esse mundo midiático. Muitos docentes, mesmo na Academia, reconhecem a importância do tema, mas não sabemos bem de que forma os trabalhar. (COSTA, 2015, p,249)

Um exemplo disso é o curso de licenciatura em história da Universidade Federal do Acre, onde cursei graduação em História, sem estudar disciplinas voltadas a uma educação digital, como se observa no quadro a seguir:

**Figura 02**

Período: 1º Semestre de 2018		Período: 2º Semestre de 2020	
Código	Nome Disciplina/Atividade	Código	Nome Disciplina/Atividade
CELA186	Educação e Sociedade	CELA008	Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)
CFCH265	Metodologia Científica Aplicada aos Estudos de História	CFCH113	História Contemporânea I
CFCH291	História Antiga I	CFCH131	Ensino de História II
CFCH294	Teoria da História IV	CFCH319	Estágio Supervisionado do Ensino de História V
CFCH388	Estudos em História	CFCH524	História da África I
<b>Total Créditos/Carga Horária cursados no Período: :</b>		<b>Total Créditos/Carga Horária cursados no Período: :</b>	
Período: 2º Semestre de 2018		Período: 1º Semestre de 2021	
Código	Nome Disciplina/Atividade	Código	Nome Disciplina/Atividade
CELA178	Profissão Docente: Identidade, Carreira e Desenvolvimento Profissional	CFCH088	Pesquisa Histórica I
CELA968	Organização da Educação Básica e Legislação do Ensino	CFCH114	História Contemporânea II
CFCH129	História Medieval	CFCH304	História do Acre VII
CFCH267	História da Educação Brasileira	CFCH322	Estágio Supervisionado do Ensino de História III
CFCH299	Teoria da História V	CFCH351	História e Cultura Afro-brasileira
<b>Total Créditos/Carga Horária cursados no Período: :</b>		<b>Total Créditos/Carga Horária cursados no Período: :</b>	
Período: 1º Semestre de 2019		Período: 2º Semestre de 2021	
Código	Nome Disciplina/Atividade	Código	Nome Disciplina/Atividade
CELA969	Investigação e Prática Pedagógica	10	Atividades Acadêmico-Científico-Culturais
CELA970	Psicologia da Educação	CFCH089	Pesquisa Histórica II
CFCH282	História Moderna	CFCH110	História da Amazônia II
CFCH283	História do Brasil	CFCH281	História do Oriente
CFCH286	História da América	CFCH312	História do Acre VIII
<b>Total Créditos/Carga Horária cursados no Período: :</b>		<b>Total Créditos/Carga Horária cursados no Período: :</b>	
Período: 2º Semestre de 2019		Período: 1º Semestre de 2020	
Código	Nome Disciplina/Atividade	Código	Nome Disciplina/Atividade
CELA971	Didática	CELA059	Fundamentos da Educação Especial
CELA972	Organização Curricular e Gestão da Escola	CFCH276	História do Brasil VI
CFCH272	História da América V	CFCH279	História da América VI
CFCH273	História do Brasil V	CFCH317	História Indígena do Acre
CFCH302	Teoria da História VI	CFCH318	Ensino de História
<b>Total Créditos/Carga Horária cursados no Período: :</b>		<b>Total Créditos/Carga Horária cursados no Período: :</b>	

Grade curricular do curso de licenciatura em História ano 2020/2021

Indubitavelmente, a falta de formação voltada as TDICS torna a vida do profissional mais complicada, pois é muito difícil aplicar aquilo que não aprendeu. Certamente essa ausência na formação interfere diretamente nas práticas do cotidiano.

O problema é que além de enfrentar a falta de formação na graduação para uma educação com estudantes protagonistas, os educadores esbarram nas dificuldades impostas pelos sistemas que nem sempre garantem essa formação com qualidade e ainda burocratizam o acesso dos docentes a uma especialização e boa

formação para enfrentar esse desafio, que é garantir educação de qualidade e autônoma.

As urgências do capital e o relógio de ponto são muito maiores do que o preparo profissional. Isso não deveria ser negociável: uma das missões do(a) professor(a) é estudar. Há pelo menos trinta anos, especialistas em educação e tecnologias mostram a nós que é preciso integrar, que é importante aprender, que é interessante saber usar, que é preciso tempo para adaptar, que é fundamental ter infraestrutura, sim, mas que é ainda mais fundamental ter ideias, ter experiências, aprender os caminhos, ter coragem para remodelagens que demoram a acontecer. (RIBEIRO, 2020, p. 114)

Como dito ao longo desta dissertação, o uso de TDICS pode trazer benefícios como: melhoria na didática adotada, substituindo aulas maçantes; ajuda no preparo do indivíduo para a sociedade, que usa as tecnologias com frequência; facilita a interação e agiliza a circulação de informações de maneira instantânea. Diante disso, é necessário que a escola esteja preparada e consiga valorizar a experiência e vivência dos alunos, com foco voltado para a construção de uma aprendizagem sólida e ativa.

As TDICS abrem novos caminhos para refletir sobre as possibilidades educativas da disciplina de história, transformando em um novo modo de ler e escrever, onde o indivíduo começa a pensar e agir, quando ampliam seus conhecimentos de mundo adquiridos com a experiência gerada por conta dos usos das TDICS na disciplina.

A utilização das TDICS na educação no Brasil tem sido integrada a muitos conhecimentos adquiridos e apresenta a possibilidade de revisão nas estratégias usada no processo educativo. Essa realidade encontra desafio relacionado ao papel do professor na utilização das TDICS, pois sua formação profissional vai determinar como esses recursos são aplicados, ou mesmo a falta deles, e o quanto essa falta de formação qualificada afeta o uso das TDICS, no qual os recursos tecnológicos podem tornar o processo de ensino obsoleto, em comparação com outros docentes que são letrados digitalmente. Vale ressaltar que a necessidade de domínio de recursos não deve representar uma volta a formação tecnicista, fundamentada em métodos e técnicas para sua aplicação.

Esses recursos técnicos devem ser usados no espaço de aprendizagem como ferramenta de ensino, onde o professor deve estar bem treinado para que domine não

só o conteúdo a ser repassado, mas também as TDICs. Como afirmam Pereira e Copatti:

A condição que o mesmo desenvolve, a partir do conjunto de práticas sociais para acessar, ler, escrever, gerenciar, avaliar e interpretar, de maneira crítica, as informações disponíveis nos recursos digitais, em diferentes suportes, bem como possuir noções de instalação e funcionamento dos equipamentos, para com isso fomentar possibilidades de novas aprendizagens, possíveis mudanças de discurso ideológico e uso adequado TDIC, para uma efetiva construção do conhecimento, com vistas a inclusão social dos indivíduos que fazem parte do processo de ensino aprendizagem da escola (PEREIRA; COPATTI, 2017, p. 32).

Carla Coscarelli (1999) elucida que é fácil ver que o uso das TDICs na apresentação de um conteúdo de ensino auxilia no aprendizado do aluno. Dessa forma, aqueles alunos que fazem uso de computadores e tablets poderiam ter maior facilidade no contato com o conteúdo, auxiliados por um professor que usa suporte de materiais tecnológicos. Dessa forma, as TDICs na educação agregam valor positivo ao conhecimento e à formação dos alunos. Portanto, a prática da busca do conhecimento é útil, tanto coletiva, quanto individualmente, pois tanto os professores quanto os alunos são capazes de enriquecer seu conhecimento ao utilizar as ferramentas tecnológicas. É importante salientar que esta pesquisadora não considera que o uso de tecnologias em sala de aula é a resolução de problemas no processo e ensino e aprendizagem, a presente pesquisa apenas observa este uso como uma possibilidade de construir outras possibilidades de ensino que estimulem os alunos em seu percurso escolar.

Mesmo com um firme voto de confiança de que as TDICs podem trazer benefícios para o ensino, tanto no trabalho dos docentes quanto nos discentes que desejam aprender, é preciso refletir sobre porque a insistência da escola na tecnologia digital não aconteceu na escala que muitos pesquisadores esperavam há 20 anos, quando foram previstas mudanças fundamentais que nunca aconteceram (RIBEIRO, 2016).

É importante observar que o uso das plataformas online e das TDICs possibilita processos de socialização por vias de “uma complexa teia de interações que plasmam a sociabilidade contemporânea e oferecem novas possibilidades de acessos ao saber” (NASCIMENTO; LIMA, 2019, p. 29).

O primeiro caminho para mudar é reconhecer a existência de um problema. Para quem pensa que a atual estrutura de formação de professores é gerada

basicamente em um único problema como a falta de apoios, condições ou recursos, está ligeiramente enganado. Os docentes que têm pouca ou nenhuma exposição à tecnologia precisam começar a planejar cursos mediados por tela com seu coordenador educacional, enquanto descobrem como as ferramentas de tecnologia funcionam. Com o advento dos cursos *online*, novos cursos surgiram com o desafio que não são comuns encontrarmos presencialmente, como a conexão e a participação de alunos distantes.

Essas circunstâncias causam insegurança entre os professores, pois ficam desconfortáveis com questões mais técnicas, como ensino *online*, gravação de vídeos e como os alunos podem acessar materiais sem tecnologia em casa, o que aumenta a preocupação com a participação deles. Isso é possível perceber a partir de Ribeiro:

Sem mais nem menos, as escolas, em especial as privadas, obrigaram a que as aulas, sempre. Tudo o que fingimos (não) saber sobre tecnologias e educação presenciais, fossem enfiadas pela goela das infovias. Isso sem qualificação, sem tempo, sem acertos. No melhor estilo “cumpra-se”. Daí corre todo mundo para fazer vídeo ensinando sujeito composto, live ensinando Platão, *quizz* sobre partes da célula, joguinho pra aprender inglês etc. Não deu tempo de planejar. Não deu tempo de chorar. Não deu tempo de ensaiar as repostas à estupidez de pais/mães intolerantes, ignorantes, apressados(as). (RIBEIRO, 2020, p.115)

Além disso, a entrada das TDICs nas aulas esbarra na resistência à mudança, na falta de domínio das novas tecnologias, nos custos excessivos, na falta de identificação dos objetivos, ênfase no meio e não na mensagem, entre outros fatores que merecem observação (MERCADO, 1999). Os docentes precisam entender a obrigação de atender as necessidades de uso desses recursos em salas de aula, pois esses requisitos técnicos são projetados para aprimorar o processo de ensino e aprendizagem.

Na explicação de Coscarelli, ela afirma que “o computador é nosso caderno e precisamos aprender a escrever nele, explorando os recursos que ele nos oferece” (2020, p. 03). Dito isso, é necessário entendermos que ensinar não é apenas inserir novas tecnologias digitais na sala de aula. Também é necessário que o professor perceba que deve se aprimorar, treinar e interagir melhor com o dispositivo digital (computador/tablet/celular), para que ele tenha uma ideia do que fazer. Entender como deve ser a utilização dessas ferramentas, é necessário um foco no resultado pretendido pelo plano de aula elaborado.

Para que seja positivo, os docentes devem estar bem treinados e planejados adequadamente para o uso, tornando-o envolvente e interessante para os alunos, caso contrário, apenas demonstrará a possibilidade de uso do computador, o que pode até desmotivar os discentes.

Os professores precisam melhorar a forma como administram os espaços físicos e virtuais, para apoiar as tecnologias emergências, visando integrá-las de forma inovadora, aberta e equilibrada, começando com salas de aula, que são capazes de oferecer atividades diferentes ambientes em rede (internet) proporcionando pesquisa e o ensino técnico no campo da tecnologia.

Obviamente, a informática nas escolas, o uso do computador como ferramenta de ensino, as vantagens e o impacto da tecnologia na educação são novidades para professores e alunos, ainda que os professores tenham dois sentimentos diante das novidades: um é a necessidade de a integração das novas tecnologias em seu cotidiano, outro é a insegurança, o medo por causa do despreparo deles.

Devemos levar em consideração que a utilização das TDICs não é a fórmula mágica para resolver todos os problemas educacionais e que a sua simples inserção não representa o fim, mas o começo de um processo de mudanças no sistema educacional. Vale ressaltar que nem todos os grupos sociais têm acesso aos mesmos recursos e ferramentas, dentre elas as voltadas a formação intelectual. Essas diferenças não são apagadas pelo uso de tecnologias, como afirma Sylvia Moretzsohn:

Na atualidade, o sentido mais evidente da fetichização da tecnologia digital está em atribuir-lhe o poder de apagar as diferenças postas nas relações sociais do mundo concreto, como se, de fato, todos, subitamente, passassem a ter o mesmo poder de se manifestar e, além disso, como se a manifestação de todos tivesse o mesmo peso. (MORETZSOHN, 2017, p.297)

Lidar com a instantaneidade exige do indivíduo uma preocupação em receber muitas informações a todo tempo, afinal estamos em um processo educativo e as informações não verdadeiras não informam o aluno, ao contrário, desinformam. Nesse contexto Moretzsohn afirma que:

Talvez seja ainda pior, considerando que mesmo pessoas bem formadas tendem a compartilhar automaticamente informações falsas ou verdadeiras, mas antigas – quantas vezes já não se repetiram as condolências, em forma de emojis lacrimejantes, pela morte de alguém já falecido há tanto tempo? –, porque não conferem as datas da publicação nem verificam a origem da informação, embora saibam da existência de *sites* e *blogs* especializados em disseminar mentiras e boatos. Quanto às multidões, antes ficassem apenas nas “bobagens”: a onda que, por exemplo, afirma que o nazismo é uma

ideologia de esquerda é talvez um dos exemplos mais eloquentes do cultivo da ignorância. (MORETZSOHN, 2017, p.304)

A partir da fala da autora, nota-se que não é tão simples assim o acesso à rede de computadores. É necessário que a escola ajude na orientação do uso da ferramenta de modo responsável.

## **2.6 Letramento digital no ensino de história**

As necessidades de discentes e dos docentes na era digital exigem que sejam desenvolvidas formas diferentes de aprender e de ensinar. Nesse sentido, o professor de história que atua na educação básica, deve se adequar as novas metodologias e estratégias de ensino da disciplina, atendendo exigências legais que vão tanto do currículo do sistema de ensino, como das necessidades sociais, das teorias e dos métodos de aprendizagem. Com isso, deve-se notar como é que a educação básica precisa desenvolver o conhecimento histórico.

Diante da imensidão de conteúdos a ensinar, querendo abarcar “toda a história”, é comum que nós, professores de História, abdicamos de metodologias participativas, dialogadas, de trabalho em grupo, em favor de um melhor aproveitamento do tempo escolar. Entendemos, equivocadamente, que otimizar o tempo significa priorizar a leitura e a explicação do professor sobre o capítulo do livro didático, seguindo-se a realização de exercícios pelos alunos, individualmente, para que a classe se mantenha mais silenciosa e, assim, mais produtiva (CAIMI, 2006, p. 25).

Precisamos esclarecer o que é letramento digital, e os conceitos de competências e habilidades que nos estão associadas, a fim de construir a partir desses conceitos o de letramento digital e sua importância para o desenvolvimento da consciência histórica. Logo, entendemos que inclui o processo de desenvolvimento da proficiência na leitura e escrita de códigos e símbolos verbais e não verbais exibidos em uma tela computadores e outras tecnologias digitais que são vitais. Coscarelli destaca:

Buscamos desenvolver habilidades relacionadas ao letramento digital e, para isso, trazemos atividades que lidam com a busca, seleção, análise, síntese integração e uso de informação provenientes de múltiplas fontes, com o uso de tecnologias digitais disponíveis gratuitamente na internet. (2020, p. 13).

O letramento digital tem pelo seu significado, o de dominar as técnicas e habilidades para acessar, interagir, processar e desenvolver múltiplas habilidades na



leitura de uma variedade de mídias. Um docente letrado digitalmente precisa ser capaz de construir significados a partir de textos que se conectam a palavras em outros textos por meio de hipertexto, links e hiperlinks. Segundo Coscarelli:

[...] porque precisa incorporar a escrita e a leitura nesses equipamentos, como, por exemplo, saber usar o teclado, se familiarizar com os programas de produção de textos, como os editores de texto (como o Word), programas de apresentação (como o PowerPoint), programas para fazer infográficos, banners, postagens nas redes sociais, planilhas. A produção desses textos demanda saber usar equipamentos (computador, celular, teclado, mouse, programas, aplicativos) que precisam ser conhecidos e, na medida do possível, dominados pelos usuários. O computador é nosso caderno e precisamos aprender a escrever nele, explorando os recursos que ele nos oferece (2020, p. 05)

Onde ele também deve ser capaz de localizar, filtrar e avaliar criticamente as informações fornecidas eletronicamente e familiarizar-se com as regras que regem comunicação com outras pessoas através de sistemas de computador. Coscarelli e Ribeiro explicam o conceito de letramento intercedido pelas “telemáticas” como “[...] a ampliação do leque de possibilidades de contato com a leitura e a escrita também em ambiente digital” (2010, p. 09).

O termo letramento digital se refere à prática social de ler e produzir texto em um ambiente digital, ou seja, usar o texto em um ambiente fornecido por um computador ou dispositivo móvel (como celulares e tablets), ou em plataformas como e-mail, rede social, blog, etc. Vale lembrar que os ambientes digitais são multimodais, com informações apresentadas não apenas por meio de elementos linguísticos (como palavras, frases), mas também vídeos, sons, memes, ações, cores e ícones.

O letramento digital na educação não apenas muda a relação entre os alunos e o processo de aprendizagem, mas também exige que os professores tenham novas percepções e atitudes. Com isso, Rojo elucida que:

Cumpra primeiramente reafirmar a diferença entre multiletramentos e letramento digital. Os multiletramentos são os letramentos viabilizados pelo digital que, em geral, apresenta textos multimodais — viabilizados por diversas linguagens (imagem estática e em movimento, música, áudios diversos, texto escrito e oral) — e, portanto, exigem saber interpretar várias linguagens atualizadas em conjunto. Não basta mais o letramento do impresso: são necessários multiletramentos. Já letramento digital — conceito mais antigo e mais abrangente — tem vários significados ligados aos letramentos na tecnologia digital (2020, p. 40).

Os docentes deixaram o lugar de detentores do conhecimento e passaram a ser os intermediários de conhecimento, agora precisam usar a tela do computador

como mais uma possibilidade para que os alunos construam seu próprio conhecimento, possam usar e produzir conteúdo na *web*, localizar, pesquisar e selecionar informações, analisando-as criticamente. Ou seja, o processo de ensino deve atender as Tecnologias Digitais da Comunicação e Informação (TDICs) que trazem novas formas de ler e escrever, e os professores precisam se adaptar a este novo modelo incorporando conhecimento, contextualizando em sua programação, o que é facilmente acessível aos alunos.

Assim como a letramento digital do aluno deve ser alcançada na escola, ela também deve ser desenvolvida nas aulas de história. Desobstruindo as dificuldades para alunos que são validadas, principalmente nos argumentos escritos dos tópicos estudados, que revelam a leitura e a produção de texto são importantes no contexto da disciplina de história. Essas habilidades devem ser devolvidas à escola, ou seja, o uso adequado da TDCI pelas escolas, a fim de superar o uso de informações aleatórias, e redes sociais permitem que os alunos as explorem e gerem conhecimento.

Segundo Caimi (2014), é preciso questionar o uso da tecnologia no ensino de história para evitar que tais suportes/estratégias sejam vistos aqui além de possíveis novos modismos tecnológicos ou das características supostamente interessantes e atrativas que eles apresentam. É preciso problematizar sua capacidade de usar e apoiar situações de ensino (ou não) demonstrando pensamento crítico onde a organização da informação, argumentação, tomada de decisão e habilidades de resolução de problemas sejam comuns no cotidiano discente, especificamente nas aulas de história.

Alunos com letramento digital-histórico aplicarão conceitos substantivos e históricos para demonstrar seu raciocínio relacionado ao tema e, assim, revelar sua consciência histórica e o significado histórico atribuído à questão sob investigação. Além disso, as narrativas apresentarão conceitos de historicidade construída e relações passado-presente-futuro, por isso é necessário que os alunos sejam capazes de tomar decisões no presente, dadas as mudanças temporais e a complexidade dessas mudanças que podem impactar em suas vidas e escolhas.

Isso significa que as escolas podem usar as TDICs para ler, escrever textos digitais, pesquisar, interagir e suplementar o conteúdo do trabalho (hipertexto) para auxiliar, por exemplo, os processos de letramento e permitir que os alunos se

envolvam em uma aprendizagem significativa e muito mais sólida que a utilização exclusiva de metodologias fundamentadas em narrativas tradicionalmente construídas.

A tecnologia por si só não garante a letramento digital dos alunos. Não basta ter computadores nas escolas, não haverá mágica, porque se os alunos forem expostos apenas às ferramentas digitais, eles não poderão usar a escrita e a leitura. Quando os professores planejam suas aulas, é preciso aproveitar as tecnologias digitais trazidas pelos computadores e pela internet para selecionar criteriosamente aplicativos, jogos, usado para tornar as aulas interativas, envolventes e utilizar as TDICs nos processos de letramento por meio de uma aprendizagem ativa e significativa.

Lévy também contextualiza sobre o letramento digital:

O letramento digital remete à capacidade do indivíduo de direcionar o uso das tecnologias da informação e comunicação em prol de seus objetivos pessoais, como membro ativo de uma sociedade cada vez mais tecnológica. Não há letramento digital se o indivíduo não tem autonomia, criticidade e poder de reformulação e redirecionamento em relação ao uso que faz das TDIC em sua vida (1999, p. 57).

O processo de letramento digital deve ser abrangente o suficiente para produzir serviços sociais no sentido mais amplo. Demonstrando o contexto de desenvolvimento, de acordo com as necessidades da comunidade acadêmica, promovendo assim uma conexão real entre o uso da tecnologia e o processo de ensino, permitindo que professores experientes em TDICs atuem como mediadores no diálogo aluno-tecnologia.

O uso de computadores e da internet na educação é uma abordagem inovadora, pois a atuação do professor não pode se limitar a fornecer informações aos alunos. Como meio de disseminação do conhecimento, a tecnologia deve ser utilizada de forma mais efetiva pelos próprios professores, que são responsáveis pela função mediadora da tecnologia, interação entre alunos e professores, permitindo que os alunos formem seu próprio conhecimento em um ambiente desafiador, onde a tecnologia é ferramenta que auxilia o professor a promover o conhecimento, uma ferramenta importante para o desenvolvimento sistemático, criativo e autônomo.

Notamos a necessidade de estímulos para os professores de história e demais, na participação de uma formação continuada e, assim, aprimorar seus métodos e relações com eles. Os alunos necessitam ir além dos métodos tradicionais, baseados

na reprodução do conhecimento que é repassado. Para isso, é necessário promover um ensino comprometido com a construção de um cidadão crítico e atuante.

As tecnologias como os telefones celulares podem ser um recurso didático. O celular não é apenas um dispositivo de entretenimento para os alunos, mas um aliado para agregar conhecimentos que podem ser fornecidos com apenas um clique onde o indivíduo estiver, tendo em vista que como mencionado anteriormente, grande parte de nossas escolas não possuem ferramentas suficientemente necessárias para essas aulas inovadoras.

Os telefones celulares devem ser um bom recurso de ensino introduzido em diferentes momentos no ambiente educacional, desde que incorporado ao planejamento de ensino de professores e instituições, exceto na colaboração e a boa comunicação entre o corpo docente e todos os membros da família e da escola permitem que o trabalho seja realizado de forma colaborativa. Coscarelli elucida sobre: “Os computadores, incluindo nessa palavra os celulares, que, na verdade, são computadores de bolso, fazem parte da nossa vida e a escrita é requerida na maioria das ações que realizamos nesses equipamentos digitais” (2020, p. 2).

Nessa linha de raciocínio, o letramento digital pode facilitar a aquisição da leitura e da escrita, mas requer mudanças na prática educativa, uso efetivo e crítico das novas tecnologias em sala de aula, professores familiarizados digitalmente, além de formação consistente. No entanto, será um desafio para os professores que ainda carregam resquícios dos métodos tradicionais e têm poucas habilidades para lidar com as novas tecnologias. Coscarelli explica que:

As tecnologias digitais de informação e comunicação trouxeram novos espaços de compartilhamento de textos, novos espaços de leitura e de escrita, formas de comunicação em que se compartilham áudios, vídeos, animações, imagens, fotografias, entre outros, então, saber receber (ler, ver, assistir, apreciar, criticar, etc.), saber produzir e saber compartilhar esses textos são competências que precisamos ter como cidadãos de nossa sociedade contemporânea. Negar isso às pessoas é negar acesso à informação e, de alguma forma, é também negar o direito de expressão, o que é contra a lei (2020, p. 05).

Avanços na educação digital nesta crise educacional provocada pelo Covid 19, com foco no letramento digital, onde é importante não apenas ter acesso aos recursos de mídia/tecnologia digital, mas viabilizar esses recursos para a aprendizagem na modalidade a distância.

É possível usar as tecnologias digitais para aproximar crianças e famílias, para compartilhar formas de brincar e aprender em casa, para dar continuidade ao processo iniciado no ensino presencial. Nesse novo contexto, os professores poderão utilizar diferentes tipos de textos disponíveis na web no ensino a distância – tanto os textos orais e não verbais – proporcionando aos alunos a aquisição da leitura e da escrita.

O que queremos mostrar é que o computador não vai, por si só, modificar a concepção de aprendizagem das escolas, uma vez que ele pode ser usado para lidar com diversas situações. E é aí que está uma das vantagens de se usar o computador em sala de aula. Cada momento da situação de aprendizagem requer uma estratégia diferente, e o computador pode ser útil em várias ocasiões, bastando para isso que o professor planeje atividades, mais dirigidas, ou menos, conforme o momento. (COSCARELLI; RIBEIRO, 2010, p. 27).

Portanto, considera-se a importância da linguagem multimodal como forma de as crianças absorverem melhor o conhecimento, seja por meio de estímulos visuais ou auditivos, e isso pode ajudá-las também a entender e interpretar o texto. O processo de letramento já é complexo porque requer um conjunto específico de conhecimentos que é necessário para acompanhar o processo de aprendizagem, organização, métodos, interação com os pares. No contexto do distanciamento social, essa organização e interação também pertencem à família.

Devido a esses fatores, as escolas recomendam limitar o uso de telefones celulares durante o horário escolar. No entanto, acredita-se que são necessárias medidas democráticas no uso dessas tecnologias, trazidas de suas residências pelos alunos para desenvolver o pensamento crítico e reflexivo deles.

Ensinar não é apenas inserir novas tecnologias digitais na sala de aula. Também é necessário que o professor perceba que tem que se aprimorar, treinar e interagir melhor com o dispositivo, para que ele tenha uma ideia do que fazer com ele, entender como deve ser utilizado, cada um com foco em o resultado pretendido de seu plano de sala de aula.

A suspensão forçada das atividades presenciais trouxe para o centro do debate educacional a possibilidade de uso da tecnologia para atividades escolares não presenciais. As escolas já pensavam em como inovar as salas de aula tradicionais com uma abordagem positiva e um currículo envolvente para facilitar o ensino e a aprendizagem.

Talvez, o elemento fulcral que nos leva a vislumbrar nas tecnologias digitais algum sentido de solução ou de vantagem para nossas questões pedagógicas seja o fato de querermos encontrar nelas melhorias no ensino e na aprendizagem. E isso precisa ser considerado em vários níveis. Antes, porém, é preciso estar atento aos discursos que apenas desqualificam a competência do professor para cumprir seu trabalho. Um desses discursos, para nós, é justo este que quer fazer crer que os professores não sabem ou são incapazes do uso e dos planejamentos com tecnologias novas (RIBEIRO, 2016, p. 97).

Assim, o letramento digital histórico é um processo metodológico de construção do conhecimento histórico por meio da investigação histórica. Quando um aluno usa as TDICs, ele gera conhecimento histórico para representar seu presente, dar sentido à sua vida e responder às exigentes questões contemporâneas.

Instruir-se a esforçar-se com a diversidade por meio do diálogo e do encontro com outras pessoas em diferentes plataformas digitais, sendo capaz de questionar os padrões, tradições, ideologias e representações por trás da cultura histórica digital como uma das funções da história-letramento digital. Além de orientar os alunos a reconhecer as diferentes perspectivas das disciplinas de história.

Presentemente, temos acesso quase instantâneo a qualquer informação, seja do nosso país ou de qualquer outro país. Por isso, é necessário compreender essas mudanças que estão diretamente relacionadas ao papel do docente. Assim, o uso de textos em diferentes formatos para os alunos lerem e escreverem ultrapassou a memorização simples, permitindo que os alunos reflitam e debatam enquanto movem conceitos históricos para construir notícias, páginas de diário e cartas.

Aprender a lidar com a diversidade por meio do diálogo e do encontro com outras pessoas em diferentes plataformas digitais, sendo capaz de questionar os padrões, tradições, ideologias e representações por trás da cultura histórica digital como uma das funções da história-alfabetização digital. Além de orientar os alunos a reconhecer as diferentes perspectivas das disciplinas do mundo.

### **CAPÍTULO 3 – ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19**

Este capítulo é baseado na experiência da professora e de alunos em relação às aulas remotas. Abordaremos as dificuldades enfrentadas e estratégias usadas nesse período como o uso de recursos e ferramentas digitais voltados à educação e o ensino aprendizagem de história na escola de Educação Básica e Profissional Fundação Bradesco.

A escola Fundação Bradesco tem como missão promover uma formação humanista para desenvolver futuras lideranças em todas as regiões do país. Para isso, possui uma proposta pedagógica baseada no desenvolvimento de competências e habilidades cognitivas e socioemocionais constituídas de um conjunto equilibrado de competências essenciais e da adoção de estratégias didáticas e metodológicas, que desenvolva seus educandos/as, estabelecendo um caminho para a formação do cidadão, a constituição de sua identidade pessoal, cultural e social e sua inserção na sociedade e no mundo do trabalho.

A instituição tem como princípio a excelência, buscando fazer sempre o melhor; a igualdade ofertando a todos os mesmos direitos e não aceitando atos discriminatórios em hipótese alguma; respeito a si, ao outro e ao ambiente; a defesa de uma conduta ética e, por fim, o comprometimento no cuidado com o outro.

Em 2022, no estado do Acre, a escola atende 913 alunos distribuídos em toda a educação básica e educação de jovens e adultos. Além da assistência pedagógica, a instituição oferece o programa PRAVER, diagnosticando alunos com problemas na visão e assistência odontológica. Em relação a assistência, os alunos que apresentam problemas psicológicos também recebem auxílio da família no custeio ou encaminhamento para profissionais.

Participaram da presente pesquisa nove alunos, sendo oito meninas e um menino, alunos do nono ano da referida escola. Inicialmente toda a turma foi convidada a participar, mas poucos se voluntariaram e aceitaram a proposta. A metodologia usada foi analisar as narrativas dos alunos sobre suas experiências. Foi solicitado que produzissem um diário de bordo,<sup>10</sup> um registro do cotidiano nas aulas remotas, onde poderiam colocar suas dificuldades, rotinas etc. Os alunos participantes foram<sup>11</sup>: A.L.S, A.L.H.S, A.L.R, G.B, R.C.C, B.V.M.G, C.A, A.F.S, W.D.

Foi solicitado o diário manuscrito que deveria ser devolvido até julho do ano de 2021,

deixariam na escola e eu deveria buscá-los, porém não concluíram suas narrativas. Dessa forma, o prazo se estendeu e entregaram somente em dezembro de 2021. Foi possível perceber um receio de falar em certas temáticas por medo de alguma punição em relação às práticas, afinal estavam contando o que faziam por trás das câmeras para a professora que precisou acalmá-los e explicar que o objetivo não era punir, mas se tratava de uma pesquisa.

Em seus diários falaram sobre os recursos tecnológicos, presença ou ausência deles, ambiente de estudos inadequados, internet, distração com jogos, pesquisas na hora da avaliação e aprendizados no formato de remoto. Solicitei que descrevessem em seus diários o seu cotidiano durante as aulas remotas e disse que eram livres para falar sobre suas experiências. Nesse período, eu também produzi o meu, falando sobre minhas dificuldades, angústias, falta de habilidades tecnológicas mediante esse desafio que foi lidar com o ensino remoto.

### **3.1 Processo de ensino aprendizagem no espaço virtual**

O ano de 2020 trouxe aos professores uma nova forma de dar aulas. Com a pandemia da Covid-19, a necessidade de isolamento social e a implantação do ensino remoto obrigaram os docentes a ministrarem aulas de forma remota. Nesse momento, as habilidades com as tecnologias se fizeram essenciais para a garantia do ano letivo.

Diante deste cenário de excepcionalidade, os gestores e educadores tiveram que encarar mudanças abruptas em suas práticas pedagógicas presenciais para o que, aparentemente, se assemelha à instrução online, mas que, de fato, representa uma solução temporária para o processo de aprendizagem em termos de ensino remoto emergencial. (RODRIGUES, 2021. p.24)

Muitos professores não faziam uso de tecnologias em suas aulas, não porque não desejassem, mas por falta de acesso ou domínio de tais ferramentas. Mas durante a pandemia da Covid-19, os professores tiveram que adquirir recursos como equipamentos, internet, ambiente adequado para dar aulas, produzir roteiros<sup>12</sup> e fazer gravações de vídeos para os alunos.

---

<sup>10</sup> O diário de bordo é um registro de suas ações diárias e todos os detalhes relevantes que elas desencadearam: o comportamento das crianças diante delas, suas formas de interação, identificando e registrando as habilidades e dificuldades surgidas, a forma como comunicam suas percepções, ofertando a possibilidade de reflexões acerca da intencionalidade de cada atividade proposta.

Disponível em: <https://www.dialogosviagenspedagogicas.com.br/blog/o-que-e-um-diario-de-bordo-e-como-usa-lo-na-educacao-infantil> Acesso: 27/07/2022.

<sup>11</sup> Nesta pesquisa, os participantes são identificados pelas iniciais dos nomes.



Neste momento desafiador, muitas perguntas foram feitas pelos professores, tais como: Como manter os alunos em sala de aula online? Como trabalhar de modo interativo com esses alunos? Essas serão as questões tratadas neste capítulo a partir de experiências dos alunos e da docente por meio do uso do diário de bordo, importante ferramenta de registro de fatos do cotidiano.

No dia 17 de março de 2020 foram confirmados os três primeiros casos de Covid-19 pela Secretaria de Saúde do Acre (SESACRE). No dia seguinte, ao chegarmos à escola apareceram pouquíssimos alunos, que decidiram ir porque era semana de avaliações. Na oportunidade, fomos comunicados pela orientadora pedagógica que naquele dia e pelos próximos 15 dias não daríamos aulas, os alunos ficariam em casa acompanhando atividades pelo Portal Educação, portal acessado pelos alunos para avisos, atividades, materiais didáticos, acesso a outras plataformas de vídeos e pelo *classroom*.<sup>13</sup> Por duas semanas realizamos as postagens das atividades e ficamos no aguardo das orientações da escola em relação aos procedimentos.

A instituição Fundação Bradesco está presente em todas as regiões do país e professores de áreas afins participam de grupos de WhatsApp, reduzindo a distância e compartilhando experiências. Antes do comunicado oficial já apareciam em um grupo particular de professores, alguns comentários sobre a possibilidade de trabalharmos de maneira remota. Essa notícia gerou alvoroço entre os professores e me deixou extremamente apreensiva. Naquele momento, a instituição escola e toda a comunidade escolar estavam desafiadas a cumprir sua missão em meio às adversidades, como afirmam Ferreira, Nogueira e Monteiro na passagem a seguir:

As escolas estavam diante de uma tarefa nova e desafiadora, que era de fazer com que a educação escolar chegasse a cada criança, adolescente e jovem, de forma não presencial. A referida resolução, em seu artigo 2º, orienta que as escolas devem cumprir o calendário escolar, adotando providências para minimizar os impactos na aprendizagem dos estudantes com a suspensão das atividades presenciais, bem como realizar o planejamento de atividades curriculares, contendo metodologias, materiais didáticos, recursos disponíveis aos alunos/famílias, atendendo às especificidades de cada segmento escolar e em consonância com a Proposta Pedagógica. (FERREIRA; NOGUEIRA; MONTEIRO, 2021, p.53)

---

<sup>12</sup> Ao final desta dissertação, um modelo de roteiro produzido pela pesquisadora para realização de aulas remotas de história foi anexado.

No dia 3 de abril de 2020, recebemos em nossos e-mails a orientação pedagógica, referente às aulas, conteúdos e plataformas de ensino a serem adotadas durante o período de distanciamento, que acreditávamos que seria bem curto. O e-mail institucional deveria ser visualizado diariamente e por ele recebemos um *link* para podermos criar nossa conta corporativa no Cisco Webex, um aplicativo multifuncional que possibilita ligar, realizar reunião, enviar mensagens e trabalhar online. O recurso, que pode ser acessado via desktop e celulares, dispensa download de programas para entrar em reuniões, basta acessar um link enviado por e-mail. Além disso, é compatível com navegadores como o Chrome, Internet Explorer, Firefox e Safari. Foi nesta plataforma que as aulas foram ministradas até o final de 2021<sup>14</sup>.

Fomos convidados a participar de um planejamento remoto, fato inédito no nosso cotidiano até então. No planejamento foram convidados os analistas da escola, que deveriam orientar todo o corpo escolar sobre o uso da plataforma de ensino. Foi produzido um tutorial para sanar nossas dúvidas iniciais. Tudo era novidade naquela oportunidade.

Após a reunião e o comunicado oficial de que iríamos ministrar aulas remotas, veio o desespero e a insegurança. Primeiro motivo que me fez ficar apreensiva e desestabilizada foi o fato de não dominar muito bem os recursos digitais, pois o que eu sabia atendia as necessidades anteriores à pandemia, mas não supria naquele momento. Outro fator era que o aplicativo não funcionava bem com a internet que eu tinha disponível em casa. Onde conseguiria silêncio, isolamento e recursos adequados dentro de casa com toda a família reunida?

Fiquei extremamente ansiosa e desesperada ao mesmo tempo, afinal minha internet travava muito e não tinha lugar adequado e silencioso, afinal tinha criança em casa. Bateu o desespero, mas precisava solucionar tudo isso o mais rápido possível (SOUZA<sup>15</sup>, 2021).

A primeira medida foi contratar outra empresa e cancelar a internet que havia em casa, mas o sinal para o local, onde daria aulas era péssimo, então houve a necessidade de providenciar a compra de um cabo bem grande para me conectar quando a data de início das aulas remotas fosse marcada. Feito isso, era preciso dominar ou pelo menos manusear o mínimo dos recursos para a condução das aulas. Para testar a plataforma Webex combinávamos horários para treinar a criar *links*, enviar, compartilhar tela, testar som etc.

13

Classroom é uma plataforma criada pelo google para gerenciar o ensino e a aprendizagem, onde os professores possam ensinar seus conteúdos e interagir com os alunos.

No dia 14 de abril de 2020, iniciamos as aulas remotas com horários reduzidos, três dias por semana, para evitar cansaço e estresse nos alunos, bem como garantir maior concentração e participação naquelas circunstâncias. Tínhamos a esperança de que voltaríamos o mais rápido possível à normalidade. As aulas funcionavam com as duas turmas de cada ano juntas.

Dominar as tecnologias nesse momento se fez necessário para mim e para todos os envolvidos. Era necessário atrair o aluno para nossa aula. Tão importante quanto atrair, era garantir sua permanência. De repente, eu saí de uma sala de aula lotada de alunos, com barulho e situações que eu deveria administrar para uma tela cinza, silenciosa, onde não sabia se realmente tinha alguém ali ou se eu estava falando sozinha, para mim mesma ouvir. Foi necessário refletir a respeito do que fazer para melhorar o processo de ensino e aprendizagem. Naquele momento era necessário estar disposto a aprender, como salienta Ribeiro:

O interesse e a curiosidade para saber mais, para saber sempre, saber como funciona, como se usa (...) podem levar ao interesse por saber como se emprega, como se adapta e como se melhora. E para além disso, o movimento seguinte, que é o de autoria, o de criação, na adaptação de um uso para outro, de uma finalidade para outra. Do jogar para o ensinar um aspecto da Física; do simulador à possibilidade de ensinar Química; do chat à possibilidade de discutir aspectos da língua portuguesa, em sua inegável variação. (RIBEIRO, 2016, p.100)

Após enfrentar o desafio de encarar uma sala online, tínhamos outro pela frente, colocar todos os alunos nas salas remotas para que pudessem participar e interagir conosco naquele momento de distanciamento. No online, as turmas deveriam ser compostas por uma média de 70 a 80 alunos devido à junção de turmas. Todavia, houve uma baixa participação dos alunos nas salas virtuais devido à falta de acesso à internet por parte deles. A maioria tinha apenas dados móveis e o aplicativo consumia muita conexão. Diante disso, o que fazer para resgatar esses estudantes e garantir sua permanência nas salas remotas? O que a escola poderia fazer quando a essa limitação?

A primeira medida adotada foi garantir acesso gratuito aos alunos, para que não gastassem seus dados. Para isso, a instituição fechou parceria com as operadoras de telefonia, para que dessa forma o aluno tivesse acesso permanente às aulas.

---

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2020/07/cisco-webex-meetings-entenda-como-funciona-programa-de-videoconferencias.ghtml>. Data de acesso: 26/07/2022.

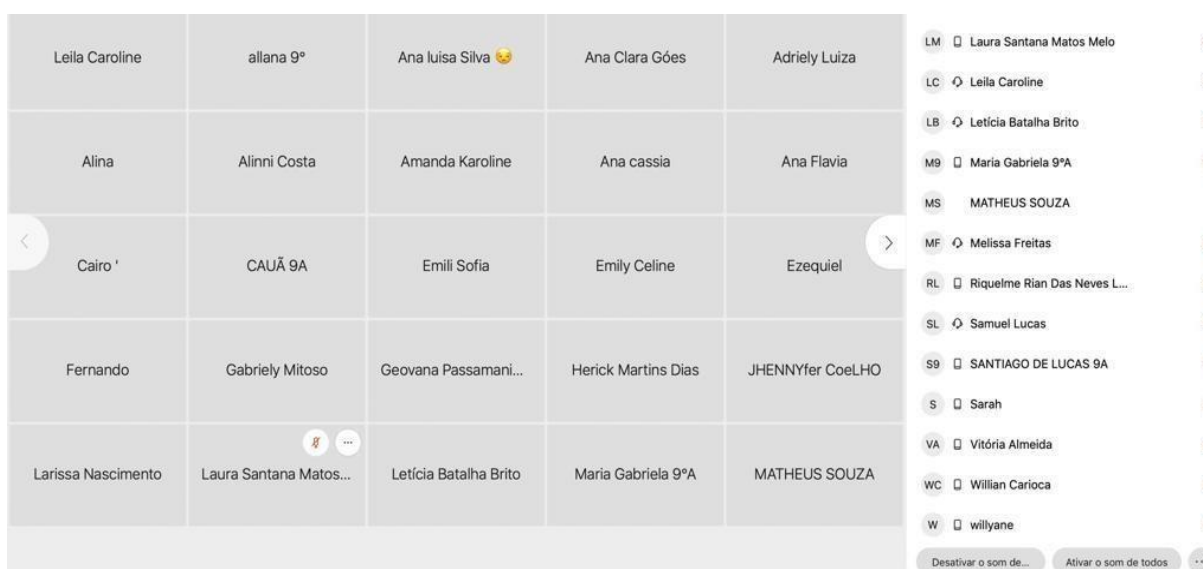
<sup>15</sup> Referência ao diário de bordo da pesquisadora/autora desta dissertação.

O aluno só precisava do *link* e dos cronogramas das aulas. Nesse período, nós já tínhamos aprendido que não havia necessidade de mudar o *link* a cada aula, pois tínhamos salas pessoais e os alunos só precisavam manter o *link* salvo.

Segundo a orientadora do ensino fundamental anos finais da escola Fundação Bradesco, Dulcilene Negreiros, que participou da pesquisa respondendo a questionamentos via e-mail no dia 16 de dezembro de 2021, a escola adotou como ações para manter os estudantes em sala o acompanhamento dos discentes, visitas domiciliares, impressão de atividades, orientações pedagógicas via vídeo chamadas e reunião com os responsáveis online, além de outros recursos.

Em um primeiro momento parecia que estava tudo sob controle, apesar da mudança radical do ambiente de ensino, que de repente era apenas um fundo cinza, sem interação e pouquíssimo movimento.

**Figura 03**



Print de tela da sala de aula virtual na plataforma webex. Os alunos mantinham as câmeras desligadas.

Durante as aulas, o silêncio predominava, a participação na aula era mais frequente pelo chat e ao solicitarmos que ligassem suas câmeras a resposta era sempre negativa, pois falavam que não podiam ligar câmeras ou microfones porque em casa tinha muito barulho, muita gente, ou estavam despenteados porque tinham acabado de acordar e ainda estavam na cama. O cotidiano da aula remota era geralmente como exposto na imagem anterior:

Diante de tamanho silêncio, me batia um desânimo, era triste pensar que estava falando sozinha, para as paredes, afinal ninguém falava nada. Quando participavam

pelo chat da plataforma sabia que tinha alguém ali e quando ligava a câmera então era uma grande satisfação. Algumas turmas tinham aqueles que ligavam as câmeras (SOUZA, 2021).

Às vezes era solicitado que ligassem as câmeras, mas como professora não podia obrigar e em várias situações, alunos relatavam que não estavam bem emocionalmente, afinal eles tinham sofrido mudanças drásticas. “De repente me vi presa em uma escuridão onde não conseguia sair, todas as coisas que eu gostava de fazer se tornaram apenas lembranças”. (A.L.H.S, 2021)

Passados os dias, os relatórios de frequência com gráficos e percentual de alunos começaram a chegar semanalmente, apontando as disciplinas com baixa frequência por parte dos alunos.

**Figura 04**

Curso e Anos/ Série	Componente	Arte		Ciências da Natureza		Educação Física		Ética		Geografia		História		Língua Espanhola		Língua Inglesa		Língua Portuguesa		Matemática		Total	
		Aulas	Freq.	Aulas	Freq.	Aulas	Freq.	Aulas	Freq.	Aulas	Freq.	Aulas	Freq.	Aulas	Freq.	Aulas	Freq.	Aulas	Freq.	Aulas	Freq.	Aulas	Freq.
EF 6º Ano	A	14	56,3%	19	56,3%	14	59,1%	16	63,8%	18	56,3%	17	60,7%	16	59,7%	15	64,2%	31	60,8%	33	65,6%	193	60,7%
	B	15	48,8%	19	47,0%	14	51,1%	16	52,3%	17	42,4%	18	45,3%	16	43,8%	15	46,3%	31	49,4%	31	52,7%	194	48,4%
EF 7º Ano	A	15	55,5%	18	62,6%	16	50,0%	16	61,4%	18	55,1%	18	58,3%	15	60,5%	16	59,7%	31	60,2%	33	61,5%	196	59,0%
	B	12	56,8%	19	60,2%	16	46,8%	16	46,1%	17	60,3%	17	65,0%	16	59,7%	16	54,1%	31	60,7%	31	64,2%	193	60,0%
EF 8º Ano	A	14	48,2%	18	57,9%	16	50,8%	16	56,3%	18	58,5%	20	59,6%	14	58,4%	16	57,0%	30	64,1%	31	67,2%	193	59,1%
	B	14	50,7%	18	52,2%	16	53,8%	16	61,3%	18	53,6%	18	57,6%	14	50,5%	15	54,7%	30	55,3%	31	59,6%	190	55,4%
EF 9º Ano	A	15	59,5%	19	68,7%	16	55,5%	16	62,7%	17	62,9%	16	61,1%	15	55,2%	15	59,7%	30	65,3%	28	69,7%	187	62,9%
	B	14	50,9%	19	62,1%	16	47,4%	16	60,9%	17	58,5%	18	47,9%	16	48,2%	14	50,3%	30	58,2%	31	61,8%	191	55,6%

Relatório de frequência por disciplina nas aulas remotas no ano de 2020.

Chegava aí outro desafio, trazer e manter os discentes em sala de aula, não só para os professores, mas também para a coordenadora do segmento. Mas o que fazer para que na semana seguinte a disciplina de história não aparecesse nos baixos índices e alcançasse

a frequência mínimo de 70%? Como tornar as aulas mais interessantes, boas e que alcançassem a aprendizagem dos alunos naquele contexto? Como fazer isso sem dominar tecnologias e com o tempo completamente comprometido pela demanda excessivamente grande?

Era necessário garantir a permanência dos educandos nas salas remotas apesar das dificuldades em dominar as tecnologias de modo que houvesse maior interação e menor abandono das aulas. Foi neste momento que a ajuda mútua entre a equipe docente e os técnicos de informática que a escola ofertava se tornou crucial, pois assim era possível compartilhar experiências e estratégias que deram certo e asseguraram o bom andamento nas aulas remotas. Para tanto, era necessário dominar estratégias e tecnologias que nos favorecessem, do contrário o uso não fazia sentido para o docente.

Se o professor não usa um computador e seus programas, se não usa redes sociais, se não conhece os mecanismos e as funcionalidades de determinados apps para celular, ele certamente não poderá visualizar usos pedagógicos dessas possibilidades. E por isso não poderá ser criticado. (RIBEIRO, 2026, p.102)

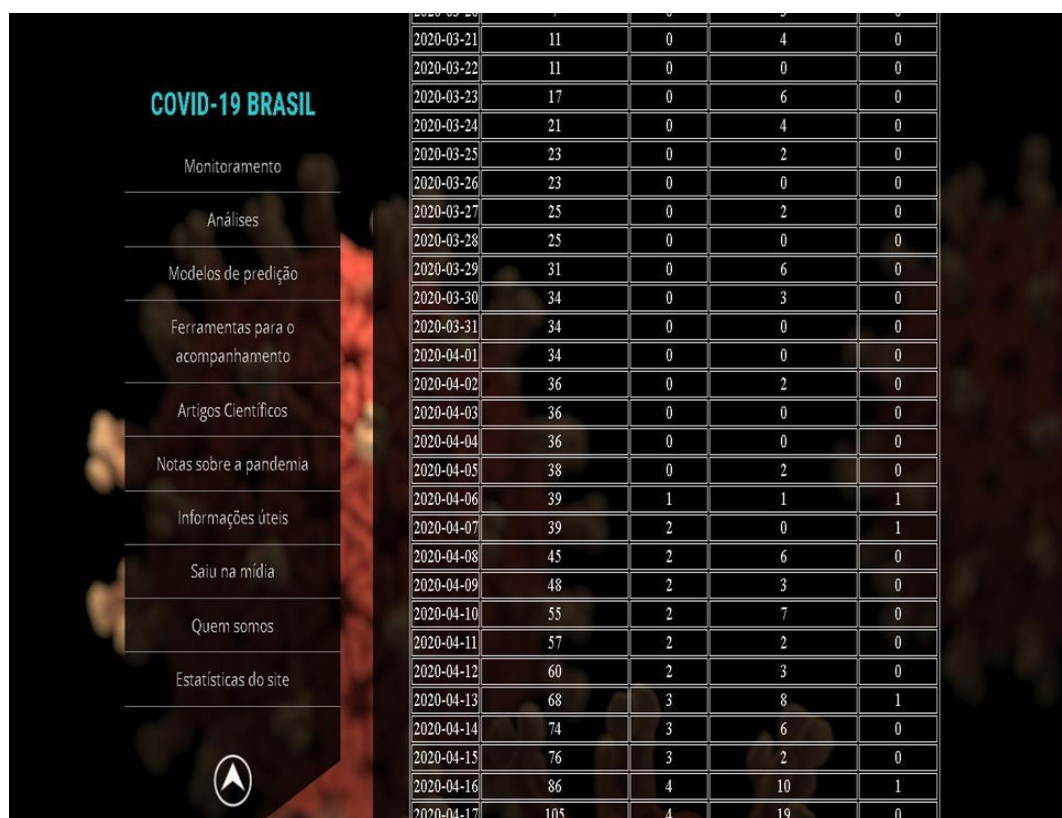
Nesta instituição, apesar das grandes dificuldades não havia casos de analfabetos digitais entre os alunos, pois antes da pandemia já havia o incentivo e o uso de tecnologias no cotidiano escolar por meio de diários de classe e acesso a boletins online e um portal da instituição voltado à disponibilização de materiais, avisos etc. Contudo, tínhamos um desafio: ministrar aula com poucos conhecimentos tecnológicos para alunos que apresentavam facilidade com as tecnologias: “Sempre tive dificuldade e até medo de mexer e danificar as coisas e de repente as aulas remotas me cobram a necessidade de dominar ferramentas digitais”. (SOUZA, 2021)

Os dias foram passando e não havia previsão de retorno, os casos de Covid-19 aumentavam e então houve a necessidade de ampliar a carga horária. As turmas que eram juntas foram separadas e todos os dias da semana foram ocupados com as aulas, afinal o ano letivo precisava acabar ainda em 2020. Segundo o monitoramento de novos casos confirmados de Covid-19 do Município de Rio Branco, o número de casos era crescente no mês de abril, conforme apresenta a tabela a seguir<sup>16</sup>:

---

<sup>16</sup> Em 17 de abril de 2020 o estado do Acre já apresentava 105 casos confirmados de Covid-19 e 4 mortos pela doença. Disponível em: <https://ciis.fmrp.usp.br/covid19/riobranco-ac/>

Figura 05



Casos de Covid-19 em abril de 2020.

Para avançar na carga horária, ampliar a possibilidade de aprendizagem e garantir o término dentro do próprio ano, era necessário realizar a produção de vídeos de autoria dos professores sobre os conteúdos ministrados para os alunos. Cada professor deveria criar seu próprio canal na plataforma microsoftonline.com, postar seus vídeos, e depois de prontos, incentivar os alunos a assistirem. O tempo em que visualizavam os vídeos contava para a ampliação da carga horária. Momento desafiador para os educadores, pois havia a necessidade de buscar equilíbrio, sem desgaste ou sobrecarga de trabalho na realização de múltiplas funções, como afirma Ribeiro:

Em lugar de ver suas atividades reduzidas ou equilibradas, pode ser que o uso das tecnologias digitais seja mal gerido, acarretando aumento de trabalho, maior exposição pessoal, conexão 24h e cobranças a qualquer dia e horário. Quando a escola adota um sistema acadêmico digital para gerenciamento de frequências, notas, conteúdos, ela mexe diretamente nas atribuições do professor. (RIBEIRO, 2016, p.104)

Surgia então mais um desafio que era garantir que os vídeos tivessem visualizações. Para tanto, era necessário explorar o máximo de estratégias, entre elas compartilhar o *link* no horário da aula e solicitar que visualizassem, curtissem e comentassem para debate em aula,



atingindo o tempo mínimo necessário para ampliação da carga horária. O problema era que a internet oferecida não permitia o acesso sem consumo de dados móveis, dificultando o acesso dos alunos.

Parece muito simples apresentar a proposta da produção de vídeos, quando todos dominam esse tipo de estratégia, o problema é que nem todos tinham a habilidade de produzir e editar material para o seu canal. Inicialmente, surgiram dúvidas como gravar e como editar. Como lidar com a própria imagem nas produções quando não desejava aparecer?

“Queria morrer com aquela notícia. Estava diante de desafio que precisava ser superado, não sei editar tenho problemas com minha imagem. Já tinha abandonado jornalismo por esses motivos” (Souza, 2021).

O recurso foi pedir auxílio a colegas, conhecidos e ver tutoriais no YouTube para atender a orientação da instituição. Todos aqueles aplicativos complicados foram substituídos pela praticidade de produzir vídeos pelo *powerpoint* ou gravação de tela pelo celular, afinal eram muitos vídeos a serem produzidos e com a dificuldade de não ser tão curto, onde o conteúdo não seja explorado ou tão longo para que não desinteresse pela produção.

Receber a notícia da produção de vídeos foi como uma bomba, entrei em desespero, chorava, pois não sabia como fazer e não gosto da minha aparência, portanto não queria aparecer em hipótese alguma, fui pesquisando com ajuda do meu filho, Marcos Vinicius, que editava pra mim e mostrou um modo de gravar sem aparecer, apenas com a minha voz (SOUZA, 2021).

Durante a pandemia, o uso de WhatsApp se tornou ferramenta essencial para a comunicação entre professores e alunos, reduzindo a distância física enfrentada, afinal quando apareciam as dúvidas em relação às atividades propostas era o recurso do qual os discentes dispunham para solicitar ajuda ao professor, por mensagem, áudios ou videochamadas. “Na Fundação Bradesco tínhamos menor contato via WhatsApp, pois tínhamos contato quase diário, mas era comum chamada e mensagem às 22 ou 23 horas por parte dos meus alunos do ensino público”. (SOUZA, 2021).



**Figura 06**



Conversa com aluna orientando sobre a realização de trabalho que seria apresentado posteriormente.

A Fundação Bradesco criou WhatsApp corporativo para que a orientadora pudesse passar as informações da escola aos pais, dessa forma era opcional a permanência de professores nos grupos de salas de aula juntamente com os alunos. Naquele momento qualquer ferramenta que garantisse a permanência dos discentes nas aulas e sua participação nas atividades propostas se fazia necessário. Auxiliá-los era necessário.

**Figura 07**



Apresentação da produção concluída para apreciação anterior a apresentação.

É fato que havia quem desrespeitasse o horário de trabalho, apesar da instituição orientar que os atendimentos deveriam ser realizados em horário comercial, respeitando nossa jornada de trabalho, mas a demanda era grande e nem sempre era possível realizar nossas atividades somente no horário das aulas. O recebimento de mensagens fora de hora acontecia, mas com frequência menor, devido à ferramenta institucional.

Os desafios só aumentavam. Era necessário inserir jogos, produzir *quiz*, encontrar estratégias que permitissem a interação dos alunos em sala de aula. E a rotina era composta por ministrar aulas, produzir slides, vídeos, jogos, *quizzes*, atividades, atender o WhatsApp e para garantir a conclusão do ano era preciso também a realização de postagem de materiais no portal e garantir o acesso dos alunos.

Era possível buscar na internet recursos para a realização de tais atividades, porém os aplicativos e plataformas gratuitos eram mais limitados para a produção de material diversificado para a utilização em sala de aula. A alternativa, às vezes, era usar um pronto que atendesse a necessidade e deixar para produzir quando não houvesse o recurso referente ao conteúdo trabalhado. Buscar estratégias que efetivamente tornem as aulas melhores é fundamental, para tanto o nosso planejamento com a elaboração de estratégias significativas é essencial, como sinaliza Ana Elisa Ribeiro.

É certamente vantajoso quando podemos produzir aulas melhores, mais interessantes, mais dinâmicas, sejam elas compostas com recursos tecnológicos digitais ou não. O ponto fulcral disso está no preparo, na dedicação, no planejamento pertinente e significativo, mais do que na introdução pura, simples e vertical de dispositivos que ainda não encontraram espaço entre as práticas pedagógicas, ainda que estejam consolidados entre as práticas sociais. (RIBEIRO, 2016, p.106)

Para a realização das postagens era necessário que fossem 10 por turma, sendo necessária até 40 postagens diariamente. No material deveria conter atividades, desafios, curiosidades e informações complementares no “saiba mais”. Com essa estratégia poderíamos concluir o ano letivo.

O tempo passou, era preciso buscar estratégias para avaliar os alunos. Inicialmente, os alunos deveriam realizar produções diversificadas, como forma de obter notas para a consolidação da aprovação. Tínhamos um prazo para a execução dessas atividades e lançamento de notas. O problema é que muitos alunos não entregavam os trabalhos dentro do prazo e no diário eletrônico não é possível realizar alteração após o fechamento do bimestre, portanto, se não entregasse ficaria sem nota.

Ainda nas avaliações de 2020, foram elaboradas atividades escritas com cinco questões discursivas que seriam somadas as atividades diversificadas na composição de notas. A escola imprimia e entregava aos responsáveis dos alunos seus pacotes de avaliações com todas as disciplinas juntas e já divulgava, posteriormente, a data de devolução. E, assim, os alunos foram avaliados, mas em 2021 passou a ser usado na plataforma cisco webex a sondagem, que permitia a aplicação de questões objetivas e discursivas para os alunos no horário da aula, bem como arquivamento de relatórios de notas que serviriam de evidência do trabalho realizado.

Muitos foram os desafios e dificuldades, principalmente, pela falta de recursos e falta de domínio de tecnologias voltadas à educação. A pandemia exigiu que os docentes se reinventassem e buscassem estratégias de ensino durante a pandemia e ser o mais resiliente possível, porém, tudo isso esbarrou na falta de recursos, conhecimentos e domínio das tecnologias voltadas à educação, fato que dificultou a vida de todos naquele momento, mas era necessário garantir a inclusão digital desses alunos e transformar a acessibilidade em conhecimento como afirmam Tamanini e Souza:

Nesse sentido, inserir as tecnologias no fazer docente é exigência primeira, tanto para a inclusão digital e social, como para o pleno exercício da cidadania dos alunos, oportunizando-lhes o acesso ao universo de informações que a rede oferece e ajudando-os a transformá-las em conhecimento. (SOUZA, TAMANINI, 2018, p.145)

Segundo Ellen Rodrigues (2021), de fato a pandemia obrigou os educadores não apenas a adotarem aplicativos digitais e recursos tecnológicos, mas acima de tudo possibilitou uma (re)análise das atividades, que requerem instruções individualizadas e colaborativas entre os alunos.

### **3.2 Pandemia para os alunos**

Durante a realização da pesquisa foi possível ouvir as angústias dos nossos alunos e suas dificuldades, mas era necessário algo mais sólido para embasar as narrativas dos participantes. Para tanto foi solicitado a produção de diários de bordo, para que eles pudessem registrar suas experiências. Vale ressaltar que os diários de bordo são importantes ferramentas de registro do cotidiano dos nossos alunos. Segundo Larcher uma importante ferramenta pedagógica:

O diário de bordo, como recurso envolto nos processos de criação e de ensino-aprendizagem, pode apresentar grande potencial pedagógico, nos diferentes contextos educacionais: formal, não-formal e informal. Implicando a superação da ideia de transferência de conhecimento em processos de ensino aprendizagem, o diário de bordo configura-se como uma espécie de

instrumento metodológico 3 , que guarda expressões técnicas e expressivas e revelações de natureza subjetiva de seu autor, mas também reflete (sobre) práticas artísticas e pedagógicas. (LARCHER, 2019, p.103)

O diário de bordo pode contribuir pedagogicamente de várias formas, pois pode ser usado como avaliação, além auxiliar a despertar a reflexão do aluno e permitir o desenvolvimento da criatividade, afinal ele faz parte de um processo em desenvolvimento. Larcher (2019) aponta a importância do diário de bordo para a tomada de consciência:

Outra potencialidade pedagógica que podemos apontar a partir da elaboração de diários de bordo é a possibilidade que esta traz para a tomada de consciência das experiências vividas pelo artista e autor, e conseqüentemente, a (re)criação do sujeito e de seu entorno. (LARCHER, 2019, p.105)

Fazendo a leitura dos diários dos alunos que se dispuseram a participar da pesquisa, a maioria deles possuía celulares, mas alguns não tinham planos de internet em casa, usavam apenas os dados móveis. Houve aqueles que precisaram contratar internet, mas enfrentaram outro lado da pandemia – o desemprego dos pais. “Com esse novo método de estudo era preciso de acesso à internet e esse era o problema não só pra mim como pros meus amigos, por questão financeira e outras paradas, mas logo as coisas foram se estabilizando e todos conseguiram se acostumar”. (R.C.C, 2021)

Grande parte dos alunos afirma que não conseguiam se concentrar nas aulas, dormiam, comiam, jogavam, cuidavam de casa, dos irmãos etc. Alguns demoraram a aceitar a ideia de aulas remotas, pois não conseguiam aprender os conteúdos, precisando recorrer ao YouTube.

A partir de reuniões de planejamento com a equipe gestora, fomos informados que vários de nossos alunos não tinham computadores, celulares ou tablets para acompanhar as aulas e receberam apoio da escola, conforme afirmou a orientadora pedagógica. Essa experiência também me incluiu, pois tinha em casa para assistir as aulas na instituição filho e sobrinha, alunos do ensino fundamental e médio. Mandei para a manutenção um notebook que eu tinha e usava pouco, assim eles fariam rodízio no uso do computador, mas para minha surpresa o equipamento não suportava o aplicativo para as aulas e por isso foi necessário comprar um computador e um celular para que tivessem acesso a elas.

Muitos alunos deixavam de assistir aulas por falta de um telefone. Havia situações em que o aluno só tinha em casa um aparelho telefônico e mais de uma criança precisando do

equipamento para acompanhar as aulas, precisando alternar ou ficando fora quando o responsável precisava sair de casa e levar o único aparelho telefônico disponível.

Alguns conseguiram comprar equipamentos, mas tinha a necessidade da internet, muitas vezes compartilhada com vizinhos. “Minha mãe comprou um notebook pra mim estudar, mas ele tinha pouca memória e travava muito e a minha internet não era boa porque o wifi agente (sic) divide com duas vizinhas, então ficava muito lenta”. (A.F.S, 2021)

Nesse sentido, Dulcilene Negreiros afirma que a escola contribuiu com os educandos, disponibilizando internet gratuita para todos os alunos matriculados nesta instituição de ensino, bem como, empréstimos de celulares e notebooks para os alunos que não tinham, a partir de uma arrecadação realizada entre funcionários, onde solicitavam que aqueles que dispusessem de algum aparelho sem uso, mas em condições de uso para doar, fizesse para proporcionar a inclusão de todos. Havia situações em que os analistas da escola iam até as casas para auxiliar a configurar e instalar o aplicativo

Apreensivos pode ser a palavra adequada para definir como alguns ficaram ao receber a notícia de aulas remotas. Isso foi possível perceber pela movimentação nos grupos de WhatsApp, que embora não houvesse a obrigação de estar neles, os professores permaneciam para tornar a comunicação mais fácil e mais rápida.

Ao iniciarmos as aulas, os alunos tiveram contato com a plataforma, mas sempre reclamavam dela nas aulas, pois diziam que era muito pesada, ocupava muito espaço no celular e questionavam o motivo pelo qual não usavam outras como *discord* ou *google meet* que eles eram habituados a usar. Não demorou muito tempo e os alunos já estavam nos auxiliando a manusear.

Havia momentos que eram eles que auxiliavam os professores a compartilhar tela e realizar sondagem ao mesmo tempo, usar vídeos sem retirar o fone etc. O fato de os alunos usarem recursos digitais com mais frequência que muitos docentes foi fator preponderante para que dominassem com maior facilidade a plataforma usada. Eles aprenderam em pouco tempo a dominar as ferramentas necessárias para a participação nas aulas e até descoberta de outros aplicativos que facilitariam as aulas, pois reclamavam muito da plataforma usada.

Embora cinco dos nove alunos tenham descrito em suas narrativas que não conseguiam se concentrar e absorver muita coisa com as aulas remotas, o resultado poderia ter sido bem pior, caso estivessem ficado fora do sistema de ensino durante todo o período em que as atividades presenciais estiveram suspensas. Houve a necessidade de adequação. “Nunca achei que seria tão difícil estudar, em anos da

minha vida não achei que eu, que sempre tive tanta vontade de estudar, perderia tanto o interesse por isso”.(A.L.R, 2021)

Em suas narrativas os alunos envolvidos afirmam que tinham recursos, como equipamentos e internet, mas não conseguiam se concentrar nas aulas on-line, pois se distraíam e perdiam o foco. Outro fator importante que foi relatado foi a falta de um lugar adequado e silencioso que permitisse o acompanhamento das aulas sem perder a concentração.

De acordo com as narrativas dos próprios alunos era frequente eles dormirem, fato facilmente comprovado ao ligar o microfone dele, que podia ser ativado pelo professor pela plataforma. Isso acontecia diariamente: “Eu não conseguia prestar muita atenção nas aulas, eu só acessava e mexia em outros aplicativos, eu chegava a dormir em algumas aulas. Eu ficava com raiva porque tinha muito barulho na vizinhança e eu não consegui me concentrar” (C.A, 2021).

Outra coisa que comentaram foi sobre a realização de atividades domésticas ou saídas para comprar alguma coisa na rua enquanto estavam logados e deveriam estar em sala de aula, pois segundo alguns deles não conseguiam acompanhar as aulas de casa por um desses fatores ou mais. Com todos esses entraves seguíamos fazendo tudo que era possível dentro das possibilidades: “Eu tinha recursos como a internet, não tinha um lugar calmo e silencioso para estudar, as vezes tinha que fazer as coisas em casa, ou até mesmo ir comprar as coisas” (A.L.S, 2021).

Foram realizadas com os alunos aulas temáticas aos sábados com o tema Olimpíadas, onde poderiam estar caracterizados e participar de gincana, jogos e teste de conhecimento. Um número considerável de alunos compareceu, mas mesmo na hora de interagir era essa a realidade:

**Figura 08**



Aula virtual realizada no dia 14 de agosto de 2021, sábado letivo, com tema Olimpíadas.

Solicitar câmera ligada era um apelo realizado cotidianamente, mas em vão. Na semana em que se comemora o Dia dos Professores (15 de outubro) como forma de homenagear os docentes, os alunos ligaram a câmera e os microfones, sem nenhuma solicitação e decidiram falar. Em seu discurso, agradeceram aos professores pelo esforço, paciência e dedicação naquele momento tão difícil e único. Foi impossível conter as lágrimas.

**Figura 09**



Homenagem a professora de ética. O vídeo foi usado pela instituição para homenagear nacionalmente os professores.

### **3.3 Na hora da avaliação**

Apesar das circunstâncias era necessário avaliar os alunos. Inicialmente foram realizadas avaliações diversificadas como mapa mental<sup>17</sup>, produção textual, produção de livreto etc. As orientações eram dadas na sala de aula remota, o material disponibilizado no Portal Educação, portal da instituição usado pelos alunos muito antes da pandemia, onde podíamos disponibilizar material, *links*, avisos, vídeos e até as avaliações, afinal eles deveriam fazer tudo em casa e na data marcada devolver presencialmente na escola, com cronograma para evitar aglomerações e depois solicitado aos professores que pegassem seus pacotes com avaliações, como não devolviam todos ao mesmo tempo, íamos várias vezes buscar. Era necessário avaliar a aprendizagem e a eficácia do percurso percorrido, de modo diversificado como é sugerido na obra organizada por de Bacich e Moran:

Também ampliam os processos de avaliação da aprendizagem, que acontece de várias formas: avaliação diagnóstica, formativa, mediadora; avaliação da produção (do percurso – portfólios digitais, narrativas, relatórios, observação); avaliação por rubricas (competências pessoais, cognitivas, relacionais, produtivas); avaliação dialógica; avaliação por pares; autoavaliação; avaliação on-line; avaliação integradora, entre outras. Os alunos precisam demonstrar

na prática o que aprenderam, com produções criativas e socialmente relevantes que mostrem a evolução e o percurso realizado. (BACICH; MORAN, 2017, p.50)

A elaboração dessas atividades exigia muita atenção e cuidado, pois não poderia ser muito complexa para não desmotivar os alunos e nem muito fácil ao ponto de não serem desafiados a superar as dificuldades. No começo recebíamos poucas atividades e era necessário correr atrás dos alunos em busca dos trabalhos avaliativos, pois a escola possui um sistema de diário eletrônico que tem data para fechar.

Houve uma certa flexibilidade em relação as datas de fechamento do bimestre, que precisaram ser reprogramados, mas não houve flexibilidade em relação a alterações após fechamento. Dessa forma, aqueles que entregassem depois de todos os possíveis prazos iriam ficar sem nota. Mas isso não representava um grande problema, pois durante as aulas sempre levantavam questionamentos sobre uma possível reprovação e o fato de considerarem injusto que quem não está com eles diariamente seja promovido de série da mesma forma.

Faziam esse questionamento por conta da indicação do Conselho Nacional de Educação (CNE), órgão colegiado ligado ao Ministério da Educação que tem atribuições normativas, deliberativas e de assessoramento do MEC, que recomendava que não ocorressem reprovações, conforme foi publicado no site de notícias R7.com em 07 de julho de 2020:

O Conselho Nacional de Educação (CNE) aprovou nesta terça-feira (7) um parecer que recomenda que escolas públicas e privadas evitem a reprovação dos estudantes neste ano por causa da pandemia do coronavírus. O CNE sugere evitar situações de tensão e estresse nos primeiros dias de retorno às aulas presenciais<sup>18</sup>.

Muitos alunos de fato se distanciaram e até se evadiram, coube a escola realizar uma busca ativa no sentido de resgatar esses alunos e colocá-los novamente nas salas virtuais para acompanhamento das aulas.

17

Um mapa mental é uma ferramenta de gestão de informações. Mapas Mentais são utilizados para otimizar a memorização a partir da representação visual de conceitos e ideias de forma simplificada, organizando as informações e, assim, contribuindo para o aprendizado. Disponível em: <https://neilpatel.com/br/blog/mapas-mentais-o-que-e/>. Acesso: 26/07/2022

<sup>18</sup> Disponível em: <https://noticias.r7.com/educacao/conselho-recomenda-que-escolas-nao-reprovem-alunos-neste-ano-23082021>. Acesso: 10/07/2022.

Ao ser questionada a respeito das medidas que garantissem a permanência



dos alunos em sala, a orientadora afirma que foram realizados: “Acompanhamento dos alunos, visitas domiciliares, impressão de atividades, orientações pedagógicas via vídeo chamadas e reunião comos responsáveis online e outros”. (NEGREIROS, 2021).

Fechar o ano nesse contexto foi desgastante, mas em 18 de dezembro de 2020 estávamos novamente todos reunidos de maneira virtual para a realização da entrega dos resultados. Eram visíveis o cansaço e o alívio na face dos colegas naquela última reunião do ano, com a sensação de dever cumprido e aliviados porque estávamos todos vivos. O ano foi encerrado com a esperança que em 2021 estaríamos de volta presencialmente.

No ano seguinte estávamos reunidos à distância novamente, mas muita coisa mudou. Os horários eram exatamente os mesmos das aulas presencias, seis tempos de aula diariamente, porém de 40 minutos. Novas ferramentas dentro da plataforma foram apresentadas aos alunos e as avaliações passaram a ser provas durante as aulas. Para a aplicação das provas era usada a ferramenta sondagem, onde a avaliação era em tempo real durante os encontros remotos. Para melhor visualização, a questão era compartilhada no Power Point e resolvida por meio da sondagem. A questão era inserida e ao enviar a resposta, tínhamos o que o aluno marcou.

Para a aplicação das provas era usada a ferramenta sondagem, onde a avaliação era em tempo real durante os encontros remotos. Para melhor visualização, a questão era compartilhada no Power Point e resolvida por meio da sondagem. A questão era inserida e ao enviar a resposta, tínhamos o que o aluno marcou.

## **Figura 10**

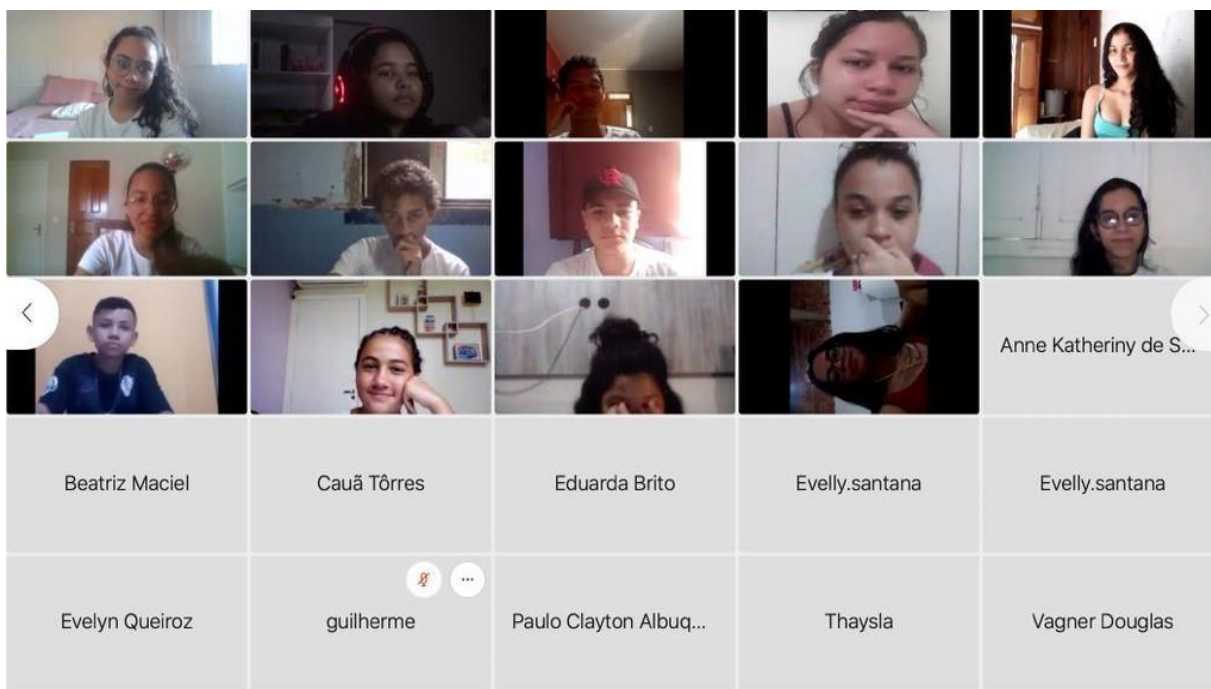
11. Sobre a participação dos EUA na Segunda Guerra Mundial é correto afirmar				
A.a) Não interferiu no desfecho da Segunda Guerra Mundial.	0/37	( 0%)		
B.b) Foi desde o início pelo desejo dos EUA na Polônia.	0/37	( 0%)		
C.c) Foi muito importante e decisiva, pois as outras nações estavam debilitadas.	35/37	( 95%)		
D.d) Foi uma participação irrelevante e que não interferiu em nada no desfecho da guerra.	1/37	( 3%)		
Sem resposta	1/37	( 3%)		
	A	B	C	D
-----				
Ana Clara Góes			X	
Geovana Passamani Vieira			X	
Ana Luisa silva			X	
Alina			X	
Matheus Souza #			X	
allana			X	
Emili sofia			X	
Alinni costa			X	
Samuel Lucas			X	
Melissa Freitas			X	
Letícia Batalha Brito			X	
Leila Caroline Figueiredo Lopes 9 ° " A "			X	
Fernando			X	
áurea Eduarda			X	X
Ezequiel			X	
William Carioca			X	
Cairo '			X	
Ana Maya			X	
Emily celine			X	
Vitória Alaeida			X	
Laura Santana Matos Melo			X	
Gabriely Mitoso			X	
Marcos Christyan Lenda			X	
Felipe oliveira			X	
Ana cassia			X	
CAUÁ			X	
Herick Martins Dias			X	
Sarah			X	
Amanda Karoline			X	
-----				

Relatório de acertos e erros por questão aplicada na ferramenta sondagem da plataforma webex.

Na hora das avaliações era necessário contar com uma boa conexão de internet, pois a instabilidade acabava por gerar problemas no envio dos formulários, impedia a visualização das questões ou o formulário era enviado em branco. Sugeríamos que as câmeras ficassem ligadas, mas a instabilidade na conexão novamente atrapalhava, pois muitos alunos quando ligavam as câmeras, saíam da sala virtual. Pouquíssimos ligavam as câmeras durante as avaliações como é mencionado por um dos participantes: “Como não prestava a atenção nas aulas, recorri ao google para fazer as provas e ao famoso brainly, aplicativo incrível que me deixou na mão quando ficou desumilde (sic) e passou a ser pago”. (W.D, 2021)

Por várias vezes os professores tiveram que reaplicar as avaliações após os horários das aulas com os alunos que apresentaram dificuldades no envio ou que estiveram ausentes durante o horário de provas. Quando o restante da turma saía, permanecíamos para comprovar a realização da avaliação através do relatório produzido pela plataforma.

**Figura 11**



Print de tela da aplicação de avaliações no webex por meio da sondagem.

Dos alunos participantes da pesquisa, houve quem afirmasse que no horário de avaliações realizavam pesquisas no google, afinal estavam em casa. A câmera ligada não intimidava, pois era possível realizar consultas apenas abrindo uma nova guia na internet. “Sempre tinha aquela conferida na net ou se algum colega havia marcado a mesma que eu” (W.D, 2021). Como professora, “Era triste saber que compartilhavam suas respostas, tinha aluno que chegava nos últimos minutos, não liam a prova e tiravam 10,0. Óbvio que havia cola”. (SOUZA, 2021)

Como confirma um dos participantes: “na hora das avaliações que era o terror, muitos usavam a internet, como eu, não vou mentir né, pedia ajuda aos colegas, como eu. Nas aulas de história eu não gostava muito, dormia na maioria das vezes e pedia muitos conteúdos e pegava muitas faltas” (R.C.C, 2021).

Em suas narrativas, os alunos falam que não tiveram dificuldades com o manuseio de ferramentas, que logo se acostumaram com a plataforma, que foi fácil para eles, afinal estão habituados ao uso de recursos tecnológicos. O problema é que ainda não usavam esses recursos em favor da própria aprendizagem.

Outro fator muito relevante destacado pelos/as alunos/as foi o fator emocional, que teve forte influência nas atitudes dos/as discentes. “Na pandemia senti medo, alegria, tristeza, mais tristeza, mais medo, muita saudade, chorei em vários momentos escondido, não sabia

porque eu só chorava, era pressão de todo lado, da escola, da família, era sufocante”. ( G.B. 2021)

### **3.4 Estratégias usadas**

Tornar as aulas melhores e atrativas era um grande desafio, afinal éramos cobrados a manter os alunos sempre frequentes, mas de casa o aluno escolhe a aula que prefere ou a que prioriza. A escola fornecia o percentual de cada disciplina periodicamente e o objetivo era manter pelo menos setenta por cento da turma conectada diariamente. A questão é como tornar as aulas de história mais participativas, interessantes e descentralizadas da figura do professor. Inicialmente, as ações na plataforma eram muito restritas e limitadas, afinal não conhecíamos os recursos que ela oferecia que permitiam dinamizar as aulas. Nesse sentido, Maria Auxiliadora Schmidt afirma que:

A transposição didática das inovações tecnológicas é, atualmente, uma outra questão fundamental e imprescindível no ensino de História, trazendo consequências imediatas e complexas tanto para a formação dos professores como para a prática de sala de aula. (SCHMIDT, 1996 p.124)

É óbvio que não podemos afirmar que uma aula de história só é realmente boa se fizer uso de tecnologias, o fazer pedagógico e a maneira como o docente se coloca é essencial, como afirma Marcela Costa:

Não compreendo que uma aula de História, para ser boa e atrativa, deva, necessariamente, fazer uso de tecnologia, até porque há muitas limitações nesse processo que não podem ser desconsideradas (em termos materiais, pedagógicos e formativos). Todavia, tenho procurado discutir sua potencialidade no processo do fazer e do ensinar História, e questionado se ela, além de recurso pedagógico auxiliar, pode mudar a relação com a epistemologia histórica. (COSTA, 2015, p.249)

Durante as aulas a metodologia era diversificada, relacionando com nosso cotidiano com o objetivo de tornar menos maçante a rotina na sala de aula. Prática estimulada por Souza e Tamanini:

Trabalhar os conteúdos históricos em harmonia com a sociedade da informação e com o perfil de aluno de hoje demanda do professor

desenvolver, por meio da internet e dos diversos recursos tecnológicos disponíveis na sociedade e na escola, estratégias mais ativas, que favoreçam, em linguagens e recursos familiares ao aluno (webquest, podcast, jornais on-line, museus virtuais, mapas interativos, jogos educativos, simulações, animações, blogs, fóruns etc.), a desconstrução e reconstrução crítica dos conhecimentos e acontecimentos históricos, disseminados nos livros oficiais, cotejando-os com pontos de vista diferenciados. (SOUZA, TAMANINI, 2018, p. 146).

Em seus diários os alunos não fizeram referência ao uso diversificado de

tecnologias, apenas falaram sobre suas facilidades em dominar as ferramentas da plataforma usada, mas houve uma que destacou que sua aprendizagem foi voltada a dominar o uso do celular e não os conteúdos ministrados. “Estudo em EAD é um grande aprendizado, não aprendizado do conteúdo, mas sim de aprender a usar o celular como recurso para aula”. (B.V.M.G). Segundo B.V.M.G, “eu tinha tudo pra fazer aula, só faltava mesmo vontade e coragem de entrar e estudar”.

Algumas tarefas foram desenvolvidas no decorrer das aulas remotas, como explicado a seguir:

### **Atividade 1: Sessão Breakout/Sondagem (Webex)**

Formação dos grupos (o próprio recurso disponibiliza as opções: automática ou manual), fica a critério do professor em observar a quantidade de alunos presentes na sala virtual. Em seguida, compartilhar os temas e *links*, determinados pela professora que os alunos deverão ler, pesquisar e discutir. Na sequência, abrir para discussões para expor suas aprendizagens, e a partir das falas dos alunos, a professora aborda as expectativas de aprendizagem (objetivo), fazendo a relação com os conteúdos estudados nas aulas remotas para auxiliar na construção de conceitos no ensino de história.

Ao utilizar o recurso de *Sondagem* com perguntas feitas pela professora ao instigar aos alunos há explorarem e descreverem cada etapa desenvolvida interagindo com outros integrantes possibilitará reflexões, em como essa proposta contribui para que a aprendizagem seja significativa.

Esse recurso tinha como principal finalidade instigar os alunos a participar das aulas, objetivo às vezes alcançados. “As aulas de história eram as aulas que eu tentava ao máximo entender, mas nem sempre conseguia, porém era a que eu mais participava”. (G.B)

### **Atividade 2: Plataforma de vídeo – Microsoft Stream**

Para demonstrar a compreensão e revisar os conteúdos como: Guerra Fria, Era de Vargas e Revolução Russa foram produzidos diversos vídeos com slides narrados pela professora em um canal disponibilizado na própria plataforma que possibilita

postar tanto *links* como gerar QR-CODE para anexar no Portal Educação que permite todos os alunos a fazer comentários expondo suas ideias e opiniões e no mural da sala virtual. Essa proposta tem como objetivo socializar e retomar as expectativas de aprendizagem de maneira dinâmica e participativa.

### **Atividade 3: Aplicativo Wordwall**

A ideia de utilizar esse aplicativo surge mediante a necessidade de movimentar de forma interativa e competitiva em dialogar com o ensino dos conteúdos de história em tempo real aluno x professor de forma atrativa, divertida e motivadora, pois consegui atrair a atenção dos alunos do início ao fim da aula que o torna a todo o processo protagonista e autônomo da construção do conhecimento de maneira eficaz e significativa. Foi proposto caça palavras, compartilhamento de *links* (nesse caso, para que pudessem fazer o *ranking* da melhor pontuação). O interessante, na utilização desse aplicativo, é que todos participam sem exceção e possibilitam ao professor avaliar em tempo real quais as habilidades que eles encontram dificuldades e ao mesmo tempo mediante a intervenção da professora sanar dúvidas, através de debates frente aos erros surgidos.

### **Discussão com os grupos**

Ao término dessas práticas, foi o momento de reunir na sala virtual com os alunos para socializar a respeito de todo o trabalho executado e como se deu o significado através da atividade prática proposta pela professora em um contexto diferenciado ao utilizar o uso das tecnologias durante a pandemia no ensino de história. Foi solicitado para todos os alunos que relatassem suas experiências por meio de uma produção textual. A maioria relatou da importância da atividade, pois proporcionou uma relação melhor com o colega, participação de todos para contribuir de alguma forma, aula dinâmica, aprender e retomar conteúdos com dificuldades utilizando a tecnologia ao seu favor, a forma de aprender não está limitada somente na sala de aula. Todos esses olhares surgiram no momento da discussão.

Esses recursos ainda não eram o suficiente, era necessário diversificar ao máximo as estratégias, pois mesmo trazendo novidades, dois dos participantes

consideravam as aulas cansativas e monótonas, não sendo o suficiente para agradar a todos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao percorrer os desafios no Ensino Remoto da disciplina de história durante

a pandemia do Covid-19, é importante ressaltar que houve diversas inquietações por parte da docente e um dos pontos foi como seriam desenvolvidas essas aulas online no componente curricular de história?

A mudança de postura foi algo que marcou profundamente, pois nas aulas presenciais não eram utilizadas essas ferramentas nas práticas da professora em sala de aula, tudo era desafiador e na maioria das vezes, assustava. Sabemos que o desconhecido assusta, porém houve a necessidade de conhecer e aprender a utilizar vários ambientes virtuais, pesquisas e práticas com aplicativos de jogos. Era necessária a adoção de práticas que desenvolvessem a autonomia dos alunos. Nesse sentido, Souza e Tamanini afirmam que:

A inserção das tecnologias digitais no ensino de História não pode ser feita por meio de metodologias anacrônicas, em descompasso com os desafios da contemporaneidade. Já não se admite mais um ensino tradicional, monológico, unidirecional, transmissivista, fragmentado e rígido. Urge um ensino fundamentado na autonomia, na inventividade, na criticidade, na problematização, na autoria e na complexidade, pois, nesse contexto globalizado e midiático, a linha que separa, fragmenta os saberes em disciplinas esvai-se cada vez mais, tornando-se fluida. Somente com a mudança na concepção do que seja ensinar e aprender na sociedade atual, as tecnologias poderão efetivamente contribuir para a aprendizagem significativa do aluno contemporâneo e para o desenvolvimento de sua cidadania. (SOUZA; TAMANINI, 2018, p.147)

É importante destacar, que a plataforma digital Webex, ferramenta que aproximava – ainda que virtualmente – a equipe docente da Fundação Bradesco, foi batizada como o piloto da jornada que teríamos que percorrer, e dentro deste ambiente virtual foi necessário buscar aperfeiçoamento e inovação em nosso fazer pedagógico e na utilização dos recursos tecnológicos.

Atuar no ensino de história não representa que as aulas devam ser exaustivas e voltadas a decorar datas e nomes de heróis. A disciplina de história visa à construção de um cidadão consciente e crítico. Para tanto é necessário focar em estratégias que permitam as reflexões dos alunos, realizando assim uma mudança em nossa cultura histórica, como aponta Marcella Costa:

Evidentemente, não existem respostas prontas para os novos desafios cotidianamente colocados no campo educacional de nenhuma ordem. Sobretudo na área de História, que conta com poucos estudos em relação à



incorporação das tecnologias, é difícil fazer previsões ou afirmações taxativas, visto que esse debate é ainda incipiente. O que eu ousaria dizer, por ora, sem titubear, é que tal incorporação afeta tanto a cultura histórica como a cultura escolar, produzindo efeitos na configuração do conhecimento histórico ensinado na educação básica. (COSTA, 2015, p.262)

É fato que a inserção de TDICs na rotina escolar pode contribuir para a formação de um aluno mais autônomo, fato percebido em alguns alunos nas aulas de história dentro da plataforma, pois havia alunos que buscavam informações além da aula e compartilhavam com os colegas, capazes de atuar na construção de sua própria aprendizagem, porém não podemos afirmar que sem o uso de ferramentas digitais não é possível uma aula boa, interativa e com aprendizagem significativa, fato não notável na produção dos diários de bordo, pois era necessário estar cobrando e reexplicando por inúmeras vezes como deveria ser feito.

É óbvio que a pandemia colocou os docentes e discentes diante de grandes desafios na garantia e preservação do direito de estudar em meio a uma crise sanitária. Lidar com ferramentas digitais, atuar na produção, edição de vídeos, uso de jogos, domínio de plataformas de ensino, produção de quiz e roteiros e atendimento via WhatsApp fazia parte do cotidiano, mas nos deparamos com a falta de formação voltada a tecnologias e também falta de recursos para a realização das atividades laborais.

Esse novo modo de ministrar aulas gerou desconforto inicialmente e precisou se adequar a realidade de cada instituição. A falta de recursos de ambos os lados, foi um empecilho para a busca de maiores resultados, pois com a pandemia ficou evidente que não era somente os alunos que não tinham os recursos necessários, mas também os professores. Esse fato pode gerar resistência ao novo e manter as velhas e tradicionais práticas, como sugere Souza e Tamanini:

Não obstante a revolução digital e seus efeitos na sociedade e na escola, o ensino de História ainda é trabalhado predominantemente por meio de narrativas de eventos, fatos e datas, em geral, daqueles escolhidos como heróis da história, sem oportunizar ao aluno questionar, criticar e debater esses acontecimentos. (SOUZA, TAMANINI, 2028, p. 146).

Outro fato a ser destacado é a importância da formação para professores. A falta de uma formação tecnológica na graduação pode interferir na prática, pois como mencionado anteriormente, a ferramenta só faz sentido a partir de quando é usada e conhecida pelo docente, do contrário não agrega nenhum significado ou valor.

Os professores e também alunos precisam ser inseridos no mundo digital, para isso não basta apenas a inserção de computadores sem uso nas escolas, é necessário que haja uma inclusão digital em um mundo digital, necessidade que a pandemia tornou urgente, afinal foram os recursos tecnológicos que facilitaram, aproximando quem estava distante na execução de suas funções.

A escola em questão precisou buscar meios de garantir a inserção e permanência de todos os alunos, independentemente de suas dificuldades econômicas e falta de recursos, buscando democratizar e proporcionar o ensino para todos os seus alunos e uma aprendizagem mais sólida possível, garantindo acesso, mas não foi assim em todas as instituições, especialmente as públicas. Essas disparidades são apontadas em reportagem do Correio Braziliense, baseado em uma pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep)<sup>19</sup>.

De acordo com o levantamento, a conexão à internet está presente em 96,8% das escolas privadas no Brasil, mas em apenas 64,7% das unidades de ensino público municipal. O censo ainda indicou que as redes municipais e estaduais também apresentam disparidade na disponibilidade de equipamentos.

Cerca de 6% das escolas municipais possuem tablets, enquanto 12% das unidades da rede estadual disponibilizam o equipamento para os alunos. Nas redes privadas, 25% oferecem o aparelho aos estudantes. As diferenças também foram escancaradas durante o isolamento social e longe das estruturas escolares. (SOUZA, 2021)

A pesquisa buscou levantar a discussão voltada a inserção e uso de TDICs na sala de aula, especialmente nas aulas de história, mas é importante destacar que essas tecnologias sozinhas não serão responsáveis por uma grande revolução no sistema educacional brasileiro, mas são de extrema importância que sejam utilizadas como forma de melhorar a qualidade das aulas.

Para tanto é necessário que haja por parte do poder público maior investimento, na inserção de tecnologias voltadas ao ensino, bem como na formação de professores para a utilização dessas ferramentas, como forma de inovar e melhorar

---

<sup>19</sup> Censo mostra disparidade no ensino remoto entre escolas públicas e privadas. Correio Braziliense. Disponível em: [www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/01/4903466-censo-mostra-disparidade-no-ensino-remoto-entre-escolas-publicas-e-privadas.html](http://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/01/4903466-censo-mostra-disparidade-no-ensino-remoto-entre-escolas-publicas-e-privadas.html). Acesso: 20/07/2022.

a educação, na construção de um cidadão crítico e consciente de seu papel social como se espera.

A questão da infraestrutura é um ponto relevante e que deve ter uma atenção especial dos governantes, diretores escolares e da sociedade como um todo. Os recursos materiais são essenciais para colocar em prática a integração das TDICs na sala de aula. Sem estrutura, computadores, acesso à rede e aos tablets fica difícil colocar em prática o que se apregoam os aparatos legais vigentes. (SOUZA, 2021, p.79)

Com a pandemia, muitas práticas anteriormente realizadas podem ser consideradas obsoletas, afinal o nosso aluno volta habituado com as práticas do ensino remoto, onde não se prendia a copiar, poderia apenas tirar *print* da tela, ao voltarem não copiavam do quadro, apenas tiravam foto deixando de lado um hábito tão corriqueiro. Devemos retomar a ideia de que o simples uso de recursos não salva a educação brasileira, afinal essas tecnologias também podem trazer resultados negativos, como afirma Moran:

As tecnologias digitais trazem inúmeros problemas, desafios, distorções e dependências que devem ser parte do projeto pedagógico de aprendizagem ativa e libertadora. No entanto, esses problemas que as tecnologias trazem não podem ocultar a outra face da moeda: é absurdo educar de costas para um mundo conectado, educar para uma vida bucólica, sustentável e progressista baseada só em tempos e encontros presenciais e atividades analógicas que são, também, importantes. (MORAN, 2017, p.51)

É fato que ainda temos um longo caminho, muitas pesquisas e discussões a respeito do assunto, que é extremamente relevante e que precisa estar nos planejamentos e propostas de trabalhos voltadas a inserção das TDICs e também sobre os efeitos da pandemia, afinal passamos pelo processo, mas os resultados estão em nossas escolas diariamente com um déficit grande de aprendizagem, fato apresentado por alunos que alegam não terem aprendido nada com as aulas remotas.

Apesar dos percalços enfrentados, penso que os objetivos da pesquisa que eram estudar de que modo a tecnologia é usada no ensino remoto da disciplina de história no 9º ano da Escola de Educação Básica Fundação Bradesco, localizada na estrada do Bairro calafate, na capital Rio Branco, foram alcançados.

Por meio da pesquisa foi possível registrar o cotidiano com o ensino remoto de alunos e também da professora que como muitos outros não dominavam o uso das TDICs em suas aulas de história. A necessidade de buscar e se reinventar foram essenciais nesse processo.

Talvez essa realidade atípica, tenha desenvolvido em grande parte dos envolvidos resiliência, além de escancarar as desigualdades sociais do nosso país, afinal nem todas as escolas puderam dar o suporte que a escola pesquisada deu aos seus alunos. Embora a maioria tivesse acesso, equipamentos e uma estrutura adequada, não podemos afirmar que foi regra na instituição que atende alunos de grupos sociais diversificados, dentre eles, alunos de baixa renda.

Nesse sentido, penso que precisamos de políticas de inclusão digital para alunos e professores, tendo em vista que vivemos em um mundo digital e a educação e seus membros constituintes não podem ficar de fora desses processos de transformação.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Sandra de Castro. A educação sem escola: o ensino remoto emergencial, a função social da educação e a desigualdade social. *In: Análises geográficas sobre o território brasileiro: dilemas estruturais à A532 Covid-19.* / Flamarion Dutra Alves, Sandra de Castro de Azevedo (Organizadores). Alfenas, MG: Editora Universidade Federal de Alfenas, p. 219-231, 2020.

BACICH, Lilian; MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática.** 1.ed. Penso: Porto Alegre, 2017.

BEHAR, Patrícia Alejandra. **O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 6 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/> Acesso em 14 de março de 2021.

BITTENCOURT, Circe Fernandes. **Reflexões sobre o ensino de História.** Estudos Avançados, 2018.

BLANCO, Elias; SILVA, Bento. Tecnologia Educativa em Portugal: Conceito, Origens, Evolução, Área de Interação e Investigação. **Revista Portuguesa de Educação**, vol. 06, n. 03, p. 37-55, 1993. Disponível em: <http://repositorium.uminho.pt/bitstream/1822/521/1/1993%2C6%283%29%2C37-56%28EliasBlanco%26BentoDuartedaSilva%29.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2022.

BUENO, André; CREMA, Everton; ESTACHESKI, Dulceli, NETO, José Maria Souza. **Aprendendo História: Mídias. Sobre ontens.** Edição especial.2019.

BUNZEN, Clecio. O ensino de língua materna em tempos de pandemia. In: RIBEIRO, Ana Elisa; VECCHIO, Pollyanna de Mattos Moura. **Tecnologias digitais e escola: reflexões no projeto aula aberta durante a pandemia.** 1. ed. São Paulo: Parábola, 2020.

CAETANO, Guilherme. **Metodologias ativas de aprendizagem para Educação Corporativa.** Publicado em 18/11/2020. Disponível em: <https://keeps.com.br/metodologias-ativas-de-aprendizagem-para-educacao-corporativa/>. Acesso em: 20/11/2021

CAIMI, Flávia Eloisa. Geração Homo Zappiens na escola: os novos suportes de informação e a aprendizagem histórica. *In: MAGALHÃES et. al. (Orgs.). Ensino de História: usos do passado, memória e mídia.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014. p. 165 -183.

CALADO, Flaviana Moreira. O ensino de Geografia e o uso dos recursos didáticos e tecnológicos. **Revista de Estudos Geoeeducacionais**, Fortaleza, v. 3, n. 5, p.12-20, 2012. Disponível em: <http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/159>. Acesso em: 15 abr. 2022.

CARVALHO, Ana Beatriz Gomes. LIMA, Edilene Gomes Oliveira. LEITE, Nahara Moraes. Os professores e o uso de tecnologias digitais nas aulas remotas emergenciais, no contexto da pandemia da covid-19 em Pernambuco. **Em Teia** – Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana – vol. 11 - número 2, Pernambuco, 2020.

CASTILHO, Gracieli Cristiani Schroeder. O ENSINO DE HISTÓRIA EM DISCUSSÃO PÓS LDB 9394/96. Conedu. Maceió.2020.

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. **Multiliteracies**: Literacy Learning and the Design of Social Futures. London: Routledge, 2000.

COSCARELLI, C. V. **Leitura em ambiente multimídia e produção de inferências**. 1999. 322f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Belo Horizonte, Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais, 1999.

COSCARELLI, Carla Viana. Ensino de língua: surtos durante a pandemia. *In*: RIBEIRO, Ana Elisa; VECCHIO, Pollyanna de Mattos Moura. **Tecnologias digitais e escola**: reflexões no projeto aula aberta durante a pandemia. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2020.

COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

COSCARELLI, Carla. Letramento digital e multimodalidade: uma entrevista com a professora Carla Coscarelli em tempos de pandemia. *In*: **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 34, p. 3-37, set.-dez. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/56238>. Acesso em: 17 abr. 2022.

COSTA, Marcella Albaine Farias. Ensino de História e tecnologias digitais: trabalhando com oficinas pedagógicas. Revista História Hoje. Vol. 4, nº 8, p. 247-264, Rio de Janeiro, 2015.

FERREIRA Marinalva da Silva ; NOGUEIRA, Edilma Bandeira de Araújo; MONTEIRO Karla Bianca Freitas de Souza. Educação Remota em Tempos de Pandemia: aprender e ressignificar a educação. 1.ed. Curitiba-PR: Editora Bagai, 2021.

FOCHI, Graciela Márcia. **Metodologia do ensino da história**. UNIASSELV: Indaial,2015.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história**. Papiros Editora, 8ª edição 2009.

FRANCO, A. F. et al. Ponderações sobre o ensino escolar em tempos de quarentena: carta às professoras e professores brasileiros. **Centro Esportivo Virtual**, 2020. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/ponderacoessobreoensinoescolaremtemposdequarentena-cartaasprofessoraseprofessores-brasileiros/>. Acesso em: 16 abr. 2022.

HODGES, C. et al. **The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning**. March 27, 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>. Acesso em: 15 abr. 2022.

HYPOLITO, Álvaro Moreira. **Trabalho docente, classe social e relações de gênero**. SP: Papirus, 1977. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico). 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2020.

IDOETA, Paula Adamo. Aluno dividia celular com dois irmãos: 51% na rede pública ainda não têm acesso a computador com internet. **BBC News Brasil**. São Paulo, 8 nov. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59182968>. Acesso em: 5 maio 2022.

SOUZA, Jaqueline Corrêa Godinho. INTEGRAÇÃO DAS TDICs NA EDUCAÇÃO: ESPAÇOS DIGITAIS. Revista científica Fesa. Mar. 2021 v. 2, n. 1, 74-88

KERSCH, Dorotea Frank; COSCARELLI, Carla Viana; CANI, Josiane Brunetti. **Multiletramentos e multimodalidade**: ações pedagógicas aplicadas à linguagem. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

LARCHER, Lucas. O diário de bordo e suas potencialidades pedagógicas. **OuvirOUver Uberlândia**, v. 15 n. 1 p. 100-111 jan./jun. 2019.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LORRAN, Tácio. Ipea: 96,6% dos alunos sem acesso à internet no Brasil são da rede pública. **Metrópoles**, 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/educacao-br/ipea-966-dos-alunos-sem-acesso-a-internet-no-brasil-sao-da-rede-publica>. Data de acesso: 03/07-2021.

MARTINS, Ana Rita. O que ensinar em História. **Revista Nova Escola**. Edição 218, 01 de Dezembro, 2008. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1791/o-que-ensinar-em-historia>. Acesso: 18/10/2021

MENDES, Murilo. **A história no curso secundário**. São Paulo, gráfica Paulista, 1935, p.41.

MERCADO, Luiz Paulo Leopoldo. **Formação continuada de professores e novas tecnologias**. Maceió: EDUFAL, 1999.

MONTEIRO, Ronnys dos Santos. ENTRE OS PCN E A BNCC: FACES DO ENSINO DE HISTÓRIA. Cajazeiras 2021.

MOREIRA, J. A. M.; HENRIQUES, S.; BARROS, D. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Revista Dialogia**, n. 34, p. 351-64, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/17123/8228>. Acesso em: 12 abr. 2022.

NADAI, Elza. Ensino de História no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História**, nº 25/6. São Paulo, ANPUH, 1993.

NASCIMENTO, R. N. A.; LIMA, V. de O. **Dimensões entrelaçadas do afeto e do saber: a educação de um novo tempo**. In: LIMA, V. A.; NASCIMENTO, R. N. A.; ESCOLA, J. J. J. (Orgs). Conhecimento, sociabilidade e humanidade. Campina Grande: EDUEPB, 2019.

NUNES, Clarice. **40 anos do golpe**: Ditadura militar e resistência no Brasil. 7 letras, Rio de Janeiro, 2004.

PAMPLONA, Nicola. Segundo IBGE, 4,3 milhões de estudantes brasileiros entraram na pandemia sem acesso à internet. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 14 abr. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/04/segundo-ibge-43-milhoes-de-estudantes-brasileiros-entraram-na-pandemia-sem-acesso-a-internet.shtml>. Acesso em: 6 maio. 2022.

PEREIRA, Ana Maria de Oliveira; COPATTI, Carina. **Letramento Digital, formação docente e práticas pedagógicas**: diálogos e aproximações. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; TONINI, Ivaine Maria; OLIVEIRA, Simone Santos de. (Org.). Geografia: diálogos, reflexividades e aproximações. Curitiba - CR, 292, p.143-153, 2017.

PLANO para implementação das atividades pedagógicas e aulas não presenciais, durante período de suspensão das aulas, em virtude da pandemia do novo coronavírus. **Secretária Municipal de Educação de Rio Branco**. Rio Branco: SEME, 2020.

RHEINGOLD, Howard. **Net Smart**: How to Thrive Online. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 2012.

RIBEIRO, Ana Elise. Tecnologia digital e ensino: breve histórico e seis elementos para a ação. **Linguagem e Ensino**, Pelotas, v. 19, n. 2, p. 91-111, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15260>. Acesso em: 14 abr. 2021.

RIBEIRO, Ana Elise; NOVAIS, Ana Elisa Costa. **Letramento digital em 15 cliques**. Belo Horizonte: RHJ, 2014.

RIBEIRO, M. de P.; CLÍMACO, F.C. Impactos da pandemia na educação infantil: a pandemia acelerou a necessidade de se problematizar a questão digital na educação infantil? **Pedagogia em Ação**. v. 13, n. 1, 2020. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/23756>. Acesso em: 14 abr. 2022.



RODRIGUES, Ellen Nogueira. As percepções dos professores e Alunos no contexto da pandemia de covid-19: uma revisão de Literatura. Educação Remota em Tempos de Pandemia: aprender e ressignificar a educação. 1.ed. Curitiba-PR: Editora Bagai, 2021.

ROJO, Roxane. (RE)pensar os multiletramentos na pandemia. In: RIBEIRO, Ana Elisa; VECCHIO, Pollyanna de Mattos Moura. **Tecnologias digitais e escola: reflexões no projeto aula aberta durante a pandemia**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2020.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. **A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula: entre o embate, o dilaceramento, e o fazer histórico**. Segundo encontro de perspectiva do ensino de história. 1996. Disponível em:

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1237854/mod\\_resource/content/0/A%20Forma%C3%A7%C3%A3o%20do%20Professor%20de%20Hist%C3%B3ria%20e%20o%20Cotidiano%20da%20Sala%20de%20Aula.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1237854/mod_resource/content/0/A%20Forma%C3%A7%C3%A3o%20do%20Professor%20de%20Hist%C3%B3ria%20e%20o%20Cotidiano%20da%20Sala%20de%20Aula.pdf)

SILVA, Marcos; FONSECA, Selva Guimarães. **Ensinar história no século XXI: em busca do tempo entendido**. Editora Papirus. São Paulo 2007.

SOUZA, Jucilene Oliveira; SOBRAL Maria Antonia Castelo. **Metodologias ativas para o ensino de história: uma análise no documento curricular de Roraima**. VII Congresso Nacional de Educação. Maceió, 2020.

SOUZA, Maria do Socorro; TAMANINI, Paulo Augusto. **As tecnologias digitais no ensino de história no brasil. Um mapeamento das pesquisas acadêmicas**. Revista Docência e Cibercultura. Vol.02. Rio de Janeiro. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/redoc.2018.36814>>

SOUZA, Suzimeyre Pereira; MEIRA, Thiago. A influência dos avanços das TIC na aprendizagem do aluno. **Revista digital**, Buenos Aires 2013. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd184/tecnologia-na-educacao-a-influencia.htm>. **Data de acesso 07/07**.

VARELA, Simone. Trajetória do Ensino de História no Brasil. **IV Congresso Sergipano de História & IV Encontro Estadual de História da Anpuh/SE**. Aracaju, 2014.

VICENTINI, D. et al. Educação infantil e desenvolvimento humano no contexto da pandemia: reflexões a partir da Teoria Histórico-Cultural. **Cadernos Cajuína**, v. 6, n. 4, p. 194-217, 2021. Disponível em: <https://cadernoscajuina.pro.br/revistas/index.php/cadcajuina/article/view/533>. Acesso em: 17 abr. 2022.

## APÊNDICE

Questionário respondido por Dulcilene Negreiros Kamily Costa

Função: Orientadora Educacional e Pedagógica

**1) Com o distanciamento social que medidas a escola tomou para garantir o ano letivo?**

Aulas remotas via plataforma webex

**2) Que plataforma foi usada para as aulas remotas?**

Utilizamos as plataformas webex e google classroom

**3) Que medidas foram adotadas para garantir a permanência dos alunos em sala de aula?**

Acompanhamento dos alunos, visitas domiciliares, impressão de atividades, orientações pedagógicas via vídeo chamadas e reunião com os responsáveis on line e outros.

**4) O que foi feito para garantir a inclusão de alunos sem internet?**

Fundação Bradesco disponibilizou internet gratuita para todos os alunos matriculados nesta instituição de ensino, bem como, empréstimos de celulares e notebooks para os alunos que não tinham.

**5) Que dificuldades você como orientadora pedagógica e educacional (OPEE) encontrou com as aulas remotas?**

A maior dificuldade foi manter os alunos em sala de aula virtual.

**6) Você tem dados do percentual de frequência e infrequência dos alunos?**

Sim. Semanalmente recebíamos uma planilha com a porcentagem individual de cada aluno, tanto na sala virtual, quanto de acesso ao portal educação para realizar as atividades postadas pelo professor.

**7) Qual o perfil socioeconômico dos alunos da escola?**

Baixa renda.

**8) Como a escola garantiu a conclusão do ano letivo ainda em 2020?**

Através de aulas remotas, impressão e entrega de atividades, avaliações nas casas dos alunos infrequentes, ligações e visitas as casas.

Diário de bordo elaborado pelos participantes desta pesquisa:

quando alongo, ficar longe dos meus colegas e amigos foi torturante, os vezes batia uma tristeza ou dor, nesse tempo de pandemia comecei a ter insônia, não conseguia dormir, as vezes chorava muito e me sentia sozinho. Afolta da escola e da igreja eram grandes. Nesse tempo percebi que estava muito longe de Deus, não me importava em nada, sentia falta dos meus amigos. Na escola também era como uma segunda casa, cresci com essa gente meio chata e de nada nos separaram.

Quando começaram a mandar avaliações fiquei com medo, tirar notas baixas era o meu fim

confesso que a vida sempre era minha vida, na volta as aulas presenciais ficou mais fácil de entender algumas matérias, mais continuei com a turma "apudista". Os aulas de história eram as aulas que eu tentava ao máximo entender, mas não sempre conseguia, porém era a que eu mais participava.

Na pandemia senti medo, angústia, tristeza, mais tristezas, mais medo, saudade, muita saudade de, chorei em vários momentos, escondido, não sabia porque, eu só chorava, pressão de todos os lados, da escola, da família, era sufocante.

Então, também percebi que não consigo me abrir tão facilmente, to tentando não lembrar que alguém vai ler isso

G.B

confissão que a escola sempre era  
minha saída, na volta as aulas  
presenciais ficou mais fácil de  
entender algumas matérias, mais  
continuei com aquela "ajudinha" Os  
aulos de história eram as aulas  
que eu tentava ao máximo entender,  
mas não sempre conseguia,  
porém era a que eu mais par-  
ticipava.

Na pandemia senti medo, ali-  
quês, tristeza, mais tristezas, ma-  
is medo, saudade, muita saudade.  
de, chorei em vários momentos,  
escondido, não sabia porque  
eu só chorava, pressão de to-  
dos os lados, da escola, da  
família, era sufocante.

Então, também percebi que  
não consigo me abrir tão facil-  
mente, to tentando não lembrar  
que alguém vai ler isso.

G.B

quando algo, ficar longe  
dos meus colegas e amigos  
foi torturante, as vezes batia  
uma tristeza ou dor, nesse  
tempo de pandemia comecei  
a ter insônia, não conseguia dor-  
mir, as vezes chorava muito  
e me sentia sozinho. Falta da  
escola e da igreja eram grandes.  
Nesse tempo percebi que estava  
muito longe de Deus, não me  
esforçava em nada, sentia fal-  
ta dos meus amigos. Na esco-  
la também era como uma se-  
gunda casa. Cresci com esta  
gente meio chata e de nada  
nos separamos.

Quando começaram a mandar  
avaliações fiquei com medo, ti-  
ror notas baixas era o meu fim



Em relação as aulas graças a Deus eu tinha todos os recursos. Tinha internet e não me desesperava em relação a isso. O app Webex no começo não saíam como usá-lo, aprendi com o tempo e clicando nas coisas, tinha medo do meu celular não aquecer e eu ficar com raiva pois o Webex tira muita bateria, queria muito um notebook mas só ganhei nesse final de ano. Em relação as aulas remotas, eu tenho dificuldade para prestar atenção e automaticamente não aprendia muita coisa, as aulas pra mim só ficaram mais chatas e eu desenhando ou arru-

G.B

Mas provador eu fiquei um pouco  
com o pé atrás, eu usei o Google, até  
mesmo eu fiz um gabarito, em histo-  
ria eu gostei bastante do conteúdo, prin-  
cipalmente da aula sobre o Nazismo.

~ ~ ~

A.L.S

Eu tinha recursos como internet, eu tinha um lugar calmo e silencioso para estudar, às vezes eu tinha que fazer as coisas em casa, eu até mesmo ia comprar as coisas no meio da aula

No início eu tinha dificuldade com o aplicativo, no início eu não conseguia acessar as aulas, também não dominava muito o aplicativo, nem participava das aulas, eu achei a aula remota um pouco muito chata, porém gostei dos conteúdos, eu achei que não iria conseguir entender o básico (não entendi, pois) e aqui ensinei a respeito da questão de "LIGAR A CAMERA"

Eu realmente não queria estudar, eu só queria dormir até tarde, eu tive muito exaustão de tanto sobrecarga tanto em casa quanto na escola

~ ~

~ ~

A.L.S

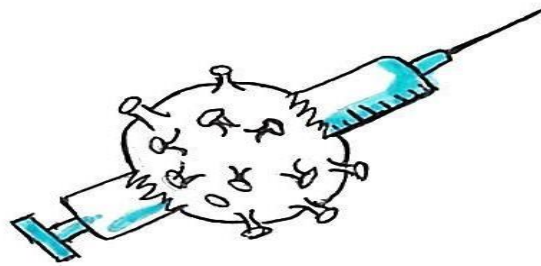


Em período de quarentena, quando  
aprimos a notícia do novo apartamen-  
to da escola eu realmente fiquei feliz  
porque estava sem aula, porém um  
polício preocupado de como seria as  
coisas em casa, eu achei que seria  
mais de boa, "Vou ficar em casa se  
pretando a mãe falar e mexer no alu-  
lar", o de sempre, so que mudou  
muita coisa foi uma reviravolta em  
me, meu relacionamento com familiares e  
amigos.

~.~

A.L.S

DIÁRIO DE  
BARB  
PANDEMIA - 2020



FUNDACÃO BRADESCO

2020

Para mim a internet nos faz esquecer quem somos atrás de uma tela, faz a gente fingir que tá tudo bem quando não tá, me encontrei numa situação onde ninguém podia me ajudar ou ao menos me entender, me tornei tão mentiroso em fingir que tá tudo bem, meus pais nem perceberam que tinha algo errado hoje vejo que o psicólogo refletiu pro físico, que não me dá vontade de fazer nada, até mesmo entrar na sala me fazia lembrar momentos das provas de escola que eu nem lembrava que tinha, não sei se isso faz parte da adolescência ou do efeito da quarentena, só queria ser como antes.

A.L.H.S

Acho que a quarentena me ajudou a dar mais valor às pessoas, mais o processo foi bem solitário, a escola pra mim sempre foi um refúgio, onde eu saía da realidade e vivia com pessoas que entendiam, de repente tudo mudou, e todos os problemas que eu sempre vixei de lado vieram à tona, comecei a ser uma pessoa totalmente diferente de quem eu era/ser ou talvez quem eu sou de verdade, de repente me vi presa em uma escuridão onde não conseguia sair todas as coisas que eu gostava de fazer se tornaram apenas lembranças, meus amigos não eram meus amigos, e fiquei totalmente introvertida, as pessoas me assustava e saí de casa pior.

A.L.H.S

A quarentena pode-se dizer que foi um dos momentos mais difíceis da minha vida ao mesmo tempo começar no início, quando eu descobri que nos iríamos ficar de quarentena e não iríamos mais ir a escola, não vou mentir fiquei até feliz pois seria basicamente ~~o~~ seria uma "férias" adiadas mais não foi, a quarentena veio carregada de outros problemas que eu nem sabia que tinha.

A.L.H.S

Sobre história eu tive que assistir muito vídeo aula para compreender o conteúdo, mas consegui entender muitas coisas, na primeira prova do ano passado era um mapa mental, e eu peguei um na internet por desespero. Eu esqueci de falar um ponto importante das avaliações, foi que nesse ano eu achei melhor por causa da sondagem :)

C.A

Eu não conseguia prestar atenção nas aulas eu só acessava e às vezes mechiá com outros aplicativo eu chegava e dormir em algumas aulas, eu ficava com raiva porque tinha muito barulho na vizinhança, e eu não conseguia me concentrar nas aulas, mas depois eu comecei a prestar atenção e foi bem melhor. As avaliações no ano passado foram um pouco ruim para mim, mas não foi o conteúdo, e sim a forma de fazer principalmente artes, porque eu não tinha muito material de artes e nem papel branco, e eu tinha que improvisar, o que era bem chato, pois eu tinha que fazer de material, eu lembro que em uma atividade eu tive que fazer tinta caseira, eu fiz cola caseira e depois misturei com ingredientes caseira para fazer a atividade avaliativa e a atividade avaliativa, e a atividade não ficou legal, recebi ~~uma~~ nota alta e fiquei feliz.

C.A

Se passou duas semanas e nada. Até que um dia eu vi uma mensagem no portal educação que agora nos iniciamos estudar online. Eu fiquei confusa e assustada com essas ideias mas eu tentei ficar calma. Na primeira semana eu não quis assistir as aulas online, eu ainda não tinha aceitado essa ideia, mas depois eu comecei a assistir na base do ódio. O bom foi que eu não tive problema com a internet e nem o aplicativo, eu tinha todos os recursos, só não tinha a disposição de assistir. Eu achei o ensino remoto no início muito ruim, mas depois me acostumei e passei a achar bom, mas primeiras provas que nos fizemos ano passado eu tive crise de ansiedade e fiz as provas chorando e depois e depois nas outras provas eu fiz mais calma, não tão calma, mas eu fiz mais de boa.

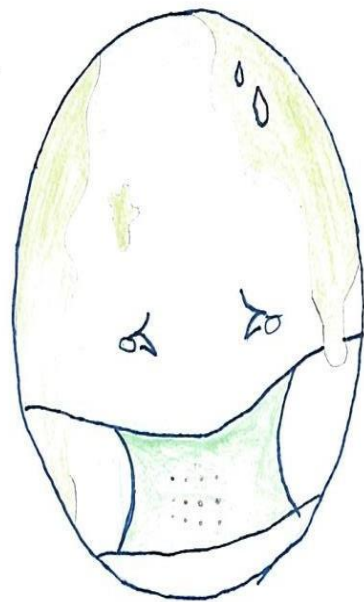
C.A



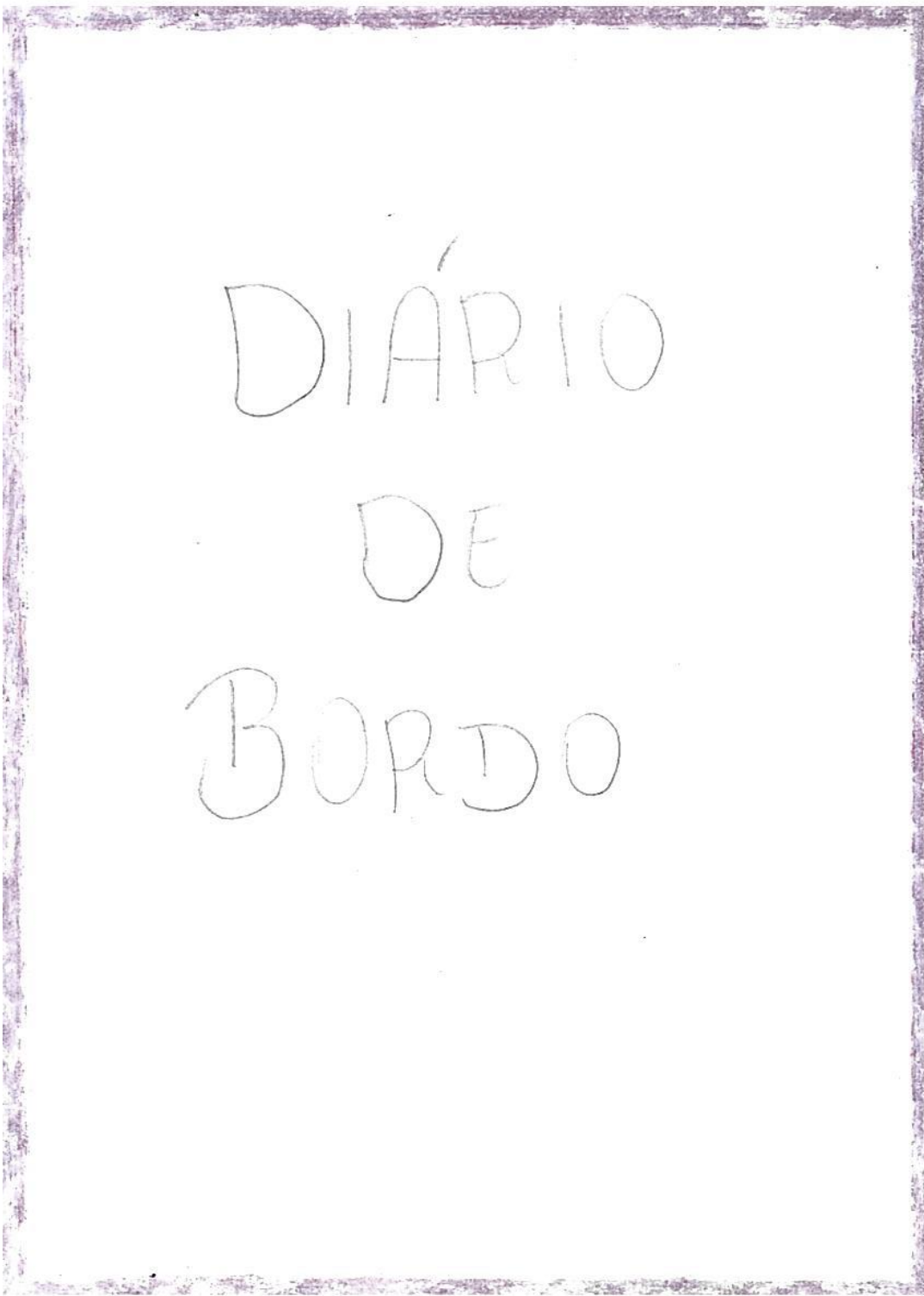
Primeiro eu fiquei sabendo que havia um vírus na China, mas eu pensava que era só lá. Depois a escola disse que nós íamos ficar em casa por duas semanas e que o vírus era global. No início eu fiquei assustada porque me disseram que o vírus só matava, mas depois eu soube que ele em alguns casos só deixava sequelas e que também poderia se recuperar. Nós entramos em quarentena nas semanas de prova, e eu fiquei bem preocupada com isso, mas a escola disse que quando voltássemos nós íamos fazer as provas.

C.A

DIÁRIO  
DE  
BORDO



C.A



DIÁRIO  
DE  
BORDO

C.A

W.D

Sempre tinha aquela conferida na na net, ou se algum colega havia marcado a mesma que eu.

Com a melhora da pandemia e a diminuição de casos as escolas voltaram em sistema híbrido, uma semana presencial outra online.

W.D

Sempre tinha aquela conferida na na net, ou se algum colega havia marcado a mesma que eu.

Com a melhora da pandemia e a diminuição de casos, as escolas voltaram em sistema híbrido, uma semana presencial outra online.

W.D

Sempre tinha aquela conferida na na net, ou se algum colega havia marcado a mesma que eu.

Com a melhora da pandemia da diminuição de casos as escolas voltaram em sistema híbrido, uma semana presencial outra online.

W.D

J  
Diário  
de  
Bordo

J

L

L

A.L.R

Nessa pandemia tivemos que recorrer ao ensino remoto, e iniciamos em abril de 2020, de início isso realmente não foi um problema para mim, eu tinha internet e um despertador para orientar os aulas, eu conseguia assistir as aulas perfeitamente bem, e consegui dominar rapidamente a ferramenta. Durante um certo tempo, uma média de 6 meses, eu conseguia assistir as aulas e aprender algo, mas após uns seis meses quando eu estava nos meus estudos, fui abordado por livros e o conteúdo e por aí a tirar prints, número deles e apenas o conteúdo estudado, por conta das provas eu poder estudar, nunca achei que seria tão difícil estudar, em anos de minha vida, não achei que eu, que sempre tive tanta vontade de estudar, perderia tanto interesse por isso.

A.L.R

Nesse período assistia aulas que eu se quer conseguia assistir pelo curso que eles me ensinavam, mas os de história, artes, etc, eu realmente estava perdendo.

A notícia de que vamos voltar ao presencial de fato me abalou e eu até mesmo chorei de desespero, por eu definitivamente não queria que conseguisse ver os professores daqui novamente e tinha medo pelos tempos que eu não fiz durante esse tempo.

A.L.R



Quando chegava época de prova, a maioria não foi honesto inclusive eu, mas algumas questões eu realmente tentava resolver sem cola e reboteira mas não vou mentir que eu pegava cola em relação o que eu aprendi sobre história, em pouco, mas não muito

Durante alguns meses foi frequente eu sair durante os aulas e até dar atenção em ficar desesperto para saber suas opiniões ou demais estudos para conseguir fazer os provas. Por mim era mesmo assim foi completamente desastroso

Minha experiência na pandemia foi bem difícil passei por momentos que sempre pensei passar, minhas avias remotas no começo eu fiquei bem animada porque seria uma nova experiência, mas o tempo foi passando e já não conseguia me concentrar.

Como nos primeiros momentos as provas eram impessoal e para as perguntas na sala, para terminar. Ion rapidamente e dentro do prazo, frequentemente eu fonia com alguém. Quando mudou a forma de entrega as provas, apesar de eu não fazer com ninguém, eu ponho a compartilhar minhas respostas, e que certamente, após isto, foi decepcionante lembrar

A.F.S

Minha mãe comprou um notebook para mim estudar, mas ela tinha pouca memória e trocou muito, já minha internet não era boa porque o wifi a gente dividia com mais duas vizinhas então ficou muito lenta.

No começo eu entrava nas aulas, mas com o tempo perdi o ânimo, me desisti de muitos amigos, passava o dia sozinho, sem conversar com ninguém, me decepionei com muitas pessoas, passava o dia dormindo, não assistia às aulas porque me perdi totalmente, mas tinha uma coisa na minha mente que não queria me dar assim

Eu tentava entrar nas aulas, antes de dormir fazia planos pro estudo, mas não cumpria, não tinha ninguém para desobalar e tinha que ~~desobalar~~ suportar tudo sozinho, mudei de religião, me encamei para uoanda e uoanda é sobre o universo, lá da atração e uoanda é me sinto tão bom praticando tudo isso, mas sobre a escola hoje me arrependo de coração por não ter acesso às aulas

A.F.S

# Diário De Bordo

2020

## Pandemia-Coronav

No começo da pandemia minha reação e dos meus familiares e amigos foi o fim da picada pelo momento de angústia e medo, logo quando as escolas fecharam pelo maldito motivo da pandemia, com seguiram achar um aplicativo que nos ajudasse a conseguir acessar a aula, do que de uma maneira muito ruim,

Pelo menos não fomos prejudicados, a parte que eu menos gostei foi quando tivemos o motivo que não poderíamos voltar às aulas para a escola, nisso eu já pensei em meus amigos como vou ver mais com um tempo me acostumei.

R.C.C

Com esse novo método de estudo era preciso de acesso a internet e esse era o problema não só pra mim como pros meus amigos, por que tão de renda financeira em outra palavra, no logo logo as coisas foram se estabelecendo e todos conseguiram se acostumar, eu já manjava no aplicativo, peguei a manha muito fácil, na minha opinião o ensino remoto não foi tão bom pelo motivo de algumas pessoas não assistiram as aulas e que entrou dormiu e fazia algo diferente como eu, mas essa era a única maneira, infelizmente

Nas avaliações que era o terror, muitos utilizaram a internet como eu, não vou mentir né, alguns até pediram ajuda para colegas como eu mais enfim, nas aulas de história eu não gostei muito, porque a maioria dos vezes eu dormia e com isso perdia muito conteúdo e pegava muito jeito também

R.C.C

# Diário da Quarentena

Quando disseram que seriam 15 dias em casa eu fiquei muito feliz, 15 dias em casa sem fazer nada, sem aula parece um sonho né? Pois não foi, passaram os 15 dias e nada das aulas voltarem, a pandemia só aumentava, quarentena sem poder sair. Isso começou a virar um "sufoco!"

B.V.M.G



Começaram as aulas online, eu tinha tudo pra fazer aula, só faltou a vontade, a coragem pra entrar e estudar. No começo eu até fazia me empenhar, eu melhor, tentava com o tempo tudo ficou mais cansativo a vontade de não fazer nada. Cresceu mais ainda. Estudei em EAD e um grande aprendizado, não aprendendo do conteúdo mas sim de aprender a usar o celular como recurso para aula.

Muitas das vezes eu dormia nas aulas por falta de interesse, por preguiça, por desânimo, as vezes nem eu ia na aula. As avaliações foram a maior dificuldade porque era tudo novo, muito dos conteúdos eu mal sabia, algumas eu realmente sabia. As aulas de história eu senti muita dificuldade pois nem na escola eu conseguia fácil, em casa piorou muito. Eu não aprendi muita coisa. Foi um tempo muito difícil, que todos tivemos que ter paciência, e aguentar firme e graças a Deus estou aqui pra escrever isso.

Deu sentir saudade. Amo a senhora.

B.V.M.G

## Início da pandemia

Em 2020 no mês de março tive  
mes em nosso estado a confirmação  
do 1º caso de Covid-19.

As aulas foram suspensas por  
15 dias com a realização de post-  
gresso de atividades para correção  
na volta.

Passados 15 dias, fomos infor-  
mados que daríamos aula a dis-  
tância. Quando soube queria mor-  
rer, pensei em pedir demissão  
de tão apavorada, chorei muito.

Fiquei preocupada, pois na  
minha casa silêncio e tranqui-  
lidade não eram comuns. Não  
tinhas os recursos necessários e  
a minha internet nem funciona-  
va no app que vamos usar.

Passado o pânico inicial era  
preciso me organizar e aprender  
meser na plataforma.

Apanhei muito, mas consegui  
dominar o mínimo antes de come-  
çar.

## Aulas remotas

Começamos as aulas e o pânico diminuiu, porém detestava aquele formato. De repente saí de sala viva para um ambiente inesperto.

O silêncio era mortal na maioria das turmas, câmeras desligadas e poucos movimentos.

Sempre gostei de conversar com os alunos, mas ali não tinha muito retorno. Era desesperador, me sentia um lixo.

Os alunos respondiam meus questionamentos pelo chat, mas falavam muito pouco.

Precisava manter os alunos em sala, buscar metodologias, estratégias e apps para melhorar as aulas, mas no início era só aula expositiva mesmo.

O maior defeito era saber que muitos não estavam ali, fiquei microfones e ouvia um grande silêncio, as vezes um som alto, ruído estridente.

Era desgastante dar aulas para uma tela cinza e sem movimento nenhum. O pior é que eu realmente ~~l~~ava.



## Produção de Vídeos

Recebemos a notícia que teríamos que produzir vídeos para reforçar a aprendizagem dos alunos.

Queria mexer com aquela notícia. Estava diante um desafio que precisava ser superado, não sei editar vídeos, tinha problemas com a minha imagem. Já tinha abandonado formalizmo por um motivo e agora gravar vídeos.

A solução era usar o power point para meus vídeos, sem minha imagem. Assim fiz, com a ajuda do meu filho, passava horas trabalhando nisso.

O pior era querer estimular a assistir os vídeos, tinha que garantir que os alunos assistissem aos vídeos de minha autoria.

Não devíamos usar os vídeos do youtube e sim produzir os nossos garantindo visualizações para contabilizar carga horária.

## Postagens diárias

O fim do ano estava chegando e faltava muita da carga horária. Depois a vez alcançada, era preciso converter em horas aula as postagens no portal educação.

Foi definido que era necessário realizar 10 postagens por aula dada, era desafiante.

Se eu desse aula um 4 séries diferentes eu deveria fazer 40 postagens naquele dia. Era desumano essa situação, pois uma parte do dia ministrava aula na outra produzia o postava, impossível seguir o seu horário de aula, principalmente para quem trabalhava em outras instituições como é o meu caso.

A sobrecarga era grande e não valia como amenizar a situação, pois tínhamos que continuar e fazer um bom trabalho, dentro do possível.

## A avaliação

A avaliação era um momento tenso. Não podia errar ou deixar pendências, pois se o diário fosse fechado não podíamos mesclar em nada. Inicialmente foram atividades diversificadas. Deviam pegar os pacotes na escola e entregar os trabalhos feitos. Muitos trabalhos sumiram, era um transtorno.

Depois aprendemos a usar a sonolagem no Welox, mas durante as aulas. Às vezes tínhamos problemas pela conexão. Todos deviam ficar com as câmeras ligadas.

Era triste saber que comparti-  
lhavam as respostas, tinha aluno que chegava nos últimos minutos, não lia a prova e tirava 30,00. Óbvio que havia cola.

Por vários dias pudemos ficar após o horário por conta das ausências e conexão com a internet.

Era irreal aquele resultado com 30 de cima abaixo. Isso era confirmado com as aulas e quando voltamos que não sabíamos sequer o conteúdo que estava sendo trabalhado.



Meu emocional estava total-  
mente fragilizado e ainda tinha  
as disciplinas do metrô para  
fazer. Desisti, mas dois professores  
professores, Sérgio e Tereza me estimo-  
laram a seguir a diante, então con-  
tinuei.

O medo, a ansiedade e o desa-  
nimo passaram a conviver diaria-  
mente comigo. Pequei Covid-19, brã  
o que mais tinha medo, mas  
consegui superar.

Era muito ruim estar sob  
pressão. Eramos vidraças prestes a  
serem atacadas, pois não dava aula  
para os alunos e sim para a fami-  
lia toda. Qualquer fala poderia não  
ficar clara e trazer problemas.

2020 acabou DATA / /

O ano 2020 acabou e conseguimos  
no dia 18 de dezembro encerrar  
aquele ano e as incertezas eram  
muitas, pois não sabíamos como  
seria o ano seguinte. Saímos ali  
rápidos com a sensação de derrota.  
Voltamos em 2021 no mesmo  
formato, seguindo o ensino remoto  
e nossas práticas.

Em Outubro de 2021 voltamos  
para o híbrido e com escalonamento,  
metade em casa e a outra na sala.  
Era complicado atender a todos, pois  
tinha que dar assistência aos de casa  
e aos da escola.

WEMEFRA ROCHA

## ROTEIRO PARA AULA REMOTA

DISCIPLINA: HISTÓRIA - Professora: Wemefran Rocha

Tema da aula: Guerra Fria

Tempo: 2 aulas

Objetivos:

Compreender o conceito de guerra Fria e seus impactos na formação do mundo bipolar.

Reconhecer as disputas decorrentes do conflito.

Inicialmente começaremos realizando o levantamento dos conhecimentos prévios da turma, por meio da ferramenta sondagem disponível na plataforma webex.

Após isso, faremos uma breve apresentação do conteúdo (20 min) com apresentação de slides trazendo as noções gerais do conteúdo.

Na sequência, os alunos serão destinados a grupos de estudos nas sessões breakout, com assuntos específicos para realização de pesquisas, leitura e discussão entre eles.

Após 30 minutos, deverão retornar para a sala com todos e socializar os resultados de suas pesquisas. Para tanto, podem usar produção de slides, leitura de imagem ou texto selecionado pelo grupo.

Como forma de dinamizar a aula Compartilharei o link no chat para que acessem o link e voltem após concluir para trabalharmos em cima dos seus erros.

<https://wordwall.net/pt/resource/5600774/guerra-fria>

Ao final deveremos produzir para registro no caderno um breve resumo do que estudamos.

## ROTEIRO DE APRENDIZAGEM 9º ANO

DISCIPLINA: HISTÓRIA - Roteiro 08

Professora: Wemefran Rocha

Nome do aluno:

Hora de retomar nossos estudos!

Este roteiro vai levar você a ampliar e consolidar um novo aprendizado cheio de novas descobertas sobre a Guerra Fria.

Leia com muita atenção o enunciado das tarefas, pesquise e reveja o material usado na aula, ele vai te ajudar a encontrar a resposta e com a pesquisa você descobrirá coisas novas sobre o assunto estudado.

Ao concluir este roteiro, você será capaz de:

Conceituar a guerra Fria e identificar as disputas em questão.

Identificar as disputas decorrentes do mundo bipolar.

Identificar conflitos indiretos da Guerra Fria.

A entrega do roteiro deverá ser realizada até a próxima aula, por meio de postagem no Portal Educação, como anexo do post que estará disponível a partir de amanhã.

Atividade 01:

Analise a imagem abaixo e a partir dela estabeleça o conceito de Guerra Fria.



Fonte: <https://brasiliarios.com/politica/1815-o-que-ainda-nao-aprendemos-com-as-licoas-da-guerra-fria>

### Atividade 02

Como sabemos a Guerra Fria não foi caracterizada por um conflito direto entre os EUA e URSS. A partir das imagens abaixo, produza um texto sobre as disputas do período.



[/br.pinterest.com/pin/535998793149141043/espacial/](https://br.pinterest.com/pin/535998793149141043/espacial/)



<https://www.todamateria.com.br/corrída-espacial/>

### Atividade 03

Pesquise e mencione conflitos indiretos da Guerra fria.